

# INTUIÇÃO

---



Ismael Specht

# INTUIÇÃO

---

ouvir, Acreditar e Fazer

autografia

Rio de Janeiro, 2024

*Intuição - Ouvir, Acreditar e Fazer*  
SPECHT, Ismael

ISBN: 978-85-518-6981-9

1ª edição, Setembro de 2024.

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Paulo Gomes

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro

RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050

[www.autografia.com.br](http://www.autografia.com.br)

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem  
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

Este livro levou mais de dez anos  
para ser escrito e foi concluído em:  
02 de maio de 2024.

Dedico esta obra  
aos meus amigos e incentivadores  
Emanuel Ivan da Silva  
& Gerson Serini.

*“[...] – mas só posso colocá-lo em prática e desejá-lo com  
força suficiente se o desejo estiver completamente enraizado em mim,  
se todo o meu ser estiver preenchido dele. No momento em que isso  
acontece e você tenta fazer algo que vem de dentro do próprio ser, então  
isso dá certo; [...]”* – Hermann Hesse (Demian, 1968, p.68).

*“Intuição não é um talento misterioso. É o subproduto direto do  
treinamento e da experiência que foram estocados como conhecimento”*  
– O Segredo de Luísa (Fernando Dolabela).

*“Ela compreendeu intuitivamente que seria forçada a  
passar por uma drástica mudança pessoal [...] Ela pensava sobre isso  
dia e noite”* – Lisbeth Salander (A garota na teia da aranha –  
Lagercrantz, p.444, 2015, Verschwörung).

# SUMÁRIO

Introdução, 9

Capítulo I – Intuições, 13

1. O que é mais forte?, 13
2. Quem você é, 14
3. A noite e a vida, 15
4. A mente e o desabafo, 17
5. Generosidade, 19
6. O verdadeiro sucesso, 20
7. Orgulho de ser brasileiro, 22
8. Orgulho de ser universal, 25
9. Percepções, 26

Capítulo II – Parábolas, 27

1. O que você pretende ser na vida?, 28
2. Quando é para ser, 30
3. Não há lugar como o paraíso, 39
4. O jardim da educação e os frutos da leitura, 47
5. Coração de Gesso, 50

Capítulo III – Discursos, 57

1. Discurso de formatura como aluno de inglês I, 60
2. Discurso de formatura como aluno de inglês II, 62
3. Discurso de formatura como professor de inglês I, 64
4. Discurso de formatura como professor de inglês II, 65
5. Discurso de Formatura como Professor de Inglês III, 66
6. Discurso de formatura como professor de inglês IV, 67
7. Discurso de formatura como professor de inglês V, 69
8. Discurso de 50 anos de casamento, 71

## Capítulo IV – Composições e Poesias, 75

1. Vitória , 76
2. Inquietude, 77
3. Sonho, 77
4. Sempre tentando, 78
5. Todos os dias, 79
6. Intuição, 80
7. Você estava triste ontem?, 81
8. Ela, 82
9. Não há escapatória da Vida, 82
10. Excêntrico, 83
11. A Camila me desenhou, 84
12. Acreditador, 85

## Capítulo V – As sete perguntas de Gerson, 87

1. os seres humanos devem evoluir até se tornarem pedras?, 90
2. Por que todo ser humano nasce com defeitos?  
Teria Deus falhado no projeto?, 99
3. Diante do infinito Universo, por que só existiria  
a raça humana com inteligência?, 107
4. Sabendo das distâncias entre os planetas e estrelas,  
que estão anos-luz da terra, como podemos  
viver no máximo cem anos?, 111
5. Diante da perfeição do funcionamento do Universo, desde a  
menor forma de vida até a mais complexa, como não acreditar  
que existe uma força superior que criou tudo isso?, 117
6. Parar, sentir a própria respiração, não pensar em nada,  
e escutar o silêncio, é uma maneira de percebermos o ser  
que somos; por que é importante fazer isso?, 123
7. Nas sociedades contemporâneas, o “ter” está sempre  
à frente do “ser”. O que fazer para que o “ser”  
possa ser priorizado em relação ao “ter”?, 133

Capítulo VI – o que é a Intuição?, 138

Capítulo VII – Grupo Pensante, 144

Capítulo VIII – A caminhada até  
o Cânion Fortaleza, 149

Capítulo IX – A Meditação de Emanuel, 167

Capítulo X – Quem já quis morrer  
sabe que escolheu viver, 173

Capítulo XI – Só vive quem dorme, 183

1. Dormir 8 horas por dia, 184
2. Rotina do sono, 187
3. Higiene do Sono, 189
4. Soneca poderosa, 191

Capítulo XII – Emanuel, 195

1. Inferno, 196
2. Purgatório, 201
3. Paraíso, 210

Capítulo XIII – oração Final, 215

REFERENCIAL TEÓRICO, 217

# INTRODUÇÃO

A gente não nasce escritor; a gente vai se tornando. No meu caso, foi quase sem perceber. Eu escrevia um pouco aqui; um pouco ali. Quando eu me dei conta, eu tinha algo que parecia uma quantidade suficiente para compilar um livro. Foi assim que a ideia de publicar este livro nasceu.

Minha primeira incentivadora, e certamente maior influenciadora, para me tornar um escritor, foi minha mãe, a Terezinha. Sempre que alguém celebrava alguma data importante, tipo um aniversário, ou casamento, ela me pedia para escrever uma “cartinha” com palavras bonitas. E eu sempre fazia com a maior empolgação. Não sei bem o porquê disso.

Na verdade, o nome da minha mãe não é Terezinha, mas Lúcia. Bem, é difícil de explicar. É que ninguém chama minha mãe pelo primeiro nome dela, que é Terezinha, mas Lúcia, que é o segundo. Isso é tão verdade que, até os meus 33 anos, eu não tinha percebido que em todos os meus documentos de identificação o nome dela não tinha o primeiro nome, Terezinha. Eu tive que refazer tudo.

É assim que vai nascendo um escritor, ou qualquer profissão. A vida vai nos conduzindo por histórias, erros e acertos, que, de repente, algum dia, se metamorfoseiam em aprendizado e se tornam interessantes.

Então, depois de grande, eu continuei escrevendo “cartinhas”, só que de amor, para as meninas que eu gostava. Sim, eu sei, isso é bem piegas. Mas eu acho que as “namoradinhas” gostavam. Até porque, quando eu sento para escrever, é sinal de que eu realmente me importo com o que eu vou dizer. Na verdade, teve uma, a última, pra quem eu escrevi que não parece ter gostado muito, pois ela nunca disse nada. Daí eu parei de escrever pra ela.

E isso faz parte, a gente tem que amadurecer mesmo e partir para outras histórias, outras escritas. Os textos que você vai ler ao longo

deste registro literário têm um pouco de tudo o que escrevi ao longo de mais de dez anos. Tem coisas que eu rabisquei que devem até ter mais tempo do que isso. Eu juntei tudo neste trabalho para ver o que ia acontecer.

Ele pode ser considerado tanto como o primeiro livro que escrevi, como um dos últimos, por mais paradoxal que isso possa parecer. Algumas partes dele foram escritas nas minhas primeiras tentativas como escritor e outras quando eu já era um escritor de fato. Talvez você perceba os diferentes momentos e as variadas qualidades na escrita.

Ficou um livro diferente; uma coisa bastante íntima, na verdade, pois como eu disse, quando eu sento para escrever, é porque eu realmente me importo. Então aqui estão pensamentos que eu escrevi com muito coração.

Como alguns são de um tempo em que eu ainda não era escritor, eles parecem um pouco infantis e em processo de amadurecimento. Portanto, apesar de fazer as devidas correções gramaticais, eu decidi preservar a autenticidade e ingenuidade de tudo o que eu escrevi, mesmo quando elas pareciam “bobinhas”. Este é um compêndio sobre o processo intuitivo da construção de um escritor, e também do desenvolvimento de um ser humano.

Não aparecerá nenhuma cartinha romântica no meio deste material todo, apesar de que terão alguns poucos momentos em que um coração partido ajudou a escrever, principalmente em uma das parábolas e em algumas das canções, mas eles serão apenas uma parcela pequena do todo. Todavia, certamente haverá muito amor, muita confissão e bastante empenho em cada uma destas páginas.

Escrever é algo muito solitário e físico. Não adianta. Há que se sentar por horas a fio, escrevendo em silêncio, revivendo momentos, ressentindo alegrias e tristezas, pensando em quem for ler, tentando ser divertido, buscando coragem para dizer o que a gente teria medo de falar na vida real; enfim, escrever é um confessorário e uma corrida de 10 quilômetros. Tem que lavar a alma e

tem que “suar a camiseta”. Acima de tudo, escrever é um chamado inquietante.

Este não é um livro como aqueles que estamos acostumados a ler. Ele é fruto exatamente do que o título sugere: a intuição. Por muito tempo estas eram apenas ideias arquivadas em um computador. Entretanto, chegou o momento em que eu recebi um chamado me pedindo que as compartilhasse com o espaço e o tempo.

Eu não tenho intenção nenhuma com este material. Não foi meu intelecto quem o criou, mas a minha contemplação e obediência. Eu apenas permiti que estas palavras se materializassem através do meu ser. Portanto, elas não me pertencem. Elas poderiam ter sido escritas por você, ou qualquer outra pessoa.

O único mérito que eu aceito receber é o de ter tido a dedicação de sentar por muitas horas de trabalho e colocar em forma de livro o que eu estava “ouvindo”. Além disso, eu divido esse reconhecimento com o Gerson Serini, meu amigo e mentor, que acredita em mim, que sempre filosofa comigo, e que me auxiliou nesta empreitada; e também com o Emanuel Ivan, meu amigo e incentivador, que sempre me apoiou e compôs músicas comigo.

Acima de tudo, este trabalho é também uma prova de coragem que simboliza a liberdade que todos nós temos de fazer o que acreditamos que devemos realizar. Por pouco eu não publiquei este livro, por achar que era simples e insignificante demais. Entretanto, eu refleti melhor, e pensei que ele poderia ser um incentivo para outras pessoas, que talvez também tenham um sonho, mas que tenham medo de tentar.

Um livro sobre intuição é justamente sobre isso: a coragem de tentar. Seguir a nossa intuição é acima de tudo um ato de bravura; principalmente quando a gente precisa superar as nossas próprias inseguranças. E assim como eu não sou o mesmo após compilar este material, você também não será o mesmo ao finalizar esta leitura.

Deixe a sua intuição te levar por caminhos desconhecidos e quem sabe você terá um encontro especial com o ser que a Vida quer fazer de você. Permita-se existir em todo o seu potencial. Não que isso seja algo assim tão fácil de colocar em prática. A gente nem sempre acerta o ponto. Talvez o segredo seja não tentar demais, mas deixar acontecer, pelo menos às vezes; e aprender a ouvir, acreditar e fazer no momento oportuno.

Agora, antes de você iniciar a sua jornada, eu quero lhe dar um presente. Este é um presente especial. Ele é muito mais valioso do que qualquer bem material que você possui. Ele é tão valioso que não pode ser comercializado. Na verdade, todas as pessoas o possuem, mas não usufruem dele.

O presente é um encontro com você mesmo e com o Universo. À noite, pegue uma cadeira qualquer. Posicione-a em um jardim com gramado. Sente-se na cadeira e observe o céu sobre você. Veja a maravilhosa obra de arte que se apresenta a você todas as noites de graça. Nunca foi preciso viajar para longe para apreciar algo belo. A beleza está sempre com você, ao seu redor, sobre sua cabeça e até mesmo em você.

Enquanto olha para o céu, fale e peça o que você quiser. Analise a sua existência. Escute a voz dentro de você. Exponha suas dúvidas. Deixe a sua mente flutuar livremente. É em momentos como esse que a intuição mais gosta de aparecer. Mais do que tudo, sinta-se em paz e feliz, pois você faz parte de algo muito especial: a existência.

Essa existência não é algo simples e fácil de estimar. O nosso dia a dia atarefado nos rouba das oportunidades de admirar o milagre da Vida. Mas, em alguns momentos, conseguimos perceber o quão especial tudo isso é. E o que torna tudo tão belo não é o fato de tudo estar certo, mas o fato de a nossa intuição nos dizer que as coisas são do jeito que devem ser.

Boa jornada intuitiva.

# CAPÍTULO 1 - INTUIÇÕES

De tudo o que se encontra neste livro, a essência *não* é fruto de um intelecto refinado pela técnica ou instrução formal. O essencial é resultado de pensamentos espontâneos, cujo processo de criação se encontra disponível a todos em qualquer nível de instrução.

Uma amostra representativa disso é o capítulo Intuições, que agora iremos ler. Alguns destes textos vieram a mim quando eu ainda era muito jovem, e, portanto, incapaz de, por minha própria bagagem teórica, compor algo que anos depois ainda pudesse fazer algum sentido para mim, ou para outras pessoas, caso a fonte fosse apenas técnica e erudita.

Isso prova que o que aqui está escrito não é resultado de minha capacidade intelectual bruta, mas sim de minha disposição em receber e transmitir um conhecimento que não partiu de mim, e que, conseqüentemente, não me pertence. Pertence, sim, a quem vier a apreciá-lo. Confesso que em mim, ainda hoje, eles geram certa surpresa.

Estes são exemplos da intuição pura tentando se comunicar.

## 1. O QUE É MAIS FORTE?

Uma grande e forte árvore, antes de se tornar majestosa e imponente, precisa ser apenas uma pequenina semente. Uma bela e aconchegante casa, antes de ser um lar, precisa, em algum momento, ser apenas um insignificante tijolo sobre a terra inóspita. A composição de um artista, antes de impactar as emoções de uma plateia, precisa ser indistinguível através de uma singela nota.

O que é mais forte, a miúda semente que contém a vida, ou a majestosa árvore que se fixa ao chão em momentos de tempestade?

O que é mais importante, a casa que acalenta uma família, ou o primeiro tijolo que dá início e sustento ao resto da obra? O que é mais impactante, a composição do artista, que embala a imaginação da plateia, ou a primeira nota, que impulsiona a criatividade do artista?

O mais forte, importante, e impactante é o gesto do ser humano por trás de cada evento. É ele quem tem o poder e a fraqueza, a inteligência e a ignorância, a criatividade e a pobreza.

Nossos gestos, por mais insignificantes que possam parecer, são importantes de maneira que não podemos prever, e quem não se responsabiliza pelo que faz, e não busca o melhor, será carregado pela rotina e engolido pelo tédio.

Você e eu somos capazes de realizações das quais nem nós mesmos compreendemos ainda. A intuição não mostra o resultado final, ela só indica o caminho, para que nós possamos caminhar.

## 2. QUEM VOCÊ É

Não importa onde você está, mas sim aonde quer chegar. Não importa aonde quer chegar, mas o que fará para chegar. Não importa o que fará para chegar, mas o que se tornará quando chegar.

Entretanto, na vida, nunca se chega a um lugar definitivo; nunca se estagna após ter conquistado um objetivo. Na vida, as pessoas sempre estão indo a algum lugar, sempre estão fazendo alguma coisa, e sempre estão se tornando alguém.

O único momento certo para estar, fazer e ser, é o agora, o presente. E só o futuro será a resposta para quem tentamos ser, e a verdade sobre quem, de fato, sempre fomos.

A intuição nos guiará.

### 3. A NOITE E A VIDA

A noite é um espetáculo que se revela em silêncio, “gritando” para atrair os olhares de uma plateia distraída demais com coisas urgentes; coisas que não durarão um instante insignificante se comparados com a eternidade desta obra de arte chamada Vida.

É durante a noite que temos a “visão” mais realista e estarrecedora do Universo que nos abriga: uma realidade penumbrosa, desafiadora e intrigante.

Há poucas coisas em nossa existência que valham mais do que admirar as estrelas no céu: acho assombroso e enganosamente simples. Uma obra prima tão complexa, que só cabe mesmo no Universo. Sim, o “todo infinito” só cabe mesmo dentro de si mesmo.

Bom mesmo é caminhar por uma ruela pouco iluminada por luzes artificiais, após um dia insatisfatório, onde depois de tanto “correr”, chegamos ao fim, sem nada conseguir, a não ser a liberdade de caminhar sob o céu estrelado, e se a sorte ajudar, com uma brisa suave, que contribui para aliviar o peso de mais um dia; o peso de menos um dia.

De tanto olhar para cima, corre-se o risco de tropeçar. Tropeçar e cair. Como na vida: pois quando parece que tudo vai bem, surge um percalço que nos faz voltar novamente os olhos para o chão; para baixo (ou para dentro de nós mesmos).

A gente descobre que é pequeno, quando olha pra cima. A gente se dá conta da imensidão quando olha pra fora e quando olha pra dentro, aqui dentro.

A Terra parece ser um lugar tão grande e frio, com tantas pessoas que não nos representam nada. Passar um dia inteiro com pessoas que se vê todos os dias e não viver nada de bom com elas é como desperdiçar a cada minuto uma chance única de viver um grande momento.

Comparamos a infelicidade com uma dívida que nós mesmos contraímos. Às vezes, valorizamos demais o que não vale coisa alguma na busca pelo que nos dizem ser importante, e ignoramos os verdadeiros tesouros pelo fato de parecerem muito simples. Só que nada na Vida é muito simples. Cada coisa que acontece é um milagre.

A gente é que se acostumou com o incalculavelmente maravilhoso, assim como um rei que não vê nada de mais em viver em um castelo luxuoso.

Esses são devaneios de quem caminha e pensa: “Tento encontrar nas palavras um significado que me sirva de explicação para a Vida, assim como tento tocar essas estrelas na expectativa ilusória de conseguir fazer um colar com o seu brilho. As estrelas são um resquício de uma explosão que já não existe, assim como as minhas palavras são o rastro de muitas emoções e arrebatamentos que agora são extintos”.

Este é o caminhar de um indivíduo sem rumo em busca de seu destino. Os neurônios em seu cérebro também são estrelas que piscam. Existe um universo complexo dentro de cada bicho que se move. Será que há também pensamentos e sentimentos de vazio em cada um deles?

Mas, mesmo andando no escuro da noite, ou no indistinguível mistério da existência, se caminhararmos com passos firmes adiante, ao invés de estagnarmos, então poderemos viver com a certeza de, em determinado momento, nos depararmos com uma visão que nos faça entender que vale a pena continuar, mesmo na incerteza.

É nesse instante que, diante de nossos olhos, se desnudará em beleza a imagem da lua. Na imensidão desta cortina de vazio, reside a certeza de pontos concretos. No entanto, só verá aquele que acreditar, buscar, arriscar olhar, e se aventurar a caminhar.

E o dia que parecia não representar mais uma esperança crível, há de se transformar. A lua não é o mais espetacular de todos os acontecimentos. Ela é apenas mais um, assim como as estrelas e as pessoas.

Então, depois da noite escura e incerta, há de surgir um dia bonito de sol. Quiçá perceberemos que tudo é um milagre disfarçado de rotina.

E, quem sabe, a intuição se manifestará. É preciso acreditar.

#### 4. A MENTE E O DESABAFO

Quando eu acreditei que seria possível dominar o mundo, eu perdi a mim mesmo. Quando cri que não havia nada que poderia me amedrontar, temi a minha própria fraqueza.

Quando os sonhos não alimentam mais, os pesadelos roubam o que foi construído. Quando ainda parece restar um pouco de claridade para iluminar os pés, de repente é a escuridão que surge.

Somos nós que comandamos a nós mesmos, ou somos nós conduzidos por uma mão invisível? A vida é da forma que queremos, ou é ela que projeta a forma que devemos ser?

Será que somos leitores ou escritores destas páginas que narram nossa existência? Até que ponto influenciemos as mudanças ao nosso redor, e até que ponto somos nós influenciados?

Não acredito que existam respostas ambíguas para cada uma dessas perguntas, muito menos que haja uma resposta exclusiva que elucide a qualquer uma dessas inquietações. Não intuo que a Vida seja mal escrita, dicotômica e contraditória como esses parágrafos.

Perguntar e teorizar não ajuda em nada; não resolve qualquer coisa. Nada disso faz sentido. Sim, também não faz sentido para mim; nem mesmo pra mim que escrevi. Mas eu quis deixar assim, pois imaginei que a Vida não se dignaria a dar a sua atenção.

A Vida-em-Si me pareceu mais importante do que tentar achar um jeito certo de me fazer compreender. Não é isso que Ela faz com a gente o tempo todo: não se dar o trabalho de se fazer entender? Então, toma Vida! Uma dose insignificante do Teu próprio veneno.

Mas, ao contrário do que a Vida faz com nós, eu não sou capaz de matá-la; e nem me passou pela cabeça querer isso. Só pensei que não posso e ela pode.

E mesmo que muitas respostas sejam produzidas, ainda assim acredito ser possível questionar qualquer uma delas, pois não haverá provas concretas. A Vida é quântica; por enquanto. Até tudo mudar; de novo.

Entrementes, me pergunto: haverá resposta definitiva e concreta a respeito de qualquer pergunta que se faça? Repito: haverá resposta definitiva e concreta a respeito de qualquer pergunta que se faça? A Vida não funciona sob a ditadura da dialética humana. Ela acha entediante brincar de perguntar e responder.

Confesso que me sinto um pouco enclausurado neste momento em que escrevo, e talvez por isso mesmo escreva, como uma forma de encontrar algum escape daquilo que não posso entender. De qualquer forma, tento colocar em palavras estes sentimentos, de maneira que assim possa pelo menos ler meus próprios pensamentos.

Eu já disse que sei que eles não fazem muito sentido enquanto os leio. Imagino que você pense o mesmo. Mas o sentimento que carrego é de incerteza, então quero que as palavras tenham um gosto um pouco indescritível mesmo.

Antigamente, quando era criança, às vezes eu era surpreendido sendo invadido por uma sensação de pura e ingênua angústia, como se alguma interrogação sem forma me solicitasse elucidação.

Esses momentos de inquietação ainda acontecem, por isso encaro-os como um momento especial de introspecção. Então me ponho a escrever: quem sabe isso seja uma exigência existencial. Quem sabe a Vida queira, afinal de contas, conversar, mas seja tão desajeitada para isso quanto eu?

Desabafar é uma forma de orar para que a intuição nos ouça; e nos responda.

## 5. GENEROSIDADE

Para ajudar qualquer um, não precisamos ter uma saúde perfeita, nem emoções inabaláveis nem riqueza expressiva.

Todavia, acredito que só consegue ajudar alguém quem tem um mínimo de bondade em si e que qualquer gesto de generosidade, por mais singelo que seja, é um sinal de enorme humanidade.

Até uma pessoa depressiva é capaz de fazer o bem ao outro, desde que a sua força interna seja ainda mais potente que a sua dor. Eu já vi pessoas assim. Apesar de sofrerem, elas fazem o bem aos outros, mesmo quando não conseguem fazê-lo por si mesmas.

Para sermos generosos, não precisamos sempre fazer grandes ações. Não. Nem sempre temos condição para tal, e nem sempre isso é realmente necessário. Normalmente a melhor forma de auxílio é justamente um ato simples. Até porque, quem sempre espera para fazer algo expressivo, acaba por nunca fazer o necessário; o bem-vindo.

Às vezes, ser generoso também significa não remover obstáculos, mas sim apenas ajudar ou ensinar as pessoas a superá-los. Em algumas situações, se removermos os percalços para que uma pessoa necessitada não precise vencê-lo, estamos na verdade enfraquecendo suas potencialidades. Mas não é fácil decidir quando se deve, ou não, interferir. Na dúvida, é sempre melhor estender a mão.

Só que, nesse ponto, as coisas já começam a ficar um pouco mais complexas, e ser generoso deixa de ser uma atitude apenas de autoestima e se revela uma atitude de comprometimento. É claro que fazer algo de realmente bom por alguém vai exigir mais de nós mesmos. Ser generoso exige alma e coração; não só movimento.

Mas temos que ter consciência de que isso faz a diferença para nós também, pois como somos seres humanos que vivem em sociedade, em conexão, caso as pessoas ao nosso redor não estiverem bem, nós também não estaremos.

Por exemplo, se para ter paz em casa eu preciso me trancar em um terreno guardado por muralhas, alarmes e cercas, enquanto o meu bairro ou a minha cidade continuam violentos, então, na verdade, eu também não tenho paz. Não adianta tentar ignorar o problema, pois acabamos apenas nos iludindo; é preciso enfrentar e vencer para desta maneira nos fortalecermos.

No entanto, também existem aqueles que já realizam atitudes generosas, mas acham que não fazem o suficiente. Nesses casos, também é preciso reconhecer que não se pode salvar o mundo sozinho; não precisamos fazer tudo e achar que nunca fazemos o suficiente.

É preciso saber avaliar o que já fizemos e a real necessidade de fazer ainda mais, pois temos que ter consciência de que também precisamos aproveitar a nossa própria vida, e não há nada de errado com isso.

No fim das contas, só não é generoso quem não quer e quem não consegue, pois não tem muito de bom em si para oferecer. Mas, na verdade, todo mundo é capaz de algum tipo de bondade. Acreditar nisso também é um gesto de generosidade, pois é um ato de esperança na humanidade.

Por que é importante falar sobre a generosidade? Porque a intuição é generosa ao se apresentar àqueles que justamente estão dispostos a realizar belas obras.

## 6. O VERDADEIRO SUCESSO

Sucesso é um percurso; não um ponto isolado no tempo.

O sucesso não pode ser confundido ou almejado como um momento, mas sim como um processo, que envolve inclusive apreciar as situações de dificuldade.

Por exemplo, em uma corrida de cem metros rasos, o sucesso não é definido pelo segundo em que o primeiro colocado cruza a

linha de chegada, mas sim pelo composto que envolve os treinamentos exaustivos muito antes da corrida, a expectativa da largada segundos antes do disparo que autoriza o início, as dores e cansaço durante os cem metros, e o derradeiro final.

É preciso estar preparado e disposto a vivenciar o todo para chegar ao almejado título, se assim não for, a linha de chegada nada mais é do que um objetivo impossível de se alcançar.

E depois de vencer, não basta apenas alcançar o objetivo, é preciso saber desfrutar da conquista. Nossa sociedade, principalmente nós brasileiros, vivemos a sina de sempre reclamar da situação em que vivemos. Reclamamos da política, da corrupção, da educação, da saúde, da segurança, e etc. É claro que, às vezes, com razão, mas também frequentemente, sem qualquer sentido.

Esquecemo-nos de olhar para o passado, para os objetivos que tínhamos a serem alcançados, e do qual atualmente desfrutamos. Olhando somente para o que ainda não foi obtido, acabamos nos aprisionando em uma constante infelicidade.

O sucesso como um todo é formado por uma sucessão de pequenas vitórias, que ao final representam uma grande celebração, que precisa ser comemorada. E dentre estas pequenas vitórias, também podem acontecer algumas derrotas, e isso é necessariamente inevitável.

O que define uma pessoa de sucesso não é o fato de nunca vivenciar fracassos, mas a capacidade de superá-los. Vou além, acredito que as dificuldades e derrotas que acontecem no percurso são fundamentais justamente para moldar o caráter forte de um vencedor.

É claro que “falar” sobre superar fracassos é uma atitude muito fácil; difícil é de fato passar por eles. Justamente por isso, as pessoas que enfrentam as piores adversidades são admiradas como vencedoras.

Uma pessoa que nunca sentiu o gosto de uma amarga derrota, provavelmente não tem a vontade necessária para almejar uma grande façanha ou a capacidade de saborear uma incrível vitória.

Novamente, o que pode parecer uma derrota ou fracasso em determinado momento, nada mais é do que mais uma etapa do aprendizado daqueles que pretendem desfrutar de uma admirável experiência. Manter-se no pódio da vida não é tarefa fácil, é uma empreitada que só pode ser realizada por teimosos determinados e capazes de enfrentar os revezes que a vida inevitavelmente oferece.

Acredito, além do mais, que o sucesso deva ser algo compartilhado, coletivo. De outra forma, o pódio poderá se tornar um lugar solitário e triste. Isso pode acontecer com competidores que almejam a realização pessoal acima de qualquer coisa, não se importando em “passar por cima de outros adversários”, ou de agir contrariamente a alguns princípios éticos.

Enfim, alcançar o sucesso não é viver a ilusão de uma vida sempre de acordo com o que gostaríamos, mas sim a realidade de que precisamos enfrentar as situações que são colocadas a nós e, a partir daí, construir o futuro que desejamos.

Admito que só escrever sempre é mais fácil do que agir; então te convido a agirmos e colocarmos em prática nossos ideais para, a partir de então, aprendermos com as experiências, a fim de construir uma vida de sucesso, pois a verdadeira vitória é o ato de tentar o melhor que somos capazes de fazer.

E, acima de tudo, tanto no percurso do desafio, quanto na trilha da intuição, estar rodeado de amigos torna a experiência mais significativa.

## 7. ORGULHO DE SER BRASILEIRO

Estamos acostumados a ouvir críticas negativas a respeito de nosso país a tal ponto, que passamos a acreditar nelas de forma inquestionável.

Assistimos na televisão que alguns políticos cometem erros graves contra o patrimônio público e, de repente, começamos a achar que não existem políticos de boa índole.

Crescemos ouvindo que somos um país de terceiro mundo, ou a expressão mais atual, país em desenvolvimento, mas sempre com conotação de inferioridade, e aceitamos isso como se fosse uma verdade absoluta.

O próprio brasileiro, frequentemente, fala do Brasil com desdém e em terceira pessoa, como se não fosse brasileiro, assim como eu fiz na construção do início dessa frase, não me colocando na posição eu mesmo de brasileiro, mas falando “do brasileiro”, como se fosse algum outro cidadão. A gente (agora eu me inclui) esquece que o nosso documento de identidade não nos deixa nos enganar de quem nós somos e de onde nós viemos.

Existe um contágio nacional em achar que os outros países são melhores do que o nosso, principalmente os considerados países de primeiro mundo. Existem algumas maneiras de mudar esse conceito, que a meu ver, acontecem se mudarmos alguns pontos de vista consideravelmente errados.

Se olharmos um pouco para trás na história da construção do Brasil, e compararmos isso com os “países de primeiro mundo”, que já contam com milhares de anos de história em formação, perceberemos que nós, brasileiros, estamos em um estágio muito inicial de nosso “desenvolvimento”.

Há poucos anos passamos a governar nosso próprio território, fato ocorrido com a independência de 1822, enquanto que os outros países já faziam isso há muito tempo, já tendo com isso uma cultura desenvolvida e estruturada nesse período da história.

Nossa verdadeira cultura só passou a se moldar de forma concisa a partir de então, que foi quando passamos a receber as colonizações vindas de outros países. Dessas colonizações aconteceu algo que hoje é característica marcante da nossa nação, que é a diversidade cultural.

Enquanto que em diversos países é possível visitá-los uma vez e estabelecer um padrão cultural típico para aquela nação, no Brasil isso se torna impossível mesmo depois de se visitar diferentes estados. Por isso, é comum ouvir que nossa nação é composta pelo agrupamento de vários países dentro de um só.

Vejo que com o pouco que nos foi dado, e com o muito que de nós ainda foi explorado, fomos capazes de construir um histórico em franca ascendência nos diversos pontos que definem uma nação.

A começar pela questão cultural que detalhei um pouco acima, e que vejo ser uma característica de importância fundamental para um país que queira ser considerado desenvolvido. É indiscutível o impacto que conseguimos produzir através das artes, da música e da literatura, para ficar em alguns poucos exemplos.

E depois disso tudo, finalmente chegamos ao que parece ser um dos grandes momentos da história brasileira: o momento de assumir sua identidade com orgulho. Sim, nós, eu e você, somos brasileiros, e isso é lindo.

Junto com isso, apesar de sermos um país jovem, chega inevitavelmente o momento de, paradoxalmente, amadurecermos enquanto sociedade. Para que isso aconteça, temos que deixar de lado a atitude passiva de quem assiste e reclama, mas que não se posiciona, e também resgatar nosso passado histórico de vitórias.

Não quero negar que de fato temos nossas mazelas e adversidades, mas quero olhar pelo lado positivo que se apresenta e que proporcionará grandes mudanças positivas ao nosso país.

Devemos ter como meta participar mais das atividades comunitárias, econômicas e políticas de nossa nação (e de nossa cidade; e de nosso bairro), pois os resultados de uma sociedade desenvolvida não são responsabilidade e mérito apenas dos políticos e representantes de setores empresariais, mas de cada um de seus participantes individuais; de cada um de nós: cidadãos.

A intuição se manifesta primeiramente em nosso meio social mais próximo, e depois ganha vida na cidade, no estado, no país e, quem sabe, no mundo, para mostrar a nossa bela cultura aos outros povos e assim vivermos em comunidade e união, apesar das diferentes identidades.

Nós não somos um país de terceiro mundo, ou subdesenvolvido; mas também não somos melhores do que ninguém. Nós somos brasileiros, com muito amor e respeito, por nós mesmos e pelos outros.

## 8. ORGULHO DE SER UNIVERSAL

Por que eu teria orgulho de ser gaúcho, de ser brasileiro, ou de ser sul americano, quando eu sei que pertença ao Universo? Respeito a minha história, e isso é fundamental; mas não me limito ao que para mim representam, sei que posso ir muito além.

Não me sinto parte de algo, porque isso me exclui do todo. Sinto-me parte do todo, mesmo com nossas diferenças, porque sei que a totalidade é uma possibilidade infinita da qual faço parte.

Talvez não possa entrar em outros países por questões legais ou financeiras, mas sei que se não houvessem seres humanos limitados, assim como eu, também não haveria limites que me impedissem de cruzar o mundo livremente.

É pena que usemos nossa capacidade de desbravar os limites para criar fronteiras. Sentimo-nos donos de uma terra que não nos pertence com exclusividade, mas com reciprocidade. Fazemos parte de uma cultura que não criamos, mas que herdamos.

Se não nos limitássemos, seríamos tudo o que podemos ser. Não sou só branco, ou preto; nem amarelo, ou vermelho. Às vezes sou multicolor; de vez em quando transparente; algumas vezes opaco; tem vezes que sou invisível; e tem momentos que sou radiante.

Nenhuma pele tem só uma cor. Nenhum sorriso tem só um brilho. Nenhuma voz tem só um tom. Nenhuma identidade tem só uma origem.

Tenho orgulho de ser universal e tenho orgulho de fazer parte do mesmo universo que todo mundo.

A intuição não tem limites e não faz distinções.

## 9. PERCEPÇÕES

As pessoas nos parecem tão estranhas quando não tentamos compreendê-las. Os outros parecem estúpidos quando não paramos para observarmos a nós mesmos.

O resto é bastante para aqueles que não têm muito. Tudo é pouco para os que não valorizam o simples.

A vida é bela de acordo com a vida que cada um vive. O maior prazer se encontra no aprendizado depois do sofrimento.

O errado se torna correto nas mãos do criminoso. O certo se torna perfeito nas mãos de um artista da vida movido pelo Amor.

Se nós lutamos contra nós mesmos e contra nossos semelhantes, quem será por nós? Se tratamos melhor os animais do que aqueles que sofrem e amam como nós, como seremos humanos?

A vida é uma só para mim e para você, mas não para o mundo, que abriga muitas vidas. Respeitar o mundo é uma forma de respeitar o nosso passado e aqueles que viverão o nosso futuro.

E a intuição pode nos fazer mudar todas as nossas percepções e viver múltiplas vivências em apenas uma vida.

# CAPÍTULO II – PARÁBOLAS

Este capítulo se chama “Parábolas” por ser uma analogia às parábolas de Jesus na Bíblia. Claro que não com a mesma pretensão. O que está lá sugere algo sagrado, o que está aqui se baseia na intuição apenas.

Este capítulo não tem nada de religioso, assim como a proposta deste livro também não. Eu tenho muito de religião na minha história de vida, mas não uso isso para converter ninguém a nenhuma denominação ou crença.

O meu percurso religioso serviu para me dar combustível para questionar e para buscar uma conexão espiritual baseada no diálogo aberto e na pesquisa guiada pelo processo de argumentar e, frequentemente, provocar normas infundadas.

Eu decidi apresentar estas ideias em forma de parábolas, pois alguns pensamentos parecem fazer mais sentido quando se encontram em um contexto, em uma história que os represente e que nos ajude a compreender melhor. O capítulo anterior surgiu de forma crua. Sua vida estava nas palavras puras.

As Parábolas, entretanto, dão vida às narrativas através de situações que poderiam ter acontecido. E, assim como em nossa vida, em que, nada do que acontece é por acaso, nas Parábolas também, o sentido está por trás do que é apresentado.

Toda experiência de vida, boa ou ruim, revela um aprendizado. Nos acontecimentos que eu aqui inventei, eu confesso que às vezes usei um pouco de fatos verídicos da minha vida, só que maquiados e disfarçados para não ficarem tão evidentes.

Vejamos o que as Parábolas têm a nos dizer e que intuições elas irão despertar em você.

## I. O QUE VOCÊ PRETENDE SER NA VIDA?

Anselmo não é apenas um transeunte social. Mais do que isso, ele é um andarilho dos pensamentos, pois divaga horas por dia simplesmente buscando respostas para questões que lhe provocam as ideias.

Ele acredita que a vida não se justifica pelo possuir ou aparentar, mas pelo ser e agir de cada indivíduo. Entrementes, não considera essa uma verdade absoluta, considera apenas como um ponto de vista, sujeito à maiêutica de Sócrates.

Por muito tempo, por exemplo, inquietou-se com uma pergunta dirigida a si por uma professora do ensino fundamental. Na época, lembra claramente, estava na oitava série, em uma escola pública.

A pergunta não era nada simples, mas a resposta de Anselmo foi tranquila e segura. Apesar de tê-la respondido então, sabia que não era definitiva; era uma indagação que somente o tempo poderia lhe trazer a completa compreensão.

- Anselmo, o que você pretende ser na vida?
- Eu quero ser Engenheiro Ambiental.
- Uau, que convicção! Ótima escolha. Já sabe onde fará o curso?
- Sim. Quero estudar na Universidade Federal.
- Então continue estudando bastante e conseguirá.

A conversa foi curta assim: sem delongas; sem pormenores. Era uma pergunta que, indiretamente, afirmava uma verdade subentendida: até aquele momento, Anselmo não era ainda coisa alguma, e se não fizesse por merecer, nunca o seria.

Em meio a tudo o que foi conversado entre aluno e professora durante aquele ano, até mesmo os conteúdos aprendidos, nada ficou tão registrado em sua recordação quanto esse curto diálogo; permaneceu até hoje, dezesseis anos depois, arraigado em seu pensamento.

“O que você pretende ser na vida?” A pergunta não foi específica, podia se tratar da vida profissional, pessoal, espiritual, matrimonial, enfim, qualquer vida. Mas, nesse caso, a sua resposta foi sobre profissão.

Anselmo hoje sabe que aquela não foi a melhor réplica. Na vida, não somos o que credenciais e diplomas representam. Na vida, não somos o que outros dizem de nós. Não somos passíveis de ser resumidos em apenas um parágrafo; muito menos em uma frase de uma linha, como aquela de anos atrás.

Mesmo hoje, depois de ter alcançado tudo o que a norma social considera invejável, uma boa profissão, um ótimo salário, bons carros, viagens anuais, um casamento estável, Anselmo sabe que o que define quem nós realmente somos é muito mais essencial, independente de qualquer status social ou idade.

Ele recorda de tudo isso neste momento, pois a professora que lhe desferiu aquela pergunta lançará em breve um livro didático intitulado: O futuro das escolas e das crianças brasileiras. Sendo que, para escrever o prefácio do livro, ela lembrou-se deste aluno, que sempre tirava boas notas e que é atualmente reconhecido e bem sucedido no meio social.

Anselmo se sente lisonjeado com o convite e também responsável por levar uma mensagem que ele considera muito importante para a sua vida e para a vida daqueles que irão ler o prefácio e o livro.

Daquilo que escreveu para o prefácio, as últimas palavras são uma opinião sincera e significativa sobre a questão existencial que lhe inquieta há tanto tempo e que somente agora ele pode responder com propriedade e experiência vivida.

“Não importa onde você está, mas sim aonde quer chegar. Não importa aonde quer chegar, mas o que fará para chegar. Não importa o que fará para chegar, mas o que se tornará quando chegar.

Entretanto, na vida, nunca se chega a um lugar definitivo; nunca se estagna após ter conquistado um objetivo. Na vida, as pessoas

sempre estão indo a algum lugar, sempre estão fazendo alguma coisa, e sempre estão se tornando alguém.

O único momento certo para estar, fazer e ser, é o agora, o presente. E só o futuro será a resposta para quem tentamos ser, e a verdade sobre quem, de fato, sempre fomos.”

Anselmo espera que a professora goste do prefácio que ele escreveu.

## 2. QUANDO É PARA SER

Um jovem, digamos que aos vinte anos de idade, vive um dos momentos mais incertos de sua vida, pois, geralmente, não sabe bem o que irá fazer da vida, principalmente no que se refere à profissão.

Não sabe ao certo que caminho trilhar, se faz aquilo que ama, mesmo que a perspectiva salarial possa não ser tão vantajosa, ou se opta por algo que lhe prometa salários mais pomposos.

Difícilmente a matemática será favorável, proporcionando ao jovem uma perspectiva de trabalho justamente naquilo que ama e com perspectivas salariais favoráveis, mas isso pode acontecer, é claro.

A última hipótese possível nem vale mencionar, pois é impensável, querer trabalhar em algo que não se ama e sem perspectiva nenhuma de um bom salário; entretanto, muitos caem nessa armadilha simplesmente por não terem a ousadia de optar por nenhuma das três possibilidades anteriores.

Contudo, escolher não é o único problema; muitas vezes estes iniciantes profissionais precisam receber uma oportunidade de uma empresa, sendo que tais jovens nunca puderam de fato mostrar quem são e do que são capazes.

Então, tais neófitos do mundo do trabalho, precisam contar com a sorte de encontrar uma empresa disposta a apostar em talentos

promissores, cheios de dúvidas, pouca ou nenhuma experiência, e dispostos a aprender.

Ana é mais uma trabalhadora de primeiros registros na carteira profissional, de apenas 19 aninhos (fará 20 anos daqui três semanas, em 22 de Janeiro), que não sabe exatamente que caminho escolher trilhar, e mesmo as atividades que já vem exercendo não lhe trazem a certeza que gostaria de ter.

Ela estuda Administração de Empresas já faz dois anos e meio. Ainda lhe restam dois anos e já pensou em trocar de curso mais de uma vez. A última vez que conversou com o seu pai a esse respeito, ele a convenceu a finalizar o curso, mesmo que não estivesse gostando, ou que não estivesse assim tão certa a respeito do curso, pois, afinal, lhe restavam apenas dois anos.

Conclusão lógica: melhor concluir algo que não lhe interessa tanto, do que correr o risco de começar algo que também não vai gostar e perder ainda mais tempo. Na época, Ana queria ter trocado para Educação Física.

Ter conversado com seu pai foi importante, pois ele tinha razão, e se ela tivesse trocado de curso, provavelmente iria ter querido trocar de curso novamente. Hoje, sempre que ela pode aconselhar alguém sobre que curso fazer na Universidade, ou sobre qualquer coisa que for fazer na vida, ela sempre recomenda por se fazer aquilo que se ama.

O problema é que a Ana aqui desta história não tinha certeza absoluta de nada do que realmente gostaria de estudar. Ela só estava em dúvida quanto ao curso de Administração. Ela não tinha um desejo certo de fazer qualquer outra coisa. Nem mesmo Educação Física.

Contudo, o que vem tirando o sono de Ana ultimamente, e lhe roubando a autoestima, não é a Universidade, mas sim o trabalho. Aliás, a falta de um trabalho. Ana já está desempregada faz mais de cinco meses.

Mês que vem é sua última parcela do seguro desemprego, e ela na verdade não queria ter ganhado nem a primeira, pois o que lhe interessa mesmo é encontrar um emprego. Mas não qualquer emprego.

Pois, depois de já ter passado por dois trabalhos que não lhe proporcionaram nenhuma perspectiva de futuro, Ana sabe que agora não pode errar na sua escolha, e por isso já rejeitou uma proposta, por saber que não era o que ela queria e que não teria nenhum futuro na possível atividade.

Ela calcula que, se aos vinte anos, errar novamente em sua escolha profissional, ela perderá um tempo precioso em sua carreira, o que poderá ser um erro fatal e incorrigível, e isso poderá significar uma vida infeliz e cheia de dificuldades.

Parece bobagem pensar assim, mas Ana não consegue conter essas rumações que lhe invadem e lhe perturbam, e ela não sabe mais o que fazer. O pior de tudo é, na verdade, não fazer ideia de que ação tomar.

Ana se sente muito triste por acreditar que não tem nenhuma habilidade específica. Diferente daquelas pessoas que nascem com talento para as artes, ou para os esportes, Ana acredita não ter nenhuma qualidade que lhe ajude a escolher exatamente que profissão arranjar.

Ana até já falou com Deus a respeito disso. Ela pediu a Ele que lhe ajudasse. Ela disse que gostaria de trabalhar em uma área onde pudesse lidar com pessoas e que pudesse ser desafiada a melhorar como ser humano, especialmente em um trabalho em que pudesse se sentir realmente útil. Mas que trabalho é esse e em que empresa, isso ela não sabe.

Ana já deixou currículo em diversas companhias da região, mas nenhuma lhe deu retorno. Já deixou até na organização com a pior fama de sua cidade, a Double, onde a gerente de recursos humanos até se mostrou realmente interessada em seu perfil, mas nem mesmo eles lhe retornaram.

Se nem os piores lhe deram resposta, quem dirá os melhores, pois Ana largou seu currículo essa semana na maior empresa da cidade, a Shoes, empresa que manufatura calçados para o Brasil e para o Mundo. Ana está sem qualquer ilusão de que conseguirá um emprego na Shoes.

Quem lhe recomendou deixar o currículo nessa empresa foi seu amigo Tom, que trabalha em uma agência de empregos e que comentou que na Shoes estavam precisando de pessoas para trabalhar em áreas administrativas.

Tom prometeu tentar ao máximo ajudar a Ana, mas ela não é ingênua, e sabe que não tem as qualidades necessárias para entrar em uma empresa assim tão grande, mas mesmo assim, se pudesse escolher, ela iria querer trabalhar na Shoes.

Depois de um dia inteiro de procura, Ana agora está sentada em seu quarto lendo um livro, mas mal consegue se concentrar nas palavras, pois uma tristeza enorme invade o seu interior, e sente vontade de chorar. Neste momento, seu celular toca e no segundo toque ela atende:

- Alô.
- Olá, por favor, a Ana.
- Sim, é ela.
- Oi, Ana. Aqui quem fala é a Fabiana. Eu gostaria de falar com você a respeito de uma vaga de emprego, pois você deixou seu currículo em nossa empresa.
- Oh, claro.
- Então, eu gostaria de ver se você tem a possibilidade de participar de uma entrevista amanhã às 14h00min.
- Sim, claro que tenho disponibilidade.

Nesse momento, Ana se lembra de seu problema de atenção e concentração, pois ela é meio desligada e desatenta, às vezes. Ana é campeã em fazer confusão com números, nomes e datas, então

imediatamente pega um papel e uma caneta para anotar as informações. Desta vez sua memória não lhe irá trair.

- Você pode confirmar as informações, por favor?
- Sim, posso. Amanhã, às 14h00min. Entrevista de emprego. Peça para falar com a Fabiana.
- Muito bem. Amanhã. 14h00min. Fabiana. Perfeito. Está agendado.
- Ótimo. Aguardo por você, Ana. Muito obrigado.
- Imagina! Eu é quem agradeço. Até amanhã.

Ana desliga o telefone e mal pode acreditar. Ela respira fundo, checa o papel diante de si para ver se anotou as informações corretamente e vai falar com seus pais para contar a novidade.

- Pai, mãe, vocês nem sabem! Me ligaram da Shoes e amanhã eu tenho uma entrevista de emprego!!

Como a vida é cheia de surpresas! Há menos de cinco minutos ela estava chorando e mal conseguia ler o seu livro por causa da sua tristeza, e agora ela não consegue ler o livro por não ser capaz de conter a alegria que irradia a sua noite. Amanhã será um grande dia.

No dia seguinte, às 13h30min, Ana sai de casa para não ter chance de chegar atrasada. Às 13h50min, ela já está em frente à empresa Shoes. Ela quase não consegue acreditar. Depois de cinco meses de tentativas, a segunda oportunidade que ela recebe é simplesmente em uma das maiores empresas que ela conhece.

É inevitável que ela fique nervosa. Ela receia gaguejar de nervosismo durante a entrevista, ou suar, ou não saber o que dizer. Antes que estas inquietudes lhe consumam, ela decide entrar na recepção da empresa. A secretária lhe recebe com um sorriso e imediatamente seu nervosismo se dissolve.

- Olá. Boa tarde. Em que posso lhe ajudar?
- Oi. Meu nome é Ana. Eu tenho uma entrevista às 14h00min com a Fabiana, dos Recursos Humanos.
- Hum!? Fabiana dos Recursos Humanos?
- Isso.
- Desculpa, mas não tem ninguém com esse nome no RH.
- É que a Fabiana me ligou ontem sobre uma entrevista de emprego hoje às duas horas.
- Que estranho, porque aqui nesta unidade nós não temos ninguém com esse nome nesse setor.
- Mas eu tenho certeza (nesse momento Ana checa as suas anotações). O nome é Fabiana, ela me ligou ontem agendando uma entrevista para hoje às 14h00min.
- Ok, Ana. Só um minuto. Eu vou ligar para o setor e ver se alguém sabe de alguma coisa.

Um instantinho depois.

- Ana, você está com sorte hoje, pois a gerente de Recursos Humanos acabou de retornar de uma conferência e ela poderá lhe atender. Você pode aguardar um minuto? Ela virá para lhe buscar.
- Sim, claro. Como é o nome dela?
- O nome dela é Cristine.
- Ok. Obrigada.

Logo após os primeiros minutos de entrevista, Ana sente-se muito confortável para conversar com a Cristine. A entrevista é agradável e simples. É mais uma conversa informal do que uma entrevista nos moldes convencionais. Depois de quase uma hora de diálogo, ao final, Cristine pergunta à Ana:

- Ana, eu só fiquei curiosa a respeito da ligação que você disse ter recebido ontem, pois eu não liguei pra você, e apesar de eu ter

gostado do seu currículo, e de termos essa vaga em aberto, nós não tínhamos intenção de divulgá-la até semana que vem, e nenhuma de minhas outras colegas ligou para você. Além do mais, nós não temos ninguém, nem aqui e nem em nenhuma outra unidade, em nossos setores de RH, com o nome de Fabiana.

- Que curioso, Cristine! Eu tenho certeza que me ligaram ontem agendando esta entrevista. Inclusive eu tenho o número de quem me ligou aqui registrado em meu celular. Você pode anotar para checar quem foi que me ligou, caso ache necessário.

- Ok, eu vou anotar, mas enfim, eu gostei muito do seu perfil, e vejo que você se encaixa perfeitamente para a vaga que nós temos no setor de Departamento Pessoal, aqui na empresa. É um setor bastante formal, que faz parte do RH, então é preciso ser uma pessoa com uma boa postura e seriedade e, desde o primeiro minuto da entrevista, eu já pude perceber essas qualidades em você. Então, se você aceitar esta oportunidade, eu nem vou abrir essa vaga para outros candidatos e já vou fechar com você. O que você me diz?

- Claro. Eu tive a mesma impressão. Adorei a nossa conversa e tenho certeza de que quero trabalhar aqui.

- Então, perfeito. Aqui está a lista de documentos que precisamos de você. Vou te pedir para trazer tudo amanhã, se possível, assim você já poderá iniciar na semana que vem.

- Por mim, está ótimo. Amanhã lhe trago todos os documentos.

Ana mal pode acreditar em quão maravilhosa a vida é. Ontem, em torno deste mesmo horário, ela chorava de tristeza por não saber o que fazer da vida. Hoje, no mesmo horário ela transborda de alegria por finalmente ter conseguido um emprego bem como tinha pedido a Deus, mas que ela nem fazia ideia de como seria.

Mas hoje ela sabe, pois ela conseguiu um trabalho que tem tudo a ver com ela, na melhor empresa da cidade, e da região, e amanhã ela vai levar todos os documentos que ela separou. Novamente ela está sentada tentando ler seu livro, mas sem muito sucesso, pois

desta vez ela está incontrolavelmente feliz. Neste momento, seu celular toca. No segundo toque, ela atende.

- Alô.

- Oi, por favor, a Ana.

- Sim, aqui é a Ana.

- Ana, aqui é Fabiana. Eu tinha agendado uma entrevista com você hoje aqui na empresa *Double*, mas você não apareceu. Eu queria ver se você ainda tem interesse na vaga e se podemos reagendar uma outra conversa.

Nesse instante, o chão de Ana parece desaparecer de seus pés e ela se sente completamente perdida no espaço e no tempo, quando se dá conta da grande confusão que fez.

A entrevista que tinha agendado não era na *Shoes*, e sim na *Double*. Em seu momento de felicidade, ela acabou esquecendo de anotar o nome da empresa, e como tinha recentemente deixado seu currículo na *Shoes*, acabou associando a ligação de ontem à essa empresa.

Quando se dá conta da gafe que acabou de cometer, em sua mente cruza um raciocínio perturbador: por causa de sua falta de atenção (como sempre), ela acaba de perder, desastrosamente, duas oportunidades de emprego, sem nem sequer ter começado em nenhuma delas. Ela mal consegue responder à pessoa do outro lado da linha.

- Sim. Fabiana, eu me lembro, e te peço desculpas. O que aconteceu é que eu recebi outra proposta de trabalho, à qual aceitei. Então lhe agradeço a oportunidade e peço desculpas mais uma vez por não ter ido, nem avisado que não iria à entrevista hoje.

- Não há problema, está tudo bem Ana. Eu fico sentida, pois eu realmente tinha gostado do seu perfil. Fica para uma próxima oportunidade, então.

Mas como isso pode ter acontecido? Como Ana pode ter cometido esse erro grave? E agora? Como resolver esta situação impossível de se resolver? Por causa disso ela tem noção de que acabou de perder duas oportunidades de emprego em apenas um erro.

E, o pior de tudo, é que ela foi em uma grande empresa, “na maior cara-de-pau do Mundo”, mentiu sobre uma vaga de emprego que nem existia ainda, e depois de tudo, ainda entregou o número de telefone para a Cristine, que agora vai ligar para o número e descobrir sobre toda a confusão.

O que fazer? Amanhã ela tem que ir à *Shoes* para entregar os documentos. Será que ela deve contar à Cristine o que aconteceu, ou será que ela deve agir como se nada tivesse acontecido e torcer para que ninguém descubra o mal entendido?

Ana tem princípios morais que falam mais alto dentro dela, e mesmo sabendo que pode estar abrindo mão da oportunidade da sua vida, ela prefere falar a verdade, ao invés de conviver com uma mentira dentro de si.

Ela vai contar à Cristine o que aconteceu, por mais difícil que isso possa ser para ela, e torcer para que ela não perca essa grande chance da sua vida. É melhor assim, do que esperar a Cristine descobrir tudo e cancelar a vaga da Ana por má conduta ética.

E é com o coração querendo saltar pela boca que agora ela está diante de Cristine e inicia sua inacreditável explicação:

- Bem, Cristine, você se recorda da situação do telefonema de origem desconhecida?

- Sim, claro.

- Pois é, o que aconteceu, na verdade, é que quem me ligou foi a Fabiana da *Double* e não alguém aqui da *Shoes*. Eu que fiz uma confusão em minha mente, porque a última empresa onde deixei meu currículo foi aqui na *Shoes*, então associei a ligação a esta empresa.

- Hum, entendo, Ana. Ok, mas o que você prefere: trabalhar aqui ou na outra empresa?

- Eu quero trabalhar aqui, nesta empresa!
- Ok, Ana, então está resolvido. Você está contratada e começa semana que vem.

Quando é pra ser, até um mal entendido ajuda.

### 3. NÃO HÁ LUGAR COMO O PARAÍSO

*Munique, Alemanha. 30 de Junho de 2010. 20h57min. Quarta-feira.*

Este tipo de espetáculo é perfeito, ninguém poderia negar isso. Chopin foi sem dúvidas um grande gênio, mesmo hoje em dia, cento e sessenta anos após sua morte, não há ninguém parecido com ele. Essa ideia, por si mesma, já é perfeita, mas ter ido a uma apresentação em um teatro lotado e ter tido a oportunidade de sentar em um dos melhores lugares foi ainda melhor.

Considerando que essa foi a primeira vez que Felipe, depois de sessenta e oito anos de vida, foi a uma apresentação ao vivo que lembrou exclusivamente os maiores clássicos do famoso compositor, é algo indescritível.

Talvez seja por isso que ele caminha tão vagarosamente pela rua, admirando as estrelas, tentando lembrar tudo o que ele viveu nesta noite, cada música, cada nota. Para Felipe isso é muito simples, pois ele conhece todas as músicas de Chopin.

Dr. Felipe Hanson não é um homem simples; ele é um solitário erudito e médico aposentado que vive em uma bela casa em Munique, na Alemanha. Depois da morte de seus pais, quando ele tinha trinta e dois anos, ele decidiu que seria melhor para si morar sozinho mesmo, sem a companhia de ninguém.

Pode-se dizer que ele fosse um tanto quanto misantropo, afinal de contas, ele não conseguia dividir seus pensamentos e emoções com ninguém. A vida cotidiana e aparentemente normal lhe

desagradava por demais. Não conseguiu encontrar uma companheira nem mesmo na Universidade de Medicina.

A respeito de seus amigos? Todos estão casados, planejando suas viagens de final de ano para algum país na África, ou algum lugar exótico na América Central ou na América do Sul. Os europeus adoram esse tipo de viagem para países pobres.

Entretanto, Felipe é diferente, e ele sabe disso, não porque ele seja melhor, mas simplesmente porque ele se sente bem sendo ele mesmo. E, afinal de contas, agora ele está realmente feliz, porque ele realizou um sonho inefável, que poucas pessoas podem compreender. Além do mais, agora ele tem a ele mesmo e as suas memórias para compartilhar este momento, sozinho. Mas talvez nem tão sozinho assim.

- Com licença Senhor, você pode me ajudar? Posso lhe fazer uma pergunta?

Ele não quer muito da vida, e privacidade para curtir um grande momento é uma dessas poucas coisas. Algo que a estranha garota do outro lado da rua parece determinada a interromper. Então, ele decide fingir não escutar a voz dela.

Contudo, ela é persistente e, pelo canto do olho, ele pode ver que ela está vindo na sua direção. Não há escapatória. Ele vai utilizar a melhor opção que um homem culto e racional como ele pode usar para solucionar esse tipo de situação: ir direto ao ponto, evitar qualquer sentimento que possa guiar suas opções e, mais importante, não parar de caminhar.

- Hey, Senhor! Psiu. Desculpa por incomodar. Eu só quero fazer uma pergunta.

- Eu não tenho tempo. Eu não tenho dinheiro. Eu não posso lhe ajudar.

- Eu não quero dinheiro e eu não vou abusar do seu tempo. Eu só quero saber se existe algum lugar onde eu possa dormir esta noite. Eu não tenho dinheiro e eu preciso de um lugar para ficar.

- Eu não sei. Eu não posso lhe ajudar!

- Sim! Você pode sim. Eu posso ver que você é esperto e que tem dinheiro. Então, por favor, ajude-me. Eu posso te dar algo em troca.

Neste momento, Felipe se sentiu ofendido. Sua intelectualidade está lhe advertindo de que ele está provavelmente lidando com uma mulher depravada e de que talvez ela seja apenas mais uma de muitas mulheres que preferem utilizar da beleza e do corpo para conseguir o que querem, ao invés de usarem suas capacidades intelectuais. Aha! Agora ele ensinará a ela alguns princípios. Ele para de caminhar.

- Hey, moleca, escute. Eu não quero fazer sexo com você. Primeiramente, porque eu não sou desse tipo de gente. Eu tenho sessenta e oito e você provavelmente apenas vinte e tantos. Entretanto, este não é o principal problema. Eu sou uma pessoa Cristã e não quero nenhuma mulher depravada vivendo aos arredores de onde eu moro.

Por favor, vá embora, e mais importante, me deixe seguir meu caminho. E se você não fizer isso, eu chamarei a polícia. Provavelmente você sabe sobre as leis neste país, elas são bem diferentes dos Estados Unidos, onde tudo é permitido.

- Obrigado pelo sermão “Mister, eu sou puro e arrogante”. Eu não quero transar com você. Desculpe-me se você tem uma mente pervertida. Eu só quis dizer que eu poderia pagar pela ajuda com uma boa história. Assim como Sherazade, do livro O Homem que Calculava, eu poderia lhe contar a respeito de como o xadrez foi inventado, por exemplo. A propósito, meu nome é Estefani, e não “moleca”.

- O quê? Você quer me pagar com uma história?! Você agora está louca? Que tipo de garota que vive nas ruas, sabe-se lá porque, conta histórias sobre os mistérios da invenção do xadrez?

- Bem, eu sou. E isso não é tudo. Se você tiver um piano na sua casa, eu poderia também tocar belas músicas para você. Você gosta de Chopin?

- Agora quem está ficando louco sou eu! E, ao que tudo indica, parece que você tem me seguido, porque eu estou vindo do teatro onde eu estava apreciando um concerto do Chopin.

- Não. Eu não estava seguindo você. Eu realmente sei tocar Chopin. Na verdade, ele é o meu músico favorito.

- Meu Deus! O que está acontecendo? Mas [...] como?! Você não me parece do tipo de pessoa que gosta de histórias e muito menos que aprecia Chopin, porque você é tão [...] ah [...].

- Senhor, não deixe os seus olhos te enganarem. *Existe mais entre o céu e a terra do que qualquer filosofia jamais poderia conhecer.* Há muito mais escondido na complexidade da simplicidade do que você poderia imaginar no topo na sua arrogante intelectualidade.

- Hahaha! Frases interessantes. De onde você as copiou?

- Eu não me recordo. Algumas eu li em algum lugar. O final foi inspiração minha mesmo.

Agora Felipe foi pego por sua própria presunção. Ele deixou a garota invadir seu coração. Ele não sabe exatamente o que está fazendo, mas ele sente que a garota diante de si, na verdade, não representa perigo. Então, ele toma uma atitude que espanta a si mesmo.

- Ok, eu vou lhe ajudar. Mas somente esta noite. Amanhã eu não quero te ver mais por aqui. Eu te ajudarei a encontrar um emprego com um de meus amigos empresários e quero que faça coisas corretas com a sua vida, pois parece que ainda tem salvação. Esta é a minha proposta. Você aceita?

- Bem ... deixe-me pensar ... hum ... sim! Eu aceito! Mesmo que você não tivesse dito para encontrar um emprego, isso é exatamente o que eu tenho tentado fazer esse tempo todo. Meu único problema é encontrar um lugar para passar a noite.

A única coisa que Felipe não consegue entender é de onde ela veio. Mas ele, na verdade, nem quer saber, porque isso é um problema somente dela. Tudo o que ele quer é descobrir se ela realmente sabe tudo o que afirma saber.

- Bem, então, vamos! Nós estamos perto da minha casa. Apenas duas quadras a frente. Geralmente em *cinco minutos sozinho* eu chego lá.

Eles passaram todo o caminho até a casa de Felipe falando sobre o que cada um gostava na vida. Quando eles já estavam em casa, ele preparou uma boa refeição com um bom vinho para deixá-la mais confortável diante de todos os desafios culturais e musicais aos quais ela teria que passar naquela noite. Depois do jantar eles continuaram a conversa.

- Então, essa é a sua casa. Legal.

- Sim. Esta é uma bela casa. E aqui estamos nós para ver se você realmente sabe tudo aquilo que disse saber. Eu estou realmente curioso, e agora que você comeu e bebeu, eu quero ver por onde você vai começar, pela música, pela história [...] ? Na verdade, eu joguei xadrez por quase toda a minha vida e eu nunca ouvi nada a respeito de como esse jogo começou.

- Então vamos começar pela história ... tudo começou ...

Depois de dez minutos de uma história extremamente detalhada e hipnótica, Felipe estava encantado pela curiosidade do que

ela estava falando e ele quase não conseguia acreditar que ela realmente soubesse aquela interessante narrativa.

- Incrível! Este é um conto muito bom. Entretanto, você se esqueceu de me contar quando isso aconteceu.

- Bem ... infelizmente Malba Tahan não fala sobre isso em seu livro. Mas provavelmente isso aconteceu há muito tempo atrás.

- Na verdade, isso não importa. A narrativa por si mesma já é suficiente. Mas quem é Malba Tahan? Um Indiano ou um Chinês?

- Não. Na realidade, ele é um escritor Brasileiro; seu nome verdadeiro é Julio Cesar de Melo e Souza e ele escreveu o famoso livro O Homem que Calculava.

- Você é sem dúvidas uma pessoa muito curiosa, e o fato de viver aí pelas ruas só faz aumentar o absurdismo “à la Albert Camus” de tudo isso. E ainda por cima sabe histórias interessantes sobre pessoas que vivem na Índia, mas cujo escritor é Brasileiro e que também se diz saber tocar Chopin no piano.

- Aliás, essa última parte eu confesso ter dúvidas quanto ao fato de você realmente saber. E falando sobre isso, ali está ele. Ele é todo seu. Vejamos se você é tão genial com um desafio realmente difícil. Porque essa história que você acabou de contar, na verdade, qualquer um poderia contar, mas tocar piano é só para pessoas iluminadas.

- Eu sei não somente tocar o piano, como eu também sei tocar a Marcha Funerária do Chopin e eu vou lhe provar isso agora mesmo. Com licença.

- *Oh my God!* O que [...]? Não pode ser. Mas, por favor. Sinta-se à vontade.

Estefani então foi em direção ao piano diante deles. Caminhando, com suas roupas sujas, ela é um paradoxo no mundo de Felipe. Entretanto, ela está calma, não parece se importar com qualquer coisa, como se ela não fizesse parte deste mundo.

Felipe ficou completamente encantado a partir daquele momento. Ele não podia acreditar que tal coisa estivesse acontecendo. Ele não estava agindo na sua forma normal. Contudo, ele sentia que podia confiar na garota.

Afinal de contas, uma ladra ou uma prostituta não estaria interessada em histórias ou piano. Na verdade, essa moça parecia lembrar alguém que ele conheceu em sua juventude. Alguém que ele não conseguia recordar do nome.

A única coisa que ele lembrava era que a garota da sua juventude se parecia muito com Estefani e que uma vez ele amou aquela jovem. Infelizmente, na época, ela teve que se mudar para os Estados Unidos, pois ganhou uma bolsa de estudos em uma renomada universidade de música e também porque ela queria aprimorar o seu inglês, depois disso Felipe nunca mais a viu.

Quando Estefani sentou para tocar o piano, ela se posicionou como uma pianista profissional; seus dedos tocaram as teclas delicadas e, repentinamente, sons inacreditáveis emergiram daquele piano, melhores do que aqueles que ele ouviu aquela noite no teatro.

Felipe sentiu como se ele estivesse no paraíso, ele sentiu como se seu corpo estivesse flutuando no espaço, e a imagem daquela garota no piano era algo que ele nunca esqueceria [...]

*Alemanha, Berlin, primeiro de Julho, 2010. 07h14min. Quinta-Feira.*

Duas amigas estavam sentadas juntas em uma lanchonete nas primeiras horas da manhã, antes de irem aos seus trabalhos, seus nomes são Cristiane e Nola. Elas estão falando sobre as notícias que elas estão lendo.

Elas são amigas desde quando eram crianças e se conhecem muito bem. Algumas notícias no jornal são boas, enquanto que outras são ruins. O que para algumas pessoas poderia passar totalmente despercebido, para elas seria um momento de reflexão e de lembrar do passado.

- Hey, Cristiane. Você viu quem morreu ontem?
- Não, Nola. Quem?
- Você se lembra daquele cara que a gente conheceu há muitos anos atrás no ensino médio, o nome dele era Filipe Hanson?
- Sim. É claro que eu lembro. Eu estava apaixonada por ele. Entretanto, eu tive que me mudar para Nova Orleans nos Estados Unidos e nunca mais o vi. Como ele morreu?
- Aqui eles dizem que ele teve um ataque do coração fulminante durante uma apresentação de piano em Munique.
- Meu Deus! Que triste! Ele sempre amou música clássica. E ele sempre me encorajou a aprender e estudar piano. Eu sempre imaginei que ele me amasse, mas eu tive que escolher entre o meu talento e um amor que talvez fosse apenas um sonho de adolescente. E nos Estados Unidos eu me casei e fiquei lá quase dez anos. Eu nunca mais encontrei o Felipe.



Felipe Hanson morreu aos sessenta e oito anos de idade. Ele foi ao teatro às 20h30min, de 30 de Junho. Mesmo que ele sempre tivesse amado Chopin, ele nunca havia tido a oportunidade de participar de um concerto que tocasse apenas o seu ídolo.

Infelizmente, o destino não tinha o mesmo plano para ele. Dois anos antes, Felipe teve um ataque cardíaco, mas sobreviveu. Entretanto, na noite passada o ataque foi fatal.

Ele quase não sentiu qualquer coisa, foi como uma benção. Ele não conseguiu ver qualquer coisa da apresentação, porque para chegar ao seu assento, ele tinha que subir algumas escadas que estavam em um local privilegiado, lugar esse que ele havia escolhido especialmente para aquela noite.

Tudo isso combinado com a emoção da noite foram suficientes para trazer seu respiro final. Ele havia acabado de sentar quando

eles anunciaram o início da apresentação. Foi então que, inesperadamente, o seu coração parou exatamente às 20h57min.

Contudo, este não foi um final triste. Ele teve uma das melhores noites da sua vida. Ele não sentiu dor alguma na passagem para o outro mundo. Tudo o que ele teve foi uma feliz ilusão, que lhe trouxe bons momentos, coisa que talvez ele nunca tivesse vivido em sua vida.

Na verdade, ele teve tudo o que sempre quis naquele singular momento. Em sua mente, ele pôde sentir o impacto de um concerto que ele de fato não vivenciou. Felipe teve junto de si uma boa companhia imaginária, algo que, de certa forma, ele sempre evitou, porque ele apenas acreditou no amor uma vez na vida.

E, através da morte, ele pode, de uma vez por todas, amar Cristiane, mesmo que a memória não fosse mais tão nítida depois de tanto tempo sem vê-la.

Cristiane no sonho dele se chamava Estefani e lhe contou belas histórias sobre coisas curiosas que ele sempre amou. E para finalizar a sua passagem para o outro lado, Estefani lhe enviou ao paraíso tocando a bela Marcha Funerária de Chopin.

Nós nunca sabemos quando será o dia que nos trará o nosso último acorde de forma repentina.

## 4. O JARDIM DA EDUCAÇÃO E OS FRUTOS DA LEITURA

Madalena admirava o jardim que sua mãe cuidadosamente mantinha no pátio da singela casa em que viviam, que por sua beleza, também chamava a atenção das pessoas que passavam por ele.

Entrementes, o que chamava a atenção de Madalena era a incrível mágica que sua mãe era capaz de realizar: de pequenas sementes que ela comprava na floricultura, nasciam flores e árvores que

ela não sabia por qual razão, ou como surgiam, e por mais que ela perguntasse, e que sua mãe explicasse, ela não conseguia entender como isso acontecia.

Então, ela decidiu ver com os próprios olhos; Madalena decidiu que iria plantar uma daquelas sementes e que iria esperar até que ela florescesse.

O processo de plantar a semente na terra foi muito mais fácil do que jamais imaginou e por isso pressupôs que certamente a resposta que tanto almejava viria logo em seguida, com a mesma facilidade.

Após três horas de espera, sentada ao lado da terra remexida, a ingênua menina começou a suspeitar que o crescimento levaria muito mais tempo do que o processo de plantio.

Assim como na natureza e com a semente que Madalena plantou, a educação também não mostra os seus frutos nos primeiros anos de ensino, mas ao longo de uma jornada que pode levar uma vida inteira.

Vinte anos depois, Madalena devaneia sobre esses pensamentos enquanto pensa em todos os seus anos como professora. No princípio, professora de matemática e filosofia em escolas do ensino médio, onde trabalhava para alimentar o sonho de dar aulas, e também para alimentar a própria existência, que lhe sufocava com contas e prestações: da casa, do carro, e da faculdade.

Entretanto, atualmente, Madalena trabalha como professora e palestrante convidada por universidades e instituições renomadas ao redor do mundo. Hoje ela compartilha seus conhecimentos e experiência de como ajudar a criar um mundo melhor.

Para ela, é impressionante como as experiências práticas da vida proporcionam ensinamentos. Assim como aquela, de quando era criança, lhe mostrou que as plantas precisam de tempo para florescer, da mesma forma seus alunos precisaram de tempo para amadurecer.

A educação é um processo que leva tempo para apresentar seu desenvolvimento e produzir seus frutos.

Não é à toa que estes pensamentos lhe permeiam a mente neste momento. Madalena tem em suas mãos a prova de que uma das sementes que ajudou a plantar durante sua jornada de educadora realmente floresceu; não uma planta, mas uma vida humana.

Ela agora segura orgulhosamente o livro que acaba de ser premiado pela academia internacional de escritores como um marco revolucionário para uma geração de pensadores; livro esse que trata da importância da educação e da leitura, e que foi escrito por um de seus mais revolucionários estudantes.

Aluno esse que com certeza lhe presenteou com diversos cabelos brancos em virtude das diversas vezes em que desafiou os conhecimentos desta singela professora, mas que ao mesmo tempo, lhe ajudou a construir uma confiança ainda maior no seu próprio trabalho, e em sua crença de que a educação é a melhor maneira de inspirar seres conscientes de suas responsabilidades pelo mundo que ajudam a construir, e que, conseqüentemente, será o futuro das gerações vindouras.

Madalena não consegue conter algumas lágrimas enquanto lê passagens do livro desse querido aluno: “Como já dizia minha estimada professora de filosofia: ‘Quem incentiva a educação semeia grandes personalidades; quem incentiva a leitura semeia grandes escritores.’ Por causa de seu incentivo, hoje compartilho algumas ideias que considero fundamentais para o desenvolvimento das pessoas.

A terra que não recebe o devido cuidado, não produz o respectivo fruto. Uma ideia para criar vida, precisa primeiramente de algumas sementes de incerteza, adubo de incentivos, e gotas de determinação.

Aquele que gosta de ler e aprender também gosta dos desafios do processo de amadurecer. Ler é uma virtude que liberta a alma

daqueles que se permitem envolver por esse encanto. Quem lê amplia o conhecimento, expande a criatividade, desafia o medo; quem lê cria um mundo de fantasia que se transforma a cada livro em uma enriquecida e renovada realidade. Por isso, acredito que a educação e a leitura são a fonte para o desenvolvimento de uma sociedade responsável e feliz”.

Madalena não se arrepende de ter investido seu tempo, paciência e esforço a fim de que sua semente florescesse.

## 5. CORAÇÃO DE GESSO

Ela entrou em minha sala antes de uma das minhas aulas e puxou conversa. Eu nunca tinha reparado muito nela.

O que primeiro me chamou a atenção foi a camiseta preta que ela estava usando com o símbolo da *parental advisory* (alerta aos pais). Essa frase aparece na capa dos CDs e games violentos e com expressões vulgares. Imediatamente eu me identifiquei com ela.

Depois de alguns minutos de conversa fácil (sendo que eu nunca tinha falado com ela antes), e de perceber que meu aluno provavelmente não viria, que, aliás, era o chefe dela, a convido para sentar a fim de que continuemos nossa conversa.

Eu sou professor de Inglês e ela também fala Inglês, então toda a nossa conversa é em Inglês e nosso diálogo flui de maneira muito legal.

Sabe quando você conversa com alguém com quem se sente completamente à vontade, apesar de conhecer a pessoa há pouco tempo, e de um querer falar mais do que o outro, pois o assunto não acaba? Pois é. É isso que aconteceu entre eu, Rodrigo, e a Samanta, minha mais nova melhor amiga.

A Samanta é uma pessoa diferente. Ela não chama atenção por sua aparência e não se encaixa nos padrões de beleza. Confesso

que ela sempre passou despercebida por mim. Eu sabia de sua existência, mas nunca me interessei, nem precisei falar com ela.

Ela tem cabelos pretos lisos e uma pele muito branca. Ela parece tímida, mas quando fala, não para. Para mim, ela passou a ser uma agradável companhia. De repente, eu comecei a achar ela bonita e divertida. Eu quero conversar e estar com ela o tempo todo.

Conversamos quase todos os dias, nem que seja por e-mail. Às vezes, a convido para conversarmos no intervalo do trabalho. Sinto-me muito à vontade na sua companhia. Fazia tempo que não me sentia tão bem com alguém. Percebo ao longo de nossas conversas que somos muito diferentes um do outro. Entretanto, me sinto muito bem com ela.

Na verdade, nós temos algo em comum. Ambos somos excêntricos, diferentes dos outros. Também somos do tipo de pessoa que esconde algo dentro de nós que não queremos mostrar para os outros. Acho que ela também percebe isso em mim. Então é como se fôssemos cúmplices um do outro.

Continuamos nesse ritmo de conversas por mais ou menos um mês. Percebo que gosto bastante da Samanta e que gostaria de passar mais tempo em sua companhia. Na empresa, temos pouco tempo e conversamos principalmente por e-mail. Então a convido para sairmos algum dia.

Eu fiz o convite pessoalmente, cara a cara, pois com ela me sinto tranquilo. Ela aceita. Depois, por e-mail, ela me diz que se aquele foi um convite com segundas intenções, então ela não quer ir. Acho isso estranho e divertido ao mesmo tempo. Digo que não tenho segundas intenções com aquele encontro, que apenas gosto muito da companhia dela e de nossas conversas.

Eu adoro essa sinceridade nela. Ela sempre fala o que parece ter vontade de dizer; ela não se importa com o que eu vou pensar, ela simplesmente fala o que pensa. E, por causa disso, passo a confiar e a gostar ainda mais dela.

Marcamos de ir ao shopping algum dia antes do Natal, durante nossas férias na empresa. É um domingo. Eu a busco de carro, em sua cidade, e vamos para o shopping.

Confesso que fiquei um pouco preocupado quanto ao que conversar com ela durante aquela tarde, pois seria uma situação completamente diferente para mim, mas assim que ela entra no carro, iniciamos nossa conversa sem maiores dificuldades.

Aliás, ela inicia a conversa, e me pergunta se devemos interagir em inglês, ou português. Eu digo que em inglês.

Ela é uma pessoa que, apesar de parecer tímida, gosta muito de conversas. Ela fala muito. Eu quase não preciso me esforçar para achar o que falar, basta apenas ir no embalo de suas ideias. Eu adoro isso na Samanta. Vamos conversando o caminho todo em Inglês. Isso passa a ser uma coisa nossa, só falar em Inglês.

A gente se divertiu muito naquela tarde no shopping. Ela gosta de games, eu gosto de CDs, ambos gostamos de livros, então passamos praticamente a tarde inteira dentro de uma livraria dentro do shopping.

Durante alguns minutos nos separamos para ver o que gostamos e depois nos encontramos de novo. A companhia dela é muito agradável e natural.

Porque estamos conversando em Inglês, um rapaz se aproxima e puxa conversa conosco, achando que somos de outro país. Revelamos que somos brasileiros e que estamos apenas nos divertindo enquanto praticamos o idioma.

A Samanta é muito inteligente, então adoro praticar e aprimorar o meu inglês com ela. Damos risadas de coisas muito simples. Eu acho divertido “o jeitinho-esquisitinha” de ser da Samanta. Ela tem a personalidade de um felino.

Ela sempre mantém certa distância comportamental. Ela não me diz sua idade. Ela não quer que eu veja o preço de um livro pelo qual ela se interessou. Ela parece ter “um pé atrás comigo” o tempo todo.

Não que eu estivesse tentando alguma aproximação de segundas intenções. Eu realmente tinha entendido que ela queria apenas sair, sem compromisso. E eu estava muito feliz de ter a amizade dela. Sim, eu estava gostando dela, mas eu não tinha objetivo nenhum de tentar algo mais “romântico” com ela.

Como eu disse, ela é diferente. Eu adoro isso nela.

Quando eu a deixo em casa, ela me diz que não gosta de abraçar as pessoas. Eu entendo o que ela diz (eu entendo de verdade). Então não nos abraçamos na despedida.

Depois de nos despedirmos, ela ainda continua falando um monte antes de sair do carro. Percebo naquilo um ato de confiança, pois imagino que ela percebeu o quanto compreendo e respeito a sua excentricidade. Então ela entra em casa e eu vou embora.

A tarde na companhia da Samanta foi excelente. Não foi uma tarde de flerte. Foi uma tarde amigável e confortável. Esse foi o nível de proximidade que ela deixou bem claro que queria manter. Ela teve os motivos dela para ser do jeito que ela é, assim como eu tenho os meus motivos para ser do jeito que eu sou.

Acho que seremos bons amigos, pois conseguimos compreender a diferença e a esquisitice um do outro.

Duas semanas depois, quando voltamos de nossas férias, a Samanta não veio falar comigo. Então eu tentei ligar no ramal dela. Ela não me atendeu. Eu liguei novamente. Novamente ela não atendeu.

Um dia ela apareceu na minha sala só para deixar um livro que eu havia emprestado. Mal conversamos. Ela mal respondeu à minha pergunta de como ela estava. Isso me pareceu muito estranho.

Então, preocupado como eu estava, resolvi mandar um e-mail me colocando à disposição para conversarmos caso houvesse algum problema. Ela me respondeu dizendo que não queria mais conversar comigo, pois percebia que eu estava gostando dela, e respondendo que não havia qualquer problema com ela.

Eu retornei o e-mail dizendo que gostaria de conversar pessoalmente sobre aquela situação. Ela replicou que não tinha nenhuma situação e que queria manter apenas uma relação de “oi e tchau”, e nada mais. Aquilo me pegou desprevenido e eu fiquei abalado.

Eu estava completamente despreparado para reagir àquela situação. Naquele momento, eu lembrei de uma frase que diz que a melhor resposta em uma situação estressante é o silêncio, então não enviei mais e-mails e não puxei mais assunto.

Depois disso, nunca mais conversamos.

||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||

Quando as minhas férias iniciaram, no ano seguinte, junto com ela iniciaram os problemas na minha casa. O chuveiro não funciona mais, a caixa de descarga não enche, não consigo tomar banho, não consigo fazer minhas necessidades, os móveis que eu comprei para o meu quarto (na casa nova que comprei recentemente) estão atrasados e só vão ser entregues no mês que vem.

O pessoal que chamei para arrumar o chuveiro e a descarga não podem vir essa semana e eu não sei mais o que fazer. Eu tinha planejado gravar o meu CD de músicas próprias, o álbum conceitual Intuition, mas o cara que ia me ajudar não para de me enrolar, então acho que não vai dar certo. As férias começaram em péssimo estilo.

Enfim, os caras vieram e arrumaram o chuveiro e a descarga, mas ela estragou de novo. Os móveis de fato não vão vir neste mês e eu não gravei as minhas músicas. Deu tudo errado daquilo que eu tinha planejado. Então eu resolvi tentar consertar o chuveiro e a descarga eu mesmo.

Para isso eu vou ter que subir no forro da casa e limpar a caixa d'água, porque eu acho que é sujeira que está impedindo a água de passar pelos canos. Acredito que essa seja a solução final para

o meu problema. Como eu comprei a casa recentemente, eu não faço ideia de quando foi a última vez que foi feita uma limpeza na caixa d'água.

Meu pai me advertiu que, quando fosse subir no forro, tomasse cuidado para não pisar nele, porque ele é feito de gesso. Se pisasse, era certo que ia quebrar. Quando estou subindo na entrada do forro, que é apertada, e a escada que estou usando muito curta, o que dificulta a minha subida, então, sem querer, piso no forro.

Como eu disse, o forro é de gesso, e como previsto, eu pisei desajeitadamente nele. Com isso eu acabo quebrando toda a entrada para o forro. Eu mal posso acreditar naquilo. Agora eu vou ter que mandar arrumar o gesso da entrada do forro. De qualquer forma, consigo chegar na caixa d'água.

Ela está completamente suja de barro vermelho. Encho um balde com aquele barro. Está muito quente no forro, então estou suando muito. Faço o que tenho que fazer. Quase caio da escada e me arrebento todo quando tento descer do forro, pois a escada é muito curta. Não fecho a tampa do forro, pois ele está completamente quebrado mesmo.

Agora é hora de checar se meu trabalho deu resultado. Vou até o banheiro e tento ligar o chuveiro. Não sai nenhuma gota de água. A única água pingando no piso é do meu suor, que a este ponto não é nem mais de calor, mas de desespero mesmo. Puxo a descarga do vaso só para confirmar que ela não está funcionando também. Realmente, não está funcionando.

Por força do hábito, tento ligar a torneira da pia para lavar as mãos e o rosto, pois não estou me sentindo bem. Não sai nada de água, claro. A única água que sai é a do meu corpo, e agora tenho vontade de chorar.

Tudo está dando completamente errado e não sei mais o que fazer. Só me resta agora é limpar toda a sujeira que eu fiz tentando arrumar a água na minha casa e principalmente, preciso limpar os

cacos de gesso que estão na frente do banheiro onde fica a abertura para o forro.

Quando termino de varrer, percebo que o balde que eu usei para tirar o barro da caixa d'água ainda está no pátio. Então, em minha última "gota" de energia, decido limpá-lo para deixar tudo organizado.

Vou até uma torneira que tem do lado de fora e nem me dou conta de que provavelmente ela não irá funcionar, já que nada está funcionando na minha casa. Para a minha surpresa, a água sai daquela torneira.

Na verdade, não só sai, como jorra para fora da torneira golfadas esparsas de água e ar com sujeira. Então eu me dou conta de que aquele é um ponto de pressão dos encanamentos da casa e que, como ali tem pressão contida, aquela pressão está liberando o que estava entupindo os outros canos da casa.

Vou correndo para o banheiro para ver se o chuveiro está funcionando. Quando entro, já percebo que a caixa de descarga do sanitário está enchendo a toda força. Quando abro o registro do chuveiro, uma golfada de água suja me surpreende de alegria. A água vem com tudo.

Quase não acredito no que vejo. Aciono o botão de turbo ao lado do chuveiro (que aumenta a força da água) para ver se está funcionando, e a água vem com ainda mais força. É muita água, como nunca antes havia tido em minha casa.

Dou graças a Deus, porque aquilo só pode ser um milagre. Nem espero os canos limparem e tomo um banho de água suja mesmo. É mais pra lavar a alma mesmo. Ah, que coisa boa!

Entretanto, quando desligo o chuveiro, eu sinto uma pontada de tristeza e solidão. Agora eu estou chorando de verdade. Existem coisas mais complicadas de consertar do que uma casa com problemas.

Eu ainda sinto falta da Samanta.

# CAPÍTULO III – DISCURSOS

Não há inspiração maior do que as circunstâncias da vida. Todos os momentos que vivemos podem ser divididos em partes; com começos, meios e fins. E, provavelmente, a maioria haverá de concordar que, os finais carregam mais sentimentos do que os outros dois momentos.

Este capítulo é uma compilação de finais. Todos eles felizes. Todos eles memórias boas, que hoje são um passado distante. Entretanto, estas, assim como muitas outras histórias, não precisam morrer. Este é o objetivo do capítulo Discursos: manter viva a lembrança de momentos que carregam muitos sentimentos carinhosos.

Estes discursos foram escritos para celebrar momentos que foram incrivelmente bons e que podem ser revividos na interpretação e imaginação de cada pessoa que ler suas linhas.

O que torna este capítulo muito especial é o fato de que cada um destes momentos ter sido pensado para ser especial para outras pessoas, não para mim. Em todos eles, eu fui apenas um coadjuvante, tentando jogar os holofotes nos atores principais. E foi esse o objetivo quando eu escrevi cada uma das próximas linhas que você irá ler.

Todavia, a bem da verdade é que, secretamente, dentro de mim, eu também vivia uma história em que eu era o ator principal. Em cada discurso lido para plateias enormes, eu estava enfrentando um dos maiores vilões da minha história de vida. O malvado se chamava Ismael Specht, ou melhor, a mente do Ismael Specht.

A gente pode dar outro nome para esse rival se a gente quiser. Ele pode ter um nome fictício para esconder a sua identidade. Esse personagem maligno pode se chamar “Medo”. Deixe-me explicar rapidamente.

Quando eu era apenas criança ainda, lá por volta dos meus sete anos, eu tive a responsabilidade de me apresentar ao público, para uma atividade de final de ano, do cursinho de catequese. A minha função era muito simples, apenas falar uma palavra.

O problema é que, até aquela época, eu era um menino muito “espoleta”. Eu era natural e instintivamente “muito alegre, extrovertido e espontâneo”. Eu era o palhaço da turma. Só para você ter uma ideia, quando a professora saía da sala, ela me pedia para ficar cuidando da turma.

Mas para não pagar de dedo duro com os meus amigos, e para fazer com que eles se comportassem, eu ficava fazendo show de comédia pra eles. Eu falava qualquer besteira que vinha na minha cabeça; eu improvisava tudo o que eu dizia. Às vezes eu fazia pi-ruetas, também.

Teve um dia que eu inventei de fazer uma brincadeira de plantar bananeira em cima de uma cadeira. Quando outro coleguinha foi tentar a mesma coisa uns dias depois, ele caiu de cara na cadeira e machucou o nariz. Ou seja, lidar com o público era comigo mesmo, e não tinha pra mais ninguém.

Só que chegou o tal do dia da apresentação da catequese, por volta dos sete anos, como eu disse antes. A professora me mostrou, alguns minutos antes, a palavrinha que eu ia precisar recitar, eu li, e achei aquilo muito fácil. Não teria problema nenhum. Só que teve. Um probleminha; e um problemão.

Quando chegou a minha hora de pronunciar a palavra especial, adivinha se eu não estava bagunçando e incomodando o meu coleguinha do lado? Era o Manu, meu melhor amigo. Do outro lado estava o meu outro melhor amigo, o primo do Manu, o Cassiano. Ele me cutucou e cochichou: “vai, é a tua vez de falar”.

Eu parei de espevitara, olhei para frente e, quando fui falar, eu não falei. Eu não falei porque eu tinha esquecido qual era a palavra. Eu fiquei olhando para todos esperando a memória funcionar,

tentando recordar, não do texto, não da frase, mas da palavra, de apenas uma palavra. Enfim, eu não lembrei.

Foi então que a única coisa que eu consegui dizer foi a verdade: “me esqueci!”. Nisso, todo mundo caiu na gargalhada. Todo mundo menos a minha mãe. Eu vi que ela ficou furiosa com aquela encenação não planejada. A minha querida professora então me ajudou e me disse que falasse qualquer palavra que eu quisesse.

Essa circunstância tinha tudo para ser mais uma de minhas artimanhas cômicas. Só que não foi. O fato de todos rirem de mim, e da minha mãe ficar chateada comigo, criou em mim uma sensação de vexame e constrangimento. E, como quando a gente é criança, a gente não sabe muito bem como lidar com essa, surpresas, aquilo acabou me bloqueando para o resto da vida.

Eu nunca mais fiz nada que tivesse a ver com o público de forma espontânea e alegre. Sempre que eu precisava falar para uma audiência, era com medo e rigidez, nunca era o mesmo Ismael alegre e divertido de antes. Pra ser bem sincero, passou a ser terrível e assustador. A bem da verdade é que eu nunca mais fiz nada que envolvesse plateia e inclusive me tornei algo que eu não era até então, uma pessoa tímida.

Com o tempo eu fui percebendo que eu precisava mudar aquilo, pelo menos melhorar um pouco. Mas eu tinha medo, muito medo. Até que chegou uma grande oportunidade de dar um passo em direção da minha cura.

No fechamento do nível intermediário do meu curso de inglês ia ter uma cerimônia de encerramento em que dois alunos teriam que fazer o discurso. O professor Faber não titubeou em afirmar que eu seria um deles. Dentro de mim a voz do medo quis recusar, mas o grito do Ismael criança soou mais alto e eu aceitei. Eu sabia que não seria fácil.

Felizmente deu tudo certo. Eu li o discurso, juntamente com a minha colega Fernanda Foltz, e nós fomos um arraso. A gente

mandou super bem. A gente foi tão bem que pessoas da plateia vieram nos parabenizar depois e pedir o nosso discurso impresso para levar de recordação.

O primeiro discurso que você lerá na sequência é desse dia. E depois desse primeiro desafio vencido, eu aceitei os próximos que vieram. Então, a cada cerimônia, fosse de formatura, ou de casamento, eu sempre me esmerava ao máximo para elevar a celebração dos atores principais, mas, dentro de mim, eu também vivenciava a minha incrível luta de combate ao medo.

Eu confesso que nunca superei o meu medo definitivamente. Eu nunca mais fui o mesmo Ismael, de quando eu era criança, antes do trauma. Por outro lado, eu sei que o meu purgatório foi importante para me dar a disciplina de sempre fazer o meu melhor quando preciso estar diante do público, pois a não preparação e o desleixo são um ato de desrespeito com a audiência. Essa lição eu aprendi desde jovem.

Espero que você tenha uma bela primeira recordação destas belas celebrações que iremos viver agora. Imagine-se sobre um palco junto comigo dizendo cada palavra. Eu torço de coração que elas lhe sirvam de intuição para que você compreenda quais são os desafios que você precisa enfrentar e superar.

## I. DISCURSO DE FORMATURA COMO ALUNO DE INGLÊS I

Esta é muito mais do que uma escola de inglês; é mais do que um lugar aonde se vai para estudar. Muito mais do que isso, é um lugar onde se aprende o melhor inglês, com os melhores professores e com o melhor ambiente possível de aprendizado. Um lugar onde todos sempre estão felizes e a forma de ensino é a mais sensível e aprimorada, pois vai muito além do esperado.

Quando as pessoas trabalham com amor, na verdade elas deixam de ser funcionários, e passam a ser verdadeiros artistas que constroem obras de arte capazes de revolucionar a história da humanidade, ou pelo menos mudar os rumos da vida de algumas pessoas.

Faber, você e seus artistas têm construído a cada aula obras de arte que, se não revolucionaram ainda o Mundo, com certeza já têm revolucionado suas próprias vidas. Muitos aprendizados têm sido construídos ao longo destes anos e nos sentimos honrados em poder dizer que não só fazemos parte de tudo isso, mas que também somos o resultado de um trabalho feito com muito amor.

E o que dizer destes caros colegas e amigos. É na verdade fácil descrevê-los, seus rostos e suas peculiaridades estão fortemente arraigados em nossos corações. Tão forte é o sentimento, que nos consideramos como irmãos que trocam confidências e dividem suas alegrias, ansiosos pela quarta-feira de toda semana que demora a chegar, mas que passa quase que sem notar, sem notar pelo tempo que voa, entretanto muito notável pela saudade que deixa e pela vontade de mais uma quarta-feira que logo apareça.

Essa turma tem joias raras, joias que não se encontram em qualquer lugar, e elas brilham tanto que iluminam até aqueles dias nebulosos de trabalho, ou aqueles dias cansativos de escola, de provas, enfim, dão ânimo e lapidam sorrisos em nossas faces como verdadeiros artesãos. Temos as mais diversificadas riquezas nesta turma, dos divertidos aos intelectuais, dos desbravadores aos sentimentais.

Um sábio escritor disse: “Uma sociedade que aparelha muito mais aqueles que punem do que aqueles que educam será sempre enferma. Não me curvaria diante dos famosos nem dos grandes representantes desse sistema, não me curvaria diante de nenhuma autoridade política e de nenhuma celebridade, mas me curvo diante de todos os professores e alunos desse Mundo, pois são eles que têm o poder de construir e mudar o teatro social.”

Queremos, enquanto estudantes, agradecer aquele que para nós não é apenas o melhor professor de inglês do Mundo, e não temos dúvida alguma ao dizer isso, mas é também o melhor amigo, o melhor comediante e o melhor contador de histórias. Essa pessoa é você, Faber.

Sentimos muito orgulho de termos você como professor, como mestre. Parabéns pelo seu trabalho e por nos conduzir até aqui com tanto amor e carinho. Mas temos a dizer que para nós não é o bastante, nós queremos ainda mais e vamos até o fim dessa jornada.

E para finalizar, queremos dizer que palavras são incompletas para explicar o que nossos corações humildemente querem expressar em gratidão a você, a sua equipe e a estes fantásticos colegas de aula.

Quando a verdade e os sentimentos vêm à tona, as palavras facilmente embargam em nosso peito, nos impedindo de conseguir expressar perfeitamente o que sentimos em nossos corações. Portanto, convidamos a todos aqui presentes a calorosamente dedicar uma salva alegre de palmas a estes mestres e estudantes que nos ensinam muito mais do que falar inglês, pois nos ensinam a falar a linguagem da sabedoria. Parabéns.

## 2. DISCURSO DE FORMATURA COMO ALUNO DE INGLÊS II

Qual é o grande objetivo da vida? Para nós, é ser feliz. E durante todo esse tempo que passamos aqui, esse com certeza foi um objetivo alcançado.

Dizem os grandes pensadores que não devemos apenas almejar a satisfação do resultado conquistado, mas do processo como um todo. Quando reinventamos que estudar pode sim ser algo divertido, nós conquistamos esse objetivo.

Não aprendemos somente porque queríamos aprender inglês, mas também porque isso nos deixava felizes. Não íamos para a escola porque era uma obrigação, mas sim porque lá tínhamos a certeza de toda semana encontrar pessoas com as quais nos identificamos.

Todos nós aqui presentes hoje, de uma forma ou de outra, somos grandes vencedores. A começar por nós, estudantes, que estamos nos formando. Esta turma que aqui está, começou há muito tempo a construir uma história. Na época a turma não era bem essa de hoje, pois no percurso, alguns pararam, enquanto outros se juntaram para renovar o grupo.

Foram momentos de muita alegria e aprendizado e, com certeza, adoramos tudo isso. No entanto, isso não quer dizer que tenha sido fácil. Todo aprendizado exige esforço. E nós conseguimos chegar ao fim dessa jornada, e o sentimento que fica é o de que parece que tudo passou tão rápido e, se dependesse de nós, poderia até durar mais alguns anos.

Vocês, queridos colegas e amigos, são como livros ainda inacabados, mas com uma história que até aqui foi escrita com muita inspiração, onde com certeza ajudamos a construir alguns capítulos juntos.

De minha parte, só posso dizer que foram momentos maravilhosos, que prepararam o terreno para que os próximos capítulos que virão em nossas vidas serão tão bons quantos estes de até aqui. Não foram momentos bons porque foram perfeitos, mas sim porque das imperfeições construímos um objetivo comum, que hoje conquistamos.

Em seguida, temos a figura dos nossos professores, que são para nós sinônimos de amigo, pai, mãe, irmão, afinal de contas, nos ensinaram muito mais do que falar inglês, nos ensinaram também a rir nos dias em que estávamos cansados, desabafar quando algo não ia muito bem, e nos proporcionaram momentos de desafios para que pudéssemos nos tornar pessoas melhores. Eles são

capazes de fazer isso não porque essa é a função de um professor, mas sim porque eles são apaixonados pelo que fazem.

Contudo, por nós mesmos, talvez em alguns momentos tivéssemos desistido, se não fosse o incentivo daqueles que acreditam e lutam pelo nosso futuro, e a figura de nossos pais e mães foi fundamental nesse quesito. Quem nunca ouviu da família que precisávamos estudar para ter um futuro melhor? Pois é, isso é verdade mesmo, mas nunca teríamos usufruído desse conhecimento se não fosse pela experiência de pessoas que pensam no que há de melhor para nós.

Pois é, estamos chegando ao fim do discurso, ao fim da formatura, e ao fim das aulas, e os sentimentos agora se misturam em um turbilhão de emoções que mal podemos descrever. Ao mesmo tempo em que estamos felizes por alcançar um objetivo tão importante, não podemos deixar de ficar tristes, pois aqueles encontros semanais agora serão apenas parte de uma bela lembrança.

Apesar de termos a certeza do dever cumprido, agora percebemos que passamos a ter uma responsabilidade com relação ao conhecimento que adquirimos. Agora percebemos que a melhor forma de melhorar o mundo é através da educação e através das escolas, e que ao contrário do que às vezes imaginávamos, a responsabilidade não é somente dos outros, sejam eles políticos, professores, policiais, ou religiosos; mas nossa também. Muito obrigado.

### 3. DISCURSO DE FORMATURA COMO PROFESSOR DE INGLÊS I

O que é mais importante em uma jornada? A partida, o decorrer ou a chegada? É difícil de responder a essa pergunta. Na vida, tudo é muito relativo, e as respostas prontas são o nosso último recurso de certeza. Talvez a melhor posição seja a da contemplação

constante de cada milagre que acontece nas pequenas coisas que vivemos.

E no caso desta turma, essa é exatamente a percepção que tenho. Não consigo dividir em partes ou em um momento o que foi mais importante, entretanto, cada passo dado, seja no questionamento de uma pergunta, na voz de um “*helo*” no começo da aula, no brincar de uma piada que nos fez sorrir, é um momento que me faz sentir saudade do que vivemos.

Em tudo isso está guardado o sentido de tudo o que vivemos. Sinto alegria em poder pensar, e expectativa em imaginar, nas quantas coisas ainda viveremos e aprenderemos juntos.

Algumas pessoas reclamam da vida, dizem que ela não tem cor, brilho, alegria, e jogam a culpa no acaso. Mas esquecem que muito do que vivemos é uma opção nossa, onde só quem se permite rir de uma piada pode sentir alegria. E essa é uma recordação muito viva que levo desse grupo: a capacidade de escolher ser feliz com as coisas simples. Em se permitir brincar consigo mesmos.

Parabéns por essa bela conquista, por terem valorizado a oportunidade de aprender um idioma que lhes abrirá muitas portas, e também por serem pessoas ativas em desenvolver amizades, apreço pela vida e respeito pelos outros.

Vocês ainda têm muito a conquistar; com certeza aprenderão muitas coisas, e torço muito pelo sucesso de cada um. Um abraço a todos. Obrigado.

## 4. DISCURSO DE FORMATURA COMO PROFESSOR DE INGLÊS II

A vida é como um CD de músicas, com a única diferença de que na vida o CD só pode ser rodado uma vez. A canção que começa, precisa terminar, e todas as emoções que ela nos proporcionou

serão memórias. Às vezes o que escutamos são coletâneas das maiores composições, mas outras vezes, obras desconhecidas que acabam por ser esquecidas em alguma estante.

Com esta turma tivemos excelentes canções, que não podem ser definidas por um estilo, pois geraram diferentes emoções, mas que com certeza se encaixam em hits de grande sucesso, que ficarão gravados para sempre na vida de cada um de nós, e que apesar de não podermos colocar no CD player para ouvir mais uma vez, podemos nos dar ao luxo de reviver cada bom momento em nossa memória.

Hoje a música que estamos ouvindo se chama formatura, e ela fecha uma coletânea de clássicos que foi este semestre, do qual todos nós, alunos e professor, somos compositores, todos com um talento diferente e único, mas de igual importância para o resultado final.

Foi uma honra compor e ouvir tão belas melodias com vocês, meus queridos alunos. Admiro muito cada um de vocês e só tenho a agradecer pelos belos momentos proporcionados.

Mas e agora, o que fazer quando não só a música chega ao fim, mas também um álbum inteiro? É muito simples, a partir do próximo semestre começaremos a compor nosso mais novo disco, chamado nível avançado de inglês.

Parabéns, alunos queridos, por essa conquista. Um forte abraço e muito obrigado.

## 5. DISCURSO DE FORMATURA COMO PROFESSOR DE INGLÊS III

Engana-se quem pensa que são apenas rostinhos bonitos, por trás estão também pessoas muito inteligentes. Está errado quem pensa que são muito jovens, guardam um conhecimento invejável

aos anciãos. Comete um grande erro quem imagina que são poucos, pois são capazes de coisas que muitos não ousariam.

Uma grande e forte árvore, antes de se tornar majestosa e imponente, precisa antes ser apenas uma semente. Uma bela e aconchegante casa, antes de ser um lar, necessita em algum momento ser apenas um pequeno tijolo sobre a terra bruta.

O que é mais forte, a pequena semente que contém a vida, ou a árvore que se fixa ao chão em tempos de tempestade? O que é mais importante, a casa que acalenta uma família, ou o primeiro tijolo que dá início e sustento ao resto da obra?

O mais forte, importante, e impactante, é o gesto do ser humano por trás de cada evento. É ele que tem o poder e a fraqueza, a inteligência e a ignorância, a criatividade e a esterilidade.

Vocês, formandos, fazem a diferença porque escolhem ser o melhor de si, porque assumem responsabilidades e porque aceitam desafios. Vocês são cinco sementes que foram plantadas e que já dão frutos; cinco tijolinhos que já iniciaram uma grande construção.

O mais importante nessa conquista é a atitude de vocês em cada momento. A motivação, a amizade e a valorização do conhecimento. Parabéns por esta conquista.

## 6. DISCURSO DE FORMATURA COMO PROFESSOR DE INGLÊS IV

Este é um momento que carrega muitos sentimentos. Esta é sem dúvida uma turma única. É um diamante lapidado com algodão. É uma viagem por todos os continentes em termos de personalidades e por todos os países no quesito emoções vividas.

A sensação que tive ao dar aula para estas grandes crianças foi a de alguém que anda numa montanha russa. A emoção era

lancinante, éramos pessoas totalmente diferentes, mas sempre juntas em todos os momentos: rimos, choramos, brigamos, amamos, acertamos e erramos, e, no final, tudo o que queremos é voltar ao começo da fila e andar de novo na montanha russa.

Estas pessoas que estão aqui se formando hoje merecem muito respeito por tudo o que conquistaram. Eu sei, mais do que ninguém, que vocês teriam todos os motivos do mundo para abandonar o curso: trabalhavam horas absurdas; alguns tinham dificuldade; o conteúdo era difícil; outros tinham família; contas para pagar; enfim.

No entanto, nada disso foi empecilho, pois a vontade era muito maior. Tudo o que fizeram para merecer estar aqui vale para ensinar a todos nós que quando queremos algo, quase nada pode nos parar.

Vocês sempre achavam impressionante o fato de eu estar sempre feliz, como se isso fosse algo que partisse exclusivamente de mim. Na verdade, era a energia positiva que vocês criavam que me deixava assim.

Vocês valorizavam cada segundo da aula, vocês queriam estar ali, vocês queriam aprender, vocês me viam feliz, porque eu via vocês motivados. Eu lembro de muitas vezes em que a semana tinha sido difícil, mas vocês ali estavam, juntos comigo, então, eu ficava feliz e a energia se renovava.

Para mim, vocês são todos adultos que esqueceram de crescer, e isso é bom. Vocês continuam crianças, na essência, que se recusam a ouvir dos pais que não pode, que não dá, que a vida é difícil e que não podemos ser felizes. A criança não ouve, ela vai e faz mesmo assim.

Vocês não ouviram as pessoas que disseram para não usar fantasia no Dia das Bruxas; não deram ouvidos àquelas pessoas que disseram que fazer inglês era coisa de adolescente. Vocês não escutaram nem o adulto que mora em vocês, quando ele disse que era hora de abandonar o curso.

Vocês disseram sim, eu vou até o fim, eu vou viajar para o exterior, eu vou brincar, eu vou até rir das piadas sem graça do *Teacher*, porque vocês simplesmente se permitiram viver intensamente.

E, no fim, tudo o que eu tinha para ensinar foi muito pequeno perto de tudo o que aprendi. Obrigado por me acompanharem até aqui e parabéns por esta conquista, vocês são merecedores de todas as palmas.

## 7. DISCURSO DE FORMATURA COMO PROFESSOR DE INGLÊS V

Oi, caro leitor. Aqui eu preciso fazer uma intervenção explicativa, pois este discurso foi um pouco diferente dos outros. Você se lembra do que eu disse no começo, de como esses discursos representavam uma vitória, por causa do trauma que eu havia vivido na infância e que acabou me inibindo para falar em público? Pois é, aqui neste discurso número 5, como professor de inglês, eu decidi, na noite da formatura dos meus alunos, levar as coisas um pouco mais longe.

Em cada um dos discursos que você leu até agora, eu tinha trazido uma folha de colinha para ler durante o discurso, ou seja, não falei de cabeça, eu li o texto, assim como todos os meus colegas e demais alunos também faziam.

Só que, eu sou formado em administração, e lá no curso eu aprendi uma história sobre “queimar os navios”. Essa história fala de um conquistador que, ao desembarcar com a sua tripulação em uma ilha que está invadindo, ordenou aos seus comandados que queimassem todos os seus navios. Ele fez isso para a tropa de soldados não tivesse opção de fugir do combate. Ou eles venciam e capturavam novos navios, ou seriam derrotados sem chance de escapar.

A moral dessa história é que, quando temos um desafio muito grande em nossa vida, devemos queimar os nossos navios, ou seja, devemos nos livrar de qualquer alternativa de fuga, ou desistência. No meu caso, falando dos discursos, para a noite de formatura desta turma, eu decidi vencer completamente o meu medo de falar em público, por isso eu decorei o discurso todinho e simplesmente falei de memória.

Não só isso, mas eu nem sequer levei qualquer colinha no grande dia. Eu lembro que, uma hora antes de subir ao palco, eu pedi para a secretária da escola, e minha melhor amiga, a Rosane Fernandes, para praticar com ela. Na hora da prática, eu esqueci algumas partes da fala de tão nervoso que eu estava.

A Rosane então sugeriu que eu lesse o que pretendia falar. Só que eu tive que explicar para ela que eu não tinha a folha impressa comigo e que não dava tempo de ir para casa imprimir. Eu tinha queimado os meus navios.

Em virtude disso, eu acabei nem sequer cuidando de salvar o discurso no computador e, por isso, eu não consegui encontrar este discurso para incluir aqui no livro. Ele simplesmente não existe mais.

A única parte que eu lembro dele é o começo, que foi mais ou menos assim:

“Imaginem que vocês fossem amigos de alguém muito famoso, tipo a Katy Perry, a Gisele Bündchen, ou a Angelina Jolie; tipo o Messi, o Brad Pitt, ou o Barack Obama. Agora imaginem que vocês conhecem essas pessoas antes da fama.

Pois então, é assim que eu me sinto com relação aos meus alunos. Para mim, eles são como celebridades, só que um pouco antes do sucesso, pois já existe em mim a convicção de que eles são pessoas espetaculares.”

O discurso transcorreu mais ou menos por essas linhas, e tudo ia muito bem, até que algo aconteceu. Como eu estava me sentindo relativamente confortável enquanto falava, e já ia sentindo o sabor

da vitória, um pensamento cruzou a minha mente. Na verdade, uma dúvida. Eu lembrei o meu esquecimento quando era criança e me perguntei o que aconteceria se eu esquecesse o resto do que tinha que falar nesta noite.

Esse pensamento foi rápido como um raio de luz. E sim, por um segundo eu travei. Perto do fim da minha fala, eu esqueci o resto do que tinha para dizer. Eu emudeci diante de mais de 400 pessoas. Eu cheguei a sentir o cheirinho do vexame pairando pelo ar. Em uma atitude de desespero, e para ganhar algum tempo para me recompor, eu pedi desculpas, pois estava muito emocionado.

Não adiantou, o texto não retornou ao meu arquivo de memória. Ainda com alguma força de reação, eu comecei a improvisar e nisso eu quase errei o nível da turma que estava se formando. Eu estava prestes de vivenciar o meu segundo vexame traumático e dessa vez a cicatriz seria eterna e insuperável. Só que eu ainda não estava vencido.

Por algum milagre da Vida, enquanto eu estava improvisando, as palavras do discurso magicamente reapareceram na minha recordação e eu consegui terminar o discurso “com poucos ferimentos de batalha” e sair para abraçar meus alunos. Foi um abraço de celebração pela conquista deles e um abraço de alívio pela minha vitória pessoal.

A guerra estava finalmente vencida.

## 8. DISCURSO DE 50 ANOS DE CASAMENTO

Por que a vida faz isso com a gente? Por que Deus escolheu justamente Davi, o mais mirrado dos soldados de Israel para enfrentar o gigante Golias? Por que a Vida coloca justamente os mais tímidos para enfrentar o desafio de falar em público?

Sem saber a resposta para essas perguntas, eu fui convidado para fazer o discurso de celebração de confirmação dos votos de

casamento do Tio Nilvo e da Tia Loiva. Eu, Ismael, não conheci os meus avós, e esse jovem casal que agora celebrava tantos anos junto nunca pôde ter filhos. Então, era como se eles fossem meus avós adotivos e eu fosse o netinho deles.

Eu os conheço desde quando nasci. Minha mãe trabalhou mais de vinte anos para eles, como doméstica. Eles sempre me trataram como um membro da família. Às vezes eu era o filho adotivo, às vezes o neto adotivo, enfim, eles me adotaram de forma simbólica para expressar o amor que eles gostariam de dedicar ao filho, ao neto, que eles nunca tiveram.

Portanto, o convite para fazer a leitura do discurso de celebração das bodas de ouro desse lindo casal foi uma das missões mais inesperadas que recebi na vida e uma das quais mais me orgulho de ter realizado. E é incrível pensar na minha jornada pessoal de superação do medo de falar em público, até o momento desta singular solenidade.

E é curioso pensar, e se perguntar, quantas pessoas são convidadas para realizar um discurso como esse? E por que justamente eu; logo eu, que sou tão tímido e que tive que vencer um trauma de infância? Esta é Vida, bem-vindo a ela.

E, bem-vindo a você, leitor, ao último discurso de nosso capítulo de discursos. Espero que você goste. Ele foi exatamente assim:

Qual a melhor maneira de cultivar um jardim? Com palavras ou com água? Com certeza com a água, que representa a ação. Da mesma forma acontece com o amor, não basta dizer que ama, é preciso mostrar através de gestos concretos. E, nesta noite, que forma melhor de dizer “eu te amo”, do que através de um casamento que completa seus cinquenta anos? Com certeza isso é Amor de Verdade.

O Amor é como uma obra de arte pintada em um quadro: pois não são palavreados que produzem sua beleza, mas o trabalho árduo de um artista que sabe o que vê em sua imaginação, mas que

precisa construir através de movimentos e esforço uma obra que por fim falará por si própria.

Vocês, Tia Loiva e Tio Nilvo, são exemplos do que o Verdadeiro Amor significa. E não são necessárias afirmações para representar o que podemos ver diante de nossos olhos: uma obra de arte de valor inestimável.

Sinceramente, eu não fico assim tão surpreso de presenciar um momento belo como este. Pois, convivendo com vocês, por todo esse tempo, eu sei que nasceram com o dom de amar sem medidas.

São cinquenta anos. Não são cinco anos, nem, muito menos, cinco dias. Ninguém aqui é capaz de entender o que essas duas magníficas pessoas estão sentindo, a não ser, é claro, que já tenham vivido tal situação.

Cinquenta anos de vida a dois. Um escritor disse que: “se vivêssemos com cem animais não teríamos a decepção que temos ao convivermos com apenas um ser humano. Mas, o mesmo ser humano que pode nos magoar, é o mesmo que nos proporciona as maiores alegrias que jamais teríamos conhecido nessa vida.”

Felicidade não significa conhecer somente alegrias. Felicidade significa viver tantas coisas boas, que os momentos ruins sejam apagados completamente da nossa memória. Isso é casar, estar com a mesma pessoa que nos faz sentir especial, apesar de nos lembrar que somos capazes de chorar, às vezes.

Entretanto, sem os riscos do amor, a única coisa que conseguiríamos viver é a segurança de uma vida vazia, regada por uma rotina nem triste, nem alegre. Talvez seja por isso que as montanhas russas tanto nos fascinam nos parques de diversão: pela sensação de alegria e emoção que a insegurança dos altos e baixos nos proporciona.

Casar com alguém é aceitar entrar no carrinho de uma montanha russa. Altos e baixos virão, mas a razão de ali estar consiste no prazer que a segurança da terra firme nunca proporcionaria.

Tia Loiva e Tio Nilvo, hoje agradecemos a Deus por este lindo momento. Mas tenho certeza de que Deus também se orgulha muito de ter criado pessoas como vocês, que levam adiante a mensagem que ele ensinou.

Quando ele disse que o casamento é uma instituição sagrada, muitos não entenderam e, infelizmente, não puderam viver a intensidade do que o casamento significa. Todavia, a partir do exemplo que vemos hoje, com certeza aprendemos que a vida a dois ainda vale muito a pena.

Obrigado e parabéns por essa data tão especial que com certeza fica muito marcada em nossos corações. Todos os seus amigos e familiares aqui presentes os amam muito e estão extremamente felizes em dividir essa conquista. Um beijo no coração de vocês.

# CAPÍTULO IV – COMPOSIÇÕES E POESIAS

Assim como existem algumas crianças que sonham em ser jogadoras de futebol, existem outras que se imaginam em um palco, como artistas de uma banda de rock. Eu fui um pouquinho dos dois. A diferença é que o sonho de ser compositor durou um pouco mais de tempo.

Eu cheguei ao ponto de montar uma banda com o meu melhor amigo, o Manu, a qual deu passos bem promissores no mundo artístico. Juntos nós compusemos algumas canções bem interessantes. Mas sabe como é a vida, ela tem os seus reveses. E essa coisa de ser artista requer muito esforço, talento e sorte. Eu só tive o esforço para oferecer.

O meu negócio era mais escrever mesmo. Mas compor uma música e escrever um texto não são coisas tão distintas, pois ambos passam pelo mesmo processo criativo. E certamente essa incursão musical me ajudou muito com a carreira literária.

Apesar de não ter dado muito certo na música, eu sempre levei esse meu lado criativo muito a sério. E só quem leva a arte com essa mesma seriedade, e se entrega a ela, sabe o quanto a gente acessa uma zona especial da existência; uma área intelectual intuitiva e meio fora da realidade do cotidiano. É um dom interessante. É um presente para alguns poucos escolhidos.

Só que compor uma música ou uma poesia são jeitos diferentes de se expressar. Neles a gente não precisa tentar ser tão claro naquilo que tenta dizer. É natural deixar bastante espaço para a interpretação de quem for ouvir ou ler o que se tem a expressar.

Essa é a intenção por trás dos textos que você irá ler neste capítulo. Algumas das letras aqui apresentadas estão disponíveis no

*YouTube*, como é o caso da composição *Vitória*, mas, de qualquer forma, sintá-se à vontade para criar a sua versão musical das letras que você lerá, caso sintá interesse. Se quiser ir mais longe na brincadeira, sintá-se com permissão inclusive para postar no *YouTube* ou para me enviar o que produziu. Eu ficarei muito feliz.

O processo intuitivo flui muito bem por meio da inspiração musical, principalmente porque a linguagem mais apropriada para transmitir uma canção são as emoções, e não as palavras. Espero que estas palavras toquem a sua intuição de alguma forma.

## I. VITÓRIA (DISPONÍVEL NO YOUTUBE)

Não tenha pressa, mas faça acontecer,  
O que é bom pra ti já tem hora marcada.  
Não seja afobado, deixa amanhecer,  
Quem a faz sua parte, não deixa pra lá.  
Sua vida está acontecendo,  
Você só quer se orgulhar,  
Daquilo que fez com tanto carinho,  
E com tanto amor.

Eu só olho para frente em busca da vitória,  
Mas sem esquecer-se de quem ficou pra trás.  
Eu tive minha chance e por isso eu vou cantar  
Que pra quem tenta há uma chance, quem tenta sempre chegará.

A vida já acontecia bem antes de você nascer.  
O filho sol ainda brilha mesmo em cinzas dias.  
Quem acredita vai em frente fazendo sempre o melhor.  
Quando não se arrisca, não se descobre o quanto se é capaz.

## 2. INQUIETUDE

Abra a sua mente, o mundo não é só o que os olhos veem.  
Busco o caminho mais difícil, a recompensa me parece melhor.

Cara de quem vai pular no vazio, ou abrir o gás,  
Eu tenho medo das coisas que vejo em minha mente.

Inquietude.

Vivo e não sinto nada, cada dia me parece pior.  
Sigo só o meu caminho, sozinho busco um destino.

Vivo, mas eu não existo; choro, mas eu nunca sinto.  
Busco e nunca encontro, coisas que eu não conheço.

Minha única saída é a vontade de viver.

Inquietude.

## 3. SONHO

Um dia tive um sonho, e era o sol me chamando,  
Para viver a realidade, bastou um sim pros meus olhos abrir.

E hoje estou acordado, vivendo o sonho que é bom,  
Que vai durar pra sempre.  
Eu tive a chance e minha resposta foi sim.

Em meu pesadelo, eu vivia sofrendo.  
A realidade era triste e fria.  
Mesmo em pleno dia eu dormia.

Vivenciei até o que eu não tinha.  
Recebi o que não merecia.  
Um dia eu morri pra poder,  
Saber o que é mesmo viver

Na escuridão, o sol brilhará dentro de mim [...]

## 4. SEMPRE TENTANDO

Eu tento escutar.  
Eu tento fazer tudo certo.

Em todos os lugares que eu fui,  
Eu estava com medo do futuro,  
Minha mente não estava bem.

As vozes dentro e ao redor,  
Sussurrando palavras contra a verdade.  
Hoje foi diferente de ontem.  
E amanhã será ainda mais diferente.

Eu tento ver coisas novas.  
Eu tento ser melhor a cada dia.

Eu sinto em cada respirar,  
A liberdade de cada passo sincero.  
Minha vida começou quando eu morri para as mentiras.  
Renascido nas águas da vida eterna.

## 5. TODOS OS DIAS

Eu não vou acordar até o sol bater na minha cama.

Eu não vou obedecer ao chamado da rotina hoje.

Todos os dias.

Hoje não.

Você consegue escutar a voz do desconhecido dentro da sua  
cabeça,

Dizendo-lhe para abandonar a vida que você insiste em viver?

Todos os dias.

Todos os dias iguais.

Tente escrever novas páginas.

Desafie-se a caminhar novos caminhos.

Acredite para sonhar coisas novas.

Ame em um nível diferente.

Um toque com uma sensação diferente.

Uma vida nova para provar.

Ensine a sua mente a voar onde ninguém jamais foi.

Antes de morrermos, o mundo está esperando para ser  
descoberto pela [...]

[...] Raça humana.

Viva todos os dias.

Todos os dias.

Todos esses dias incríveis.

Eu sou apenas um pensamento.  
Você é apenas um pensamento.  
Nós somos apenas um pensamento.  
Dentro de nossas mentes.

Nós valemos mais do que pedras de diamante.

## 6. INTUIÇÃO (DISPONÍVEL NO YOUTUBE: INTUITION)

Caminhando, respirando.  
Vivendo, respeitando.  
Admirando, cuidando.  
Intuição.

Todos os dias e todas as noites.  
Todos os seres e todos os tipos.

Vendo, sentindo.  
Tentando, mudando.  
Acreditando, amando.  
Intuição.

Todos os dias e todas as noites.  
Todos os seres e todos os tipos.

O mundo é o nosso lar.  
Nosso corpo é o nosso templo.  
Paz é o nosso ouro.

Nós nunca mudaremos.

O que nós vemos é um espelho de nós mesmos.  
E se tudo acabar, qual o problema?  
Amor é uma palavra mal compreendida.  
Paz é o que nós precisamos como ouro.

## 7. VOCÊ ESTAVA TRISTE ONTEM?

Nós éramos duas almas separadas.  
Agora nós somos duas almas separadas.  
Você entrou em minha vida.  
Você saiu da minha vida.

Agora eu estou tentando me encontrar.  
Agora eu estou tentando morrer.

Você está sempre por perto.  
Mas você está sempre muito longe.  
Você veio apenas conversar.  
Agora eu estou me desfazendo em pedaços.

Você estava triste ontem?

Eu sou tão fechado quanto uma pedra.  
O único jeito de entrar é quebrando.

Eles dizem que o tempo sempre cura.  
Eu sei que desta vez isso não vai acontecer.  
Eu te vejo passar o tempo todo.  
Eu te vejo fugir o tempo todo.

Você estava triste ontem?

## 8. ELA

Eu existo, você existe, ela não existe mais.

Eu quero pensar, mas ela não quer.

Eu quero viver, mas ela não quer mais.

Você vive, ela vive, mas só ela compreende.

Você quer, ela também, mas só ela faz acontecer.

Você sente, ela sente, mas ela realiza na mente dela.

Eu quero viver, eu quero sentir, o que ela tem na mente dela.

Ela fala, ela grita, eu só consigo chorar.

Ela é minha amiga, mas eu quero o coração dela.

Eu peço para ela ficar, mas ela foge para bem longe.

Você tenta brigar, mas ela sempre ganha.

Você acha que é forte, mas ela sabe que ela de fato é.

Quando ela te chama, você vai achando que tudo está bem.

Eu quero acreditar que ela me ama.

Eu quero acreditar que ela não é um sonho.

## 9. NÃO HÁ ESCAPATÓRIA DA VIDA

Você faz alguma ideia do porquê de nós estarmos vivendo?

Qual é o propósito de ir para o trabalho todos os dias?

Quem é que inventou esta coisa que a gente chama de vida?

Onde ele está e o que ele quer de nós?

A explicação é desconhecida até do mais sábio dos homens.

O propósito está nas mentiras que a gente conta todos os dias.  
O inventor está escondido dentro da mente de todos nós.  
O único caminho é o que nos leva para dentro de nós mesmos.

Não há escapatória da vida no álcool.  
Não há escapatória da vida nas drogas.  
Não há escapatória da vida nas igrejas.  
Não há escapatória da vida no suicídio.

O sentido mais elevado deveria ser aquilo que fazemos com a  
nossa vida.  
Crie um objetivo que é o maior que você consegue vislumbrar.  
Nós é quem criamos a vida em que estamos aprisionados.  
Deus está dentro de nós e Deus é na verdade cada um de nós.

## 10. EXCÊNTRICO

Tentando acreditar.  
Nunca quis mais nada.  
Rezando para ser cuidado.  
Sempre querendo algo a mais.

Meu nome é Deus ouve.  
Ele cuida de mim.  
Eu e Ele somos um.  
Ele é eu e eu sou Ele.

Olhando para o céu,  
Quando estou só, eu falo de coração.  
Vida excêntrica,  
Molda quem eu sou.

Eu sou um cara excêntrico.  
Eu não sou mais do mesmo.  
Muitos são mais do mesmo.  
Eu sou diferente.

## II. A CAMILA ME DESENHO

Uma criança.  
Um lobo solitário.  
Uma bela rosa com espinhos.  
Todos olhando para o universo.

Eu tinha o cabelo bem assim.  
Existe muita história neste desenho.  
Você mal sabe a ferida que abriu.  
Aquarianos se comunicam de um jeito diferente.

Como em cores cinzentas a minha vida aqui dentro.  
Apesar de tudo, uma arte.  
O meu planeta fica num espaço imaginário.  
Eu não sou um príncipe, mas eu sou pequeno.

O lobo não tem muito para onde ir.  
Mesmo todo o Universo não lhe atrai.  
Prefiro ficar aqui mesmo.  
Onde quer que eu vá; você não está.

Quem é triste olha cabisbaixo;  
Como eu no meu desenho.  
Antes de partir você me presenteou;  
Com uma música em forma de desenho.

Eu percebi as nove estrelas.  
Você também se permite ser criança.  
Você desenhou as minhas lágrimas.  
Antes de partir, você ficou.

## 12. ACREDITADOR

Me diga no que você acredita.  
Que eu vou te dizer no que eu acredito.  
Talvez eu não tenha sido eu.  
Quando eu tinha só dezesseis.

Vivendo aqui, agora.  
Eu só acredito nas minhas ideias.  
Vivendo aqui, agora.  
Nós caminhamos juntos.

Você tentaria de novo?  
Por que a gente não tenta novamente?  
Talvez o medo paralise.  
Mas o amor liberta.

Brisa do mar.  
Cheiro da areia.  
Som de verão.  
Pássaros voam alto.

Com ideias na mente.  
Borbulhando pra sempre.  
Pra achar uma saída.  
Eu nunca vou desistir.  
Procurando por respostas.

Dentro de mim mesmo.  
Mudando de vida de novo,  
E tudo no meu entorno.

Me leve pra dentro dos teus olhos.  
Eu quero ver a tua mente.  
Você acredita no que eu digo?  
Eu acredito em tudo.

# CAPÍTULO V – AS SETE PERGUNTAS DE GERSON

Antes de responder às sete perguntas de Gerson, é necessário responder à pergunta: quem é o Gerson? Seu nome completo é Gerson Serini e acima de tudo ele é um dos meus melhores amigos.

O Gerson e eu trabalhamos juntos durante um curto tempo e desde o princípio percebemos que tínhamos várias coisas em comum, principalmente duas mentes inquietas, que sempre buscavam por respostas para, desde as questões mais banais do cotidiano, até as mais complexas, especialmente aquelas envolvendo o comportamento humano e Deus.

Além disso, também compartilhamos um grande prazer pela leitura e por autores muito improváveis, como Morris West, Ken Follett, Helena Blavatsky, Taylor Caldwell e vários outros autores de filosofia e misticismo que se possa imaginar. Também somos dois grandes fãs da história da Lisbeth Salander, personagem da série de livros e filmes da “*Millenium*: Os homens que não amavam as mulheres”.

Em virtude desses nossos apreços e valores em comum, desenvolvemos o hábito de nos encontrarmos para conversas filosóficas acompanhadas de café e cuca com recheio de chocolate.

Isso mesmo. Esporadicamente passamos horas trocando diversas ideias e nos deleitando no simples fato de estarmos apenas conversando. Mas nossas conversas não são sempre tranquilas. O Gerson é uma pessoa de grande valor, pois tem uma característica que pode incomodar, isto é, ser um humano verdadeiro e sincero no que pensa e diz.

Ele é uma pessoa transparente. Eu costumo descrever o Gerson como alguém que diz o que realmente pensa e sente, e não o que gostaríamos de ouvir para ter o ego afagado. Por isso, nossos diálogos sempre alcançaram uma profundidade surpreendente, pois não eram pautados por certezas e opiniões similares, mas por dúvidas, críticas e ideias francas.

Por sua característica de sinceridade e transparência total, o Gerson foi meu grande mentor em meus projetos musicais e literários, sendo sempre uma opinião contundente, mesmo que nem sempre agradável, a respeito de minhas empreitadas.

Por saber que sempre poderia contar com a verdade a respeito de seus pensamentos, resolvi convidar o Gerson para ser o meu guia no projeto deste livro. E, mais uma vez, sua personalidade foi fundamental para aprimorar, apoiar e criticar um projeto que antes era algo muito singelo, e que, na verdade, nem teria ganhado vida, se não fosse o incentivo do Gerson. Acima de tudo, ele acreditou e incentivou.

Este capítulo, em especial, surgiu de um ocorrido curioso. Quando eu mostrei a primeira versão do que seria o livro já acabado, o Gerson me disse que eu precisava escrever mais. A primeira versão do livro, segundo ele, estava muito curta. Ele precisava de mais conteúdo. Só que eu não fazia ideia de como acrescentar mais coisas ao projeto.

Foi então que a solução veio a mim em um sonho muito inspirado. Sabe aquele tipo de sonho cheio de emoção e realidade, pois é, foi um caso desses. Nessa visão onírica, uma pessoa misteriosa me fazia perguntas filosóficas e eu respondia de maneira intuitiva e ingênua; não como alguém que tinha certeza das respostas por se considerar um sábio, mas sim como alguém que responde para tentar sanar as próprias inquietudes.

Só que no meu sonho a face deste personagem questionador não era revelada. Entretanto, depois de acordado, eu compreendi a proposta da minha mente sonhadora. Essa foi a maneira que a

minha criatividade encontrou de me sugerir como incluir mais conteúdo interessante e significativo ao livro.

Foi assim que surgiu a ideia de convidar o Gerson para ser o interlocutor misterioso e interrogador de questões filosóficas. E não foi necessário pedir duas vezes, a resposta foi um sim confiante e entusiasmado por parte de meu amigo.

Em uma de nossas conversas filosóficas, eu narrei o que eu tinha experienciado e ele me pediu algum tempo para pensar nas perguntas que me faria. De acordo com o relato do Gerson, ele estava de férias na praia, de frente para o mar, quando pensou nas perguntas que você irá ler na sequência.

Assim sendo, o que você lerá nas próximas páginas são perguntas iluminadas pelos mistérios mágicos e insondáveis da Vida, brotadas no âmago de pessoas que se inquietam com esta maravilhosa incerteza chamada existência e que escutam as sutis diretrizes da intuição, seja em sonho, seja olhando para o mar.

Não espere, por favor, encontrar convicções e certezas nas respostas que encontrará para as perguntas lançadas. No entanto, tenha a consciência de que o que você testemunhará é uma boa conversa que provavelmente lhe trará também algumas inquietações; e a partir delas você terá que fazer o exercício de produzir suas próprias perspectivas e críticas. Aliás, você faz parte dessa conversa e suas críticas e dúvidas são de suma importância. Não esperamos que você concorde com tudo.

O mais importante é se deixar sempre guiar pela intuição, tendo consciência de que uma interpretação que podemos alimentar é a de que a vida é um grande mistério e que ela não precisa necessariamente ser compreendida, mas absolutamente admirada e contemplada.

Amigos verdadeiros são aqueles que nos ajudam a evoluir e que querem o nosso bem, e para que isso aconteça, eles optarão por nos tratar com honestidade a fim de que possamos perceber

nossos erros, e que farão isso com amor e motivação, sem menosprezo, nem inveja.

É em pilares de valores inestimáveis como esses que se baseia a amizade entre eu e ele. Espero que você goste do diálogo e das respostas às perguntas do Gerson. Agora você fará parte desse nosso bate-papo amigável. A intuição será a nossa onda de conexão.

## 1. OS SERES HUMANOS DEVEM EVOLUIR ATÉ SE TORNAREM PEDRAS?

Antes de responder à pergunta, é preciso entendê-la. Apesar de curta, ela é complexa e surpreendente. O primeiro ponto que chama a atenção é a ideia de um ser humano tornar-se pedra. Esse pensamento surgiu em uma conversa filosófica que o Gerson e eu tivemos a respeito da existência humana.

Na época em que falamos sobre isso, estávamos lendo livros relacionados ao Ego (ao Eu egoísta do ser humano) e dentre os autores lidos estavam Helena Blavatsky (A voz do silêncio) e Eckhart Tolle (O poder do agora). Ambos falam fundamentalmente da necessidade de encontrarmos o nosso Ser essencial e verdadeiro, para assim vivermos a partir dele, nos desapegando de todas as aparências e necessidades do Ego (egoísmo e materialismo), e nos livrando da necessidade desenfreada em ter, ao invés de simplesmente ser.

Além disso, ambos os autores também abordam a noção de viver o momento presente; de focar na vida que temos agora, de fato; e não a vida passada, que já não existe mais, nem a futura, que nem sabemos se realmente virá, mas a vida presente, esta que existe agora e é real.

Foi então que a nós veio o *insight* (pensamento criativo) de que a forma de “vida” mais evoluída que existe é a das pedras, pois são existências plenas de si, imperturbáveis, e que não almejam nada

além daquilo que são. Para chegar a essa luz da imaginação, percorremos o seguinte raciocínio.

Analisando ao redor, observando a existência de tudo o que nos cerca, percebemos que existem animais que vivem de forma simples e despreziosa, como os pássaros e os bois, diferentemente do ser humano, que sempre quer mais, e que assim sendo, perturba a si mesmo e perturba aos outros, além de perturbar a natureza com a sua atitude irrequieta.

Entretanto, indo mais além, pudemos observar que existem as plantas e árvores, que ficam sempre no mesmo lugar, às vezes por centenas de anos, sem as angústias que temos, apenas cumprindo com um de seus papéis existenciais, o de transformar o ar para que outros seres possam viver.

Indo alguns passos mais adiante em nossa divagação, filosofamos que existem as pedras. As pedras estão sempre ali. Elas não têm vida. Aparentemente elas não desempenham nenhuma função especial. Elas simplesmente existem. Elas apenas estão em algum lugar, e nada mais. E, de vez em quando, elas podem nos prestar algum auxílio.

Se quisermos pavimentar uma rua, elas nos servirão de chão para que possamos pisar, e ali ficarão, se necessário para sempre, desempenhando agora uma função que lhes foi atribuída, mas que não será negada, nem aceita - nem nada - porque as pedras simplesmente existem; elas simplesmente são.

E é precisamente neste momento que se encontra o paralelo entre a pedra e a teoria dos autores Eckhart Tolle e Helena Blavatsky a respeito do Ser, sobre encontrarmos a nossa essência, a respeito de vivermos o nosso real Eu.

Nós, seres humanos, vivemos querendo ter, encontrar, fazer, amar, criar, conquistar; e muitas vezes nos esquecemos de simplesmente ser, existir, estar; assim como as pedras.

Quantos de nós reclamamos que temos que trabalhar uma vida inteira sem podermos ao menos aproveitar o que dizemos ter

conquistado? Nós somos mestres em criar expectativas, fazer planos e imaginar projeções mentais e, frequentemente, acontece de não aproveitarmos o momento que tanto almejamos quando finalmente o conquistamos. Somos grandes acumuladores de “quereres”, pois vamos querendo várias coisas enquanto vamos vivendo cada dia.

Isso, da mesma forma, pode acontecer com qualquer circunstância, lutamos para conquistar algo, mas quando alcançamos, não usufruímos, não vivemos, e já queremos algo além, algo mais, algo diferente. Nossas estimativas de alegria são frequentemente alocadas em algum tipo de futuro, como se o percurso não guardasse alguma probabilidade de felicidade.

E tudo isso que fazemos é completamente diferente das pedras, que simplesmente são. Elas não querem nada, elas simplesmente são: pedras. Nas teorias lidas, o ser humano se encontra nesta busca para alcançar também o Ser, a sua essência, o seu lugar no mundo. O ser humano tenta encontrar a si mesmo. Se assim é, chegamos, Gerson e eu, à conclusão de que, dentre todos os “seres” existentes, seriam as pedras os mais evoluídos.

As pedras não precisam se mover um centímetro sequer, pois já estão onde devem estar e já são o que precisam ser. Isso porque elas já teriam alcançado a plena “compreensão” da sua existência: simplesmente ser. As pedras nada mais fazem do que ser. E por causa disso, estão entre os seres que talvez mais longe possam viver, quem sabe para sempre, na forma física que têm de pedras.

Mas dizer que elas têm compreensão de sua condição parece absurdo, pois seres inanimados não pensam. E isso que poderia parecer uma desvantagem para as nossas amigas rochosas, acaba sendo mais um predicado elogioso, pois, além de tudo, elas também não perdem tempo pensando, estressando-se, preocupando-se, odiando umas as outras; nada. Elas simplesmente estão e são. Plenas. Imperturbáveis.

Então, se imaginássemos apenas de forma simplificada e didática, um pirâmide evolutiva, as pedras estariam no topo, como seres mais evoluídos, as plantas viriam um pouco mais abaixo, outros animais ainda mais abaixo, e, provavelmente, nós, os seres humanos, seríamos os últimos, pois de todos os seres que existem, somos os que em menos harmonia se encontram com o restante da criação.

É claro que isso tudo que pensamos, não afirmamos. Não queremos dizer que assim é, estamos apenas divagando; estamos apenas deixando a intuição nos levar, afinal de contas, é isso que a espécie humana faz.

Muito bem, a partir dessa breve explanação, posso tentar responder à pergunta do Gerson: os seres humanos devem evoluir até se tornarem pedras? À primeira vista, a minha intuição me diz que devo responder que não.

Ora, se existem as pedras e os outros seres, então as pedras devem ser pedras, e os outros seres devem ser eles mesmos, outros seres.

O que se deve almejar, sim, é o entendimento de ser. Se a pedra é o que é, e cumpre com a sua missão de ser o que nasceu para ser, então os outros seres devem almejar ser o que nasceram para ser em suas essências. Talvez seja esse o mistério por trás dos grandes ensinamentos místicos e filosóficos: descobrir a essência que nos torna autênticos em nossa missão de existir.

Para facilitar a tentativa de responder à pergunta, vou me ater em analisar minha própria perspectiva existencial, enquanto ser humano, em comparação à existência das pedras. Então a questão é: qual a diferença essencial entre uma pedra e eu (Ser Humano)?

Se eu tentar perguntar a ela, ela não irá me responder, pois ela apenas está ali, impenetrável às preocupações exteriores; e ela não se comunica, pois não tem nada a ouvir, e nada a dizer. Se pergunto a um cão que me observa, ele também não me responde, ele apenas balança o rabo, ele não me entende (em alguns

aspectos sim, mas não completamente, especialmente de maneira intelectual), pois nós não nos comunicamos usando a linguagem humana.

A pedra não pensa, e o cão não se pergunta. Eles não têm a consciência que eu tenho (a consciência, a intelectualidade e a linguagem humana) sobre as coisas que nos cercam. Um carro passa, e o cão sai correndo a latir, mas por que ele faz isso? Ele não se pergunta, ele apenas faz, ele apenas é: um cão.

Ele age por impulso e reação. Assim como qualquer pedra apenas é uma pedra, que além do mais é destituída de impulso e reação, o cão também apenas é o que ele nasceu para ser (um ser cheio de amor e inocência, mas sem capacidade de reflexão).

Contudo, quem disse que a pedra é pedra, e o cão, cão? Foram eles mesmos quem definiram o que eram, pois têm consciência do que são, ou fomos nós, os seres humanos, quem os definiu por eles?

É claro que fomos nós, seres humanos, quem definimos quem é quem e, inclusive, definimos a nós mesmos, como seres humanos. A pedra não pensa; o cão não filosofa; mas eu reflito. A pedra é o que é, e não questiona isso. O cão é o que é e não duvida disso. Eu sou o que sou, e me atormento com perguntas constantemente.

A pedra e o cão parecem conformados (dentro de uma forma; dentro de um molde) com o que são, e parecem estar em paz. Eu não, pois não estou conformado, e não estou em paz. Eis aí mais uma diferença entre nós.

Uma pedra ou um cão nunca tentaram interromper sua existência, mas sabemos de muitos seres humanos que já o tentaram. Nós, humanos, refletimos sobre as manifestações, questionamos a existência, admiramos a vida, e, às vezes, não nos contentamos com ela e tentamos interrompê-la.

Portanto, os seres humanos devem evoluir até se tornarem pedras? Não. Cada ser deve cumprir com a missão que nasceu para

desempenhar. E o propósito de cada indivíduo é o de definir para si mesmo a função que gostaria de desempenhar no mundo, ou, caso deseje, pode abdicar dessa busca e simplesmente se contentar com os acasos e serendipidades da vida.

Temos a liberdade de escolher definir nosso desenrolar de vida ou de abdicar de escolhê-lo. Alguns abdicam conscientemente da responsabilidade de se autodeterminar uma razão de existir; enquanto outros nem sequer chegam a se questionar sobre os motivos para estarem aqui.

Portanto, temos a opção de evoluir em nossa busca pela compreensão daquilo que gostaríamos de desempenhar ao longo da jornada do viver, ou podemos simplesmente abdicar dessa busca; ou por termos consciência de que abrimos mão da evolução consciente, ou porque nunca nos damos conta de que tivemos a liberdade de escolher.

E não existe certo ou errado em qualquer das alternativas; elas são apenas possibilidades disponíveis aos seres humanos e não às outras espécies.

O que acontece é que uma vez desperta essa capacidade de pensar por conta própria, não parece haver limites claros para o que, e o quanto, podemos raciocinar; desse modo, acabamos frequentemente nos atormentando com questionamentos infinitos sobre a nossa passagem aqui pela Terra.

Mas por que será que nós temos a capacidade de pensar, de ter consciência e de observar, enquanto que os outros seres não? O que me parece é que cada ser desempenha um papel muito específico dentro deste parque de diversões chamado vida.

E, como disse anteriormente, todos os outros seres, exceto nós, parecem confortáveis com a sua responsabilidade existencial. Os planetas, para mudar de exemplo, cumprem com a sua missão de girar em torno do Sol sem questionar e sem se desviar de sua órbita.

Mas então, se temos a capacidade diferenciada de pensar, e para pensar não parecem existir limites, deveríamos então pensar o que? Vejo duas respostas possíveis para esta pergunta que não se excluem, mas que se complementam.

A primeira diz respeito a esta capacidade que aparentemente somente nós seres humanos temos de entender o que contemplamos. Por exemplo, os gatinhos parecem contemplar, às vezes, os pássaros, e outros seres, mas eles parecem não entender o que contemplam, e o mesmo acontece com outros entes. Ao passo que nós, seres humanos, temos alguma consciência de que pensamos e também do que pensamos.

Podemos compreender que algumas coisas que vemos são de fato belas. Então aqui reside a primeira responsabilidade do ser humano no que tange a sua capacidade: contemplar o que existe. A meu ver esse parece ser o papel primordial do ser humano. Apreciar a existência.

Nenhum outro ser parece poder fazê-lo de forma apreciativa e valorizadora. Nem seres tão inteligentes como as baleias e os golfinhos parecem ter a capacidade de compreender. Apesar de estarem em perfeita harmonia com o ambiente, eles não têm a consciência da beleza que os cerca.

Nós, contudo, apesar de não estarmos em harmonia muitas vezes, temos em nós a capacidade de ver e compreender a beleza. Esta é a importância do ser humano: apreciar a beleza; estimar uma flor, ou venerar a lua e as estrelas; admirar a beleza em outro ser humano, ou a beleza em uma pedra; pasmar diante da perfeição das coisas que foram criadas.

Temos em nós o dom de descobrir que existem os planetas e que eles giram em torno do sol, e compreender que isso é belo e perfeito. Possuímos a potencialidade de perceber que as placas tectônicas quando se movem causam abalos sísmicos que geram destruição, mas que isso é fantástico, apesar do que podemos interpretar disso.

A natureza não faz o julgamento que nós fazemos das ações, ela simplesmente existe e age. Por isso, nossa função não é julgar a natureza, mas sim apreciar, compreender, ter consciência de que existem; enfim, nos cabe pensar com intenção e originalidade.

Mas, por vezes, nos vemos presos em nossas ações cotidianas repetitivas e em nossas angústias de ter, querer e fazer, e não evoluímos naquilo que nascemos para fazer: pensar. Talvez, quem sabe, quando evoluirmos mais nessa área, descobriremos a aceitação e paz que reside no ser das pedras, que aceitam a sua função existencial sem questionar.

A segunda questão que poderíamos pensar, diz respeito a algo que li no livro de John C. Maxwell (*Go for Gold*, em inglês, sem publicação em português), sobre liderança, em que ele diz que cada ser humano tem em si uma habilidade que lhe é única, e que cada um de nós é capaz de desenvolver essa potencialidade de forma magistral e com grande amor.

Então, se além de pensarmos, ainda pensássemos nas coisas em que somos naturalmente aptos para sermos excelentes, e se desenvolvêssemos as qualidades que mais amamos pensar e realizar, então estaríamos evoluindo de forma exponencial em algo que nos foi inculcado no nascimento e, quem sabe, estaríamos de fato desenvolvendo aquilo para o qual nascemos para fazer.

Se isso pudesse acontecer, então seríamos felizes e realizados, ao invés de vivermos uma vida triste, repetitiva e sem graça; uma vida que não nos diz respeito, pois uma vida assim parece em dissonância com a essência do nosso âmago (do nosso verdadeiro Eu).

Quando fazemos o que amamos, então nós nos tornamos e mostramos para o mundo quem nós somos de verdade; então passamos a viver o Ser e não o Ter. Quando somos capazes de alcançar essa evolução, então somos felizes, e podemos aceitar sermos quem de fato somos, sem rebeldia. Então seremos como as pedras, que simplesmente são.

Entretanto, esse fazer o que se ama e que se tem naturalmente inculcado como habilidade natural não parece algo assim tão simples de ser desenvolvido. Muitas vezes ouço falar de pessoas que dizem que não fazem o que amam, pois têm que trabalhar para ganhar dinheiro.

Eis aqui um grande desafio da liberdade que temos enquanto seres humanos, a liberdade da escolha. Podemos escolher as coisas que faremos em nossa vida e podemos escolher as justificativas que quisermos para apoiar nossa decisão.

Existe aqui um ponto fundamental nesta busca do ser humano por sua evolução, que é a ideia da coragem para optar por aquilo que acreditamos ser o melhor para nós. Há que se ter muita coragem para decidirmos viver aquilo que acreditamos ser o mais condizente para nós.

É preciso ter muita coragem para optarmos viver daquilo que amamos fazer, em detrimento daquilo que acreditamos garantir a nossa sobrevivência. A maestria de viver e de evoluir é um jogo de risco constante, e optar por evoluir conscientemente, ao invés de ser empurrado pelos eventos do ambiente, é muito mais desafiador do que pode parecer, pois a incerteza é a nossa única garantia nessa situação.

Viver daquilo que amamos, e evoluir nas coisas que sabemos que nascemos para fazer, é o nosso desafio, mas somos livres para abrir mão de tudo isso e apenas viver uma vida mediana e incompleta, ou frustrada, sem evolução.

A pedra é o que é e não se questiona; já o ser humano precisa descobrir o que de fato é e decidir viver de acordo com as suas convicções, a fim de, quem sabe, encontrar a paz das pedras. Não refletir, como as pedras, garante que não sintamos angústias e alegrias intensas; refletir e buscar respostas pode gerar muito desconforto e até mesmo aflições profundas.

Se você quiser aprofundar ainda mais essa filosofia pedregosa por outras perspectivas, eu recomendo que você assista ao filme

Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo, do ano de 2022. Ele é um filme bastante nietzschiano e existencialista e que aborda também um pouco do que tratamos nessa pergunta.

Só vale ressaltar que o que pensamos nesta conversa é anterior ao filme; para você não pensar que nós copiamos a ideia do filme. Eu não quero dar *spoiler*, mas o que aparece no filme é mera coincidência com o que falamos aqui.

Enfim, o fato de termos nascidos humanos, e não pedras, faz de nós obras complexas, indescritíveis e incompreensíveis da criação, e passíveis de sentir muita alegria, indescritível tristeza, medo paralisante, ansiedade sufocante, depressão profunda, coragem motivadora, esperança inexplicável, e amor (a experiência suprema).

Ou, não? O que você pensa disso?

## 2. POR QUE TODO SER HUMANO NASCE COM DEFEITOS? TERIA DEUS FALHADO NO PROJETO?

Já de antemão, lhes digo que para mim essa é uma pergunta impossível de se responder, pois lida com tópicos que até hoje não somos, como coletivo, capazes de responder; então me parece difícil que eu consiga de uma feita solucioná-los.

Entretanto, creio que o debate a respeito da pergunta e seus temas seja tão deleitosos quanto chegar a uma resposta. Afinal de contas, é muitas vezes a conversa, e não a conclusão dela, que nos dá prazer. Então vejamos o que de tão difícil há nessa pergunta.

Antes de mais nada, temos a noção de Deus. De todos os debates que já assisti a respeito desse Ser, e de todos os livros que li, só consigo chegar a uma conclusão: até o presente momento, é impossível provar a existência do ser Deus ou de provar a sua inexistência.

O melhor argumento não prova, definitivamente, que ele exista. O máximo que o argumento parece fazer é massagear o ego de quem o elabora, garantindo as bases para a sua crença. A meu

ver, essa questão requer apenas a minha decisão de querer ou não acreditar, e não reside, portanto, em minha habilidade de provar sua existência. E o mesmo vale para quem não acredita em Deus. Ou seja, primeiro se opta por uma posição de crença e depois se procura argumentos para justificar a posição escolhida.

Aliás, a própria definição de Deus é passível de debate inconclusivo, afinal de contas, até hoje não chegamos a um consenso quanto ao que significa o conceito de Deus. Ou seja, se não se consegue sequer chegar a um entendimento do que a palavra quer transmitir, não se pode avançar para o próximo passo, que seria provar a existência de tal coisa.

O outro ponto da pergunta é a questão da perfeição e dos defeitos dos seres humanos. Essa é outra problemática difícil de conceitualizar, pois a determinação de perfeito e imperfeito passa pela interpretação de quem observa algo, então o que é perfeito para um, pode ser defeituoso para outro.

Um exemplo disso é a nossa interpretação de que um evento existencial trágico seja algo ruim, quando na verdade, tal evento pode, depois de passado o fato, se revelar importante para o nosso amadurecimento emocional.

Ou então, na questão física, quando vemos pessoas que não enxergam ou não ouvem, mas que por causa de sua dificuldade, acabam desenvolvendo habilidades fantásticas que outros seres, considerados perfeitos, não desenvolvem, justamente por não terem tal dificuldade. Então, me parece difícil chegar a uma conclusão do que é perfeito ou defeituoso.

Enfim, divaguemos um pouco a respeito desta pergunta tão complexa, e vejamos onde nossa intuição pode nos levar. Tentarei responder de forma livre, sem pretensão de esgotar o tema de fato, mas de criar uma conversa que possa gerar novas ideias.

A primeira pergunta é: por que todo ser humano nasce com defeito? E eu de cara só posso perguntar uma coisa antes de me

aventurar por qualquer resposta: mas que defeito? Qual é o defeito do ser humano? Ou quais são?

Deve haver mais de um, pois somos seres complexos. Essa é uma pergunta tão difícil, que ela não pode ser respondida sem primeiramente gerar outras perguntas. A próxima pergunta que me vem é: por que existimos e o que estamos fazendo aqui? Porque, a partir dessas perguntas, poder-se-ia supor que ao não cumprir com a missão inicial, estaríamos cometendo um erro, gerando assim um defeito.

Entretanto, consigo compreender que o Gerson estava falando das questões morais e éticas que envolvem o ser humano. Segundo o Gerson, nós, seres humanos, somos cheios de defeitos morais, de comportamento e de valores.

Como avaliamos na pergunta sobre as pedras, não podemos fugir de nossa tendência em evoluir e pensar, então vejo que a pergunta a respeito de nossos defeitos se complementa com esta ideia de que não viemos para cá (para a vida) porque somos perfeitos, ou seres terminados, concluídos, mas sim porque temos características a melhorar, a evoluir em nosso ser, então nascemos com o que chamamos de defeitos para termos algo a que melhorar e evoluir em nós mesmos.

Assim como um bebê nasce sem saber caminhar e falar, e vai aprendendo e se aprimorando nessas habilidades ao longo da sua jornada, da mesma forma acontece com nossas habilidades éticas e morais; nós nascemos sem o domínio delas, e inseridos que somos em um ambiente repleto de regras de conduta, vamos aos poucos aprendendo a compreendê-las e a utilizá-las da melhor maneira possível. Não aprimorar essas qualidades deixa nossa personalidade defeituosa perante a comunidade cultural e regrada em que existimos.

Mas se temos defeitos, qual seria o maior de todos os defeitos? Será que existe um que seja o maior dentre todos? Porque, quando

identificamos o defeito que existe em um carro, sabemos como e onde consertar, mas se não sabemos qual é o defeito, então não temos como arrumar.

Desse modo, qual é então o defeito do ser humano que precisa ser consertado imediatamente? Acho que sei. Se esse não for o maior, tenho certeza, pelo menos, de que é um que impede o ser humano de viver em harmonia com o seu ambiente.

Um grande defeito do ser humano é não pensar de forma profunda, verdadeira, e desapegada de interesse pessoal. Não pensar de maneira ampla e curiosa, buscando apenas o entendimento. Não pensar por si mesmo, nem pensar sem medo de encontrar uma resposta que possa nos desagradar.

Esse é um defeito nosso, enquanto seres humanos. Como no exemplo das tragédias que acometem a nossa rotina de tempos em tempos, ou das dificuldades que precisamos confrontar; cabe a cada um pensar e buscar entender que isso é parte inevitável da realidade, e aceitar ou solucionar. Brigar contra e não aceitar impede minha evolução; encarar e tentar compreender me ajuda a entender a lição com mais profundidade.

Pensar profundamente nos ajudaria também a compreender e respeitar opiniões que sejam diferentes da nossa. Refletir com sinceridade nos faria perceber que não temos a obrigação de estarmos certos, e que muitas vezes não somos capazes de fazê-lo, mas que temos a obrigação de respeitarmos, pois dessa forma seríamos capazes de viver em harmonia com a existência.

Uma demonstração do que eu quero dizer com isso é o caso daquilo que todos nós odiamos: a violência; a guerra. Há em cada um de nós uma tendência em não querer compreender que elas fazem parte da matemática da natureza. Tudo que tem vida faz guerra. Todos os animais guerreiam e são violentos em diversos momentos. Acreditar e sonhar com um Mundo de pura paz é não raciocinar de maneira lúcida e empírica.

Ponderar dessa maneira não significa defender, justificar, ou desejar a violência, ou a guerra; isso significa apenas estar ciente de que a agressividade vai se apresentar esporadicamente mesmo em uma sociedade convencida de que a harmonia social é a melhor opção, e assim, estar preparado para saber agir com sabedoria e força quando qualquer desentendimento emergir.

Portanto, um dos nossos maiores defeitos é não usufruirmos de nossa capacidade de pensar de maneira ponderada. Isso quer dizer, não fazer uso de uma das ferramentas mais aprimoradas de que a natureza nos equipou.

A segunda parte da pergunta de Gerson é: teria Deus falhado no projeto? Essa pergunta implica duas condições. Primeira: Deus existe. Segunda: Deus tem um plano para nós. Não posso provar e nem desmentir a existência de Deus; posso apenas acreditar ou não. Eu opto por acreditar. E assim o fazendo, me sinto apto a continuar respondendo à pergunta, não com certezas, não é esse o meu intuito, mas com um bom pensamento livre.

O Deus em que digo acreditar é parecido com este no qual muitos acreditam, ou seja, o criador de tudo. Um ser inteligente que tem o poder de criar. Para mim, o conceito de Deus poderia ser substituído pela palavra Vida, e com isso quero dar a entender que concebo Deus, a Vida, como sendo algo aqui, junto e em torno de nós, ao contrário de uma noção de Deus como algo além, ou fora da nossa realidade.

Além do mais, não vejo Deus (A Vida) como uma entidade moralizadora, que atribui bondade ou maldade aos acontecimentos do Universo. É apenas o *homo sapiens sapiens* (o homem moderno; aquele que tem consciência do fato de ter consciência) que diz que as ações são boas ou más, e que cria leis e regras de conduta sociais; cria tais leis e regras, aliás, acertadamente e com o propósito de ajustar o convívio humano.

Deus, no entanto, não está nem aí para essas nossas diretrizes sociais. Dito de outra forma: não existe paraíso ou inferno depois da vida, pois Deus não estabelece métrica de bom e mau; certo e errado. Além do mais, não existe vida além; tudo o que existe está aqui dentro do universo; inclusive Deus.

E minha interpretação de Deus, por enquanto, termina por aí. Acredito que já vou muito longe em meu conceito de Deus quando digo acreditar nele, pois como disse, não sou nem sequer capaz de provar que Ele existe. Para fins de conversa nesse momento, basta o que eu disse compreender por Deus; mais adiante aprofundaremos essa conceitualização de forma mais ponderada.

Tudo o mais que eu penso ou deixo de pensar a respeito de Deus acredito ser impossível de sequer me aproximar de um entendimento mínimo que seja. Se esse tal de Deus existe, para mim, ele está longe de minha capacidade de entendê-lo.

Respostas prontas, repetidas e motivacionais não me convenceriam a acreditar em qualquer coisa a respeito de Deus. Dizer que Deus é o pai todo poderoso que dá a vida, ou dizer que Deus é uma energia que está em tudo não me ajudariam nem um pouco, pois a meu ver, além de eu já ter dado um passo de fé em acreditar na sua existência, tentar dar forma a esse Deus seria um total desrespeito para comigo mesmo, e uma hipocrisia tal, que Deus, sendo onisciente (sabedor de tudo) como deve ser, perceberia imediatamente a minha ignorância, então prefiro ser sincero, acima de tudo comigo mesmo, e admitir que não sei muita coisa a respeito Dele.

Sou capaz de acreditar, mas não sou capaz de entender. Então, não sou capaz de entender os planos desse Deus. Teria Deus falhado em seu projeto? Será que não é justamente esse o plano de Deus para nós, sermos um projeto incompleto, com liberdade de escolha para acertar ou errar? Não sei, e não faço ideia do que acontece aqui, neste projeto. Um detalhe me chama muita atenção, entretanto.

Não existe nenhum manual definitivo a respeito de como viver. Não existe um código de conduta que possamos afirmar com certeza como o manual de existência do ser humano. Os animais com certeza não possuem nenhum manual. Religiosos diriam que temos a Bíblia, a Torá, o Alcorão, os livros sagrados, e por aí vai.

Mas em nenhum deles podemos dizer com certeza que são manuais de instrução criados pelo próprio Divino. Até porque eles existem muito recentemente. Com o que nossos ancestrais pré-históricos, antes da escrita, antes desses livros-manuais, teriam se baseado, então? Com certeza não em objetos físicos; não em livros, ou papéis.

Podemos brincar de imaginar que o manual esteja embutido no produto. Para mim, o manual é a minha intuição, especialmente se me faz viver em harmonia com a existência e com os outros humanos.

De qualquer forma, essa ideia de projeto me incomoda um pouco. Se eu disse anteriormente que concordo que cada pessoa tenha uma habilidade inerente específica, e que somente essa pessoa pode desenvolver excelentemente esta capacidade, trabalhando com amor e harmonia, então de certa forma isso não deixa de ser um projeto específico para a existência de cada pessoa. Mas, no caso dessa interpretação, que começamos a construir já na pergunta anterior, o projeto era uma construção intencional e baseada na dedicação e no amor de cada um; e não em um projeto maior, estabelecido por Deus, para cada um.

Mas será que existe mesmo um projeto maior, acima do querer individual? Por vezes me pego fazendo coisas que acredito dever fazer, não porque eu quis fazer, mas porque sentia que precisava fazer, mas sem poder explicar. Procuo fazer coisas diferentes do senso comum e me deparo realizando atividades das quais me entrego por inteiro, sem receber nada por isso, mas que me enchem de deleite.

Não só uma, mas muitas vezes, ao agir assim, acabei por descobrir talentos que de outra feita não teria descoberto. Mas para isso tive que parar e pensar, e em seguida, acreditar no que pensei, e ter coragem para colocar em prática. Será que era nesses momentos o plano de Deus agindo em mim?

Sempre que sigo minha intuição, com coragem que sobrepuja o medo, acabo descobrindo coisas que me fascinam, e que me fazem ser um pouco melhor do que eu era antes. Nesse “plano de Deus”, nessa intuição, nunca consigo ver o projeto por inteiro, apenas tenho a motivação para agir, vendo o caminho apenas o suficiente para não sair da estrada, pois além disso a visão não alcança.

Então, não nascer perfeito, mas com detalhes a melhorar, parece justamente ser o projeto desta entidade a qual damos o nome de Deus. O problema não está em ter defeitos, mas sim em não saber identificá-los ou não nos responsabilizarmos por corrigi-los.

Poderíamos construir uma resposta que compreende que o projeto de Deus é este, Ele inicia a obra e nós a concluímos, mas sem manual de instrução, para não sermos privados de um mínimo de liberdade, e caso isso assim seja, só nos resta aprender por tentativa e erro, e com os ensinamentos sábios daqueles que já tentaram e erraram antes de nós.

Parece-me que parte importante desse processo é ter cautela ao julgar o momento de aprendizado de cada um. É muito fácil apontarmos o dedo para o que consideramos defeitos e erros nos outros, sem querer ver os nossos próprios. Precisamos estar atentos ao que podemos melhorar em nós mesmos e sempre dispostos a ajudar quem solicita o nosso auxílio.

Julgar e criticar as falhas que percebemos nos outros é uma forma de apaziguar o nosso eu defeituoso para que não se preocupe com suas próprias responsabilidades e prioridades. E todos nós cometemos esse deslize. Estender uma mão de apoio, ou simplesmente se eximir de condenar a vida de outras pessoas, é um

grande passo no enriquecimento de nosso próprio aprendizado contemplativo.

Deus, a Vida, não faz esse tipo de julgamento. Para Deus não existe o bem e o mal, o certo e o errado. A Vida não está preocupada com as nossas ações. Não haverá condenação ao inferno para as ações que consideramos injustas e não há de haver premiação aos que se julgar que tiverem vivido justamente.

A Vida é amoral; apenas o ser humano é moralizador. E eu concordo que as leis humanas devem ser respeitadas. Mas eu tenho a convicção de que elas são uma criação humana; tanto assim é que as leis mudam de acordo com a cultura social de cada país ou povo.

Minha resposta é apenas um passo de tentativa cheio de equívocos na busca por aprimorar o meu viver. Faz-se necessário agora que essa resposta seja complementada por tuas próprias críticas e contribuições, caro leitor, e, principalmente, intuições divinas e humanas.

### 3. DIANTE DO INFINITO UNIVERSO, POR QUE SÓ EXISTIRIA A RAÇA HUMANA COM INTELIGÊNCIA?

Existe muita vida inteligente no Planeta e existe muita inteligência no Universo. Cada animal e cada planta, por exemplo, têm algum tipo de inteligência que os caracteriza, por mais singelo que possa parecer. Veja os cães (eu uso eles bastante nos exemplos, pois são criaturas encantadoras), com sua capacidade quase incomparável de expressar amor e alegria. Veja a inteligência altruísta das plantas em ajudar o Planeta a criar vida por meio da fotossíntese. Esses são exemplos da manifestação da inteligência e da complexidade do que acontece no mundo.

Mas a inteligência humana sim parece algo muito peculiar. Ela pode ser decomposta, para fins de conversa leve, em duas formas de inteligência. A primeira é essa capacidade incomparável de solucionar problemas e de criar coisas. Essa inteligência poderia ser definida como inteligência criativa e inovadora, ou ainda, a inteligência solucionadora de problemas. É a habilidade que os humanos possuem de produzir obras de arte e de inventar tecnologias.

A segunda inteligência humana de destaque é a consciência da existência das coisas e de si mesmo. Nós, os seres sapientes, temos consciência do fato de que as coisas ao nosso redor existem e por isso nos perguntamos como elas vieram parar aqui, ou quem as fez, já que não fomos nós quem as fizemos; e também temos condições de compreender que nós mesmos existimos, de que estamos vivos, e da mesma forma nos perguntamos como viemos parar aqui, ou quem nos fez.

Dessa nossa segunda inteligência, a consciência, surge também a potencialidade de contemplar o mundo e a vida com olhos de encantamento e admiração. E é principalmente esse elemento da inteligência que nos distingue significativamente de todas as outras formas de vida. O ser humano consegue olhar para tudo e dizer “Uau! Que incrível é tudo isso!”

Essa capacidade humana é tão extraordinária e singular, que eu não saberia dizer se o Universo infinito é capaz de olhar para si mesmo, assim como nós podemos, e perceber-se como algo incrível.

Portanto, como eu dizia, eu acredito que o universo é repleto de vida, e ele mesmo, o Universo Infinito é inteligente, pois a manifestação da inteligência está presente em tudo, e dessa forma, há de haver algum tipo de vida inteligente fora do Planeta Terra, nem que seja algum tipo rudimentar de bactéria ou organismo vivo.

Todavia, uma inteligência consciente de si mesma e capaz de maravilhar-se com a existência; capaz inclusive de se perguntar da origem e do destino das coisas; quando falamos desse tipo de

inteligência, eu sou fortemente inclinado a suspeitar de que só exista a gente mesmo em todo o Universo. E digo isso não por arrogância humana, mas por pura humildade, e me explico.

Nós, seres humanos, supervalorizamos a nossa unicidade existencial para além do que ela realmente vale. A inteligência humana, tanto a criativa quanto a contemplativa, não parece ser uma prioridade do Universo. Sinteticamente falando, poderíamos dizer que o grande diferencial do ser humano é a sua capacidade de conceitualizar as coisas, ou seja, de dar nomes a tudo o que vê.

Para o grande esquema da existência, para o Universo, isso é uma habilidade descartável e apenas muito recentemente concebida. Já existia muita coisa acontecendo no Universo muito antes da gente vir parar aqui. Isso quer dizer que a gente é insignificante para a Vida. Caso a gente desapareça amanhã, o Universo vai continuar a existir sem sentir falta dos humanos.

Pensando a mesma coisa por outra perspectiva, nós atribuímos muita significância ao fato de nós existirmos, e somos capazes a tal ponto de nos maravilharmos com essa expressão da Vida, que nos perguntamos se algo tão incrível não deveria existir em outros lugares, como se isso fosse importante. Mas não é.

É possível também que as nossas expressões de inteligência sejam pura e simplesmente aberrações grotescas da evolução. Afinal de contas, a habilidade de falar e de resolver problemas é completamente descartável para uma existência eficiente; basta ver como os animais são felizes e despreocupados, e sobrevivem, mesmo sem os altos níveis intelectuais e de comunicação de que dispomos.

Portanto, quer exista ou não vida inteligente como a humana em outros lugares do Universo, pouco importa, pois isso é dispensável para o próprio Universo Infinito. Ele mesmo, o Universo Infinito, é uma manifestação incalculável, imensurável de inteligência, tão inconcebível que nós, seres humanos, não somos capazes de ver ou perceber essa inteligência, e por causa dessa nossa limitação, acabamos nos atribuindo mais valor do que de fato temos.

Sim, a espécie humana é algo a se admirar. Parabéns à Vida por nos ter feito. Mas somos brinquedos novos na caixa de bugigangas do tempo infinito da existência e, assim como surgimos, logo seremos descartados, e tudo bem, pois a Vida não faz julgamento de valores. Para Ela, nada é melhor nem pior em comparação com coisa nenhuma.

Mas por que temos essa consciência contemplativa, essa inteligência tão distinta? Para responder a essa pergunta, eu gostaria de analisar a passagem de Jesus pela Terra (Essa análise também poderia ser feita pela lente interpretativa sobre Sócrates, Lao-Tsé, ou Buda). Em minha interpretação da existência desse ser, sua função foi justamente a de auxiliar os homens a evoluir em sua capacidade de consciência intelectual.

Parece-me claramente que ele veio para ajudar os humanos a pensarem por si próprios, a não aceitarem os conceitos que são passados de geração em geração, sem questionamentos. Vejo nele um cientista. Um cientista, pois ele tinha a personalidade de alguém que olhava os fatos e tirava conclusões lógicas de muitas circunstâncias.

E também um sábio que tinha como missão catalisar nas pessoas o potencial de enxergar as maravilhas do mundo, de não deixá-las passar despercebidas em nosso cotidiano. Quando ele disse aos discípulos que olhassem os lírios do campo, ele estava estimulando em seus seguidores este potencial do ser humano: maravilhar-se com a existência.

É importante entender o impacto existencial dessa passagem histórica. Os discípulos de Jesus eram pessoas rudimentares que viam o cotidiano da vida como algo banal, sem importância além da necessidade de sobreviver. Quando Jesus lhes convidou a olhar os lírios do campo, o que ele fez foi um convite a uma forma diferente de vida, a vida contemplativa.

Viver por viver não parece condizer com a razão de ser da espécie humana, pois ela tem esta capacidade que o distingue dos

outros seres, que é a capacidade de pensar contemplativamente, e nesse caso, de pensar de forma a maravilhar-se com o que vê. Quando Jesus convidou seus simples discípulos a observarem os lírios, ele os estava educando para a verdadeira forma de vida do ser humano.

Então, por esse motivo, acredito que sim, deve haver outras formas de vida no universo, que sim, elas podem ter algum desenvolvimento intelectual, assim como os animais têm o desenvolvimento da comunicação particular a cada espécie, por exemplo; mas que não, que não existem formas de vida com a inteligência da contemplação, ou consciência, que é inerente ao ser humano.

Acredito que somente ao ser humano foi dado, ou que somente ele desenvolveu ao longo da evolução, o potencial de contemplar, admirar, e maravilhar-se com o belo. Para não falar, além disso, da capacidade que o ser humano tem de criar, por si só, o belo de forma complexa e inteligente. A inteligência humana é algo muito peculiar, e a nós foi dada a capacidade de ver a imensidão do universo, juntamente com nossa pequenez diante dele, e maravilhar-se.

Por que só existe o ser humano aqui na Terra e no Universo conhecido com essa capacidade? Não sei. Mas ela é extraordinária. Eu e você somos maravilhosos, apesar de insignificantes, descartáveis e finitos. Portanto, saibamos aproveitar esse instante de luz.

#### 4. SABENDO DAS DISTÂNCIAS ENTRE OS PLANETAS E ESTRELAS, QUE ESTÃO ANOS-LUZ DA TERRA, COMO PODEMOS VIVER NO MÁXIMO (EM ANOS)?

Muito interessante essa pergunta, pois quando usamos a perspectiva de números tão grandes, como a distância entre os planetas e a velocidades da luz, em comparação com os anos de existência

do ser humano, que normalmente chega ao máximo a algo em torno de oitenta anos, nos damos conta de nossa breve passagem aqui pela Terra, e nos parece, portanto, ilógico que vivamos tão pouco, pois a nós parece que existe muito a ser visto e pouco tempo para fazê-lo.

Se bem que estudos recentes já indicam a possibilidade de se mudar esse quadro (Procurar na internet por Aubrey de Grey). Cientistas estão trabalhando na possibilidade de se estender a vida humana para, quem sabe, até mesmo “quase a eternidade”, isso se nenhuma fatalidade ocorrer com o indivíduo. Mas se a eternidade não seja de fato o “número” preciso desse estudo, digamos que se trata de muitos anos além dos meros oitenta anos dos quais atualmente dispomos.

Se isso se realizar, então a pergunta inconformada lançada por Gerson se resolve. Pois a mim parece que essa pergunta tem um ar de inconformidade. Se existem números tão absurdos como os mencionados por Gerson, além de tantos outros que ele não citou, como por exemplo: a vida de um planeta ou estrela; a longevidade das árvores; a velhice dos tubarões da Groenlândia; a constituição das empresas (essas entidades legais constituídas por CNPJ).

Comparado a todos esses casos, então os meros oitenta anos de vida do ser humano parece ser uma injustiça para conosco. Se, então, o problema é equilibrar a balança da justiça em dígitos, então quem sabe os cientistas possam resolver essa matemática em breve.

Somos criaturas invariavelmente curiosas e ávidas por respostas. Em apenas poucos anos de vida, nos parece impossível saciar nossa sede por explicações, além de ser impossível de se ter um vislumbre mínimo de tudo o que nos cerca.

Mas quando pensamos em termos existenciais de um ser humano, estamos nos referindo a sua consciência existencial individual. Entretanto, os conhecimentos dos quais desfrutamos em nossa sociedade não se restringem ao que um único humano sabe, pois se assim fosse, sempre que alguém morresse, o conhecimento se

extinguiria com ele, e não haveria, portanto, uma continuidade sobre aquele pensamento.

Entretanto, o que vemos, é que existe uma consciência coletiva, que se constrói e se transmite ao longo de gerações, e que, conseqüentemente, parece fadada a existir por tão longe quanto existir a humanidade, ou, quem sabe, até mesmo muito além, pois, com a tecnologia que temos hoje, é possível armazenar a informação e o conhecimento adquirido em cérebros artificiais (computadores).

Assim sendo, a morte não limita a capacidade de transmitir, ou manter “vivo”, o conhecimento das pessoas. Desta forma, percebemos que o conhecimento não nos parece algo a ser possuído, mas a ser revelado, compartilhado, e transmitido. Em vista disso, a quantidade de anos que um ser humano vive é irrelevante, o que importa é a transmissão do conhecimento em si.

Contudo, o que também está em jogo nessa pergunta do Gerson, apesar de não dito, mas implícito, é a noção de morte. Destarte, a continuação para a pergunta seria: como podemos viver no máximo cem anos, e então morrer?

Como vimos, o conhecimento adquirido não passa pelo processo de morte, ele permanece e é transmitido através das gerações. Quem morre é o ser humano enquanto matéria, enquanto identidade individual.

Em vista disso, desse pouco tempo de vida do qual desfrutamos, me parece que a questão não se resume necessariamente apenas ao tempo, mas também ao que fazemos; não é só uma questão de quantidade, mas também de qualidade. Temos muito ou pouco tempo para fazer exatamente o que? Acho que essa é uma questão que também importa. O que vamos fazer durante os cem anos ou a eternidade que estivermos aqui?

A mim, de certa forma, parece que a vida é ao mesmo tempo encantadora, mas também fútil, sem tanto valor assim. Pois de que vale tudo o que fazemos, tudo pelo qual lutamos? Tudo parece ter um alto valor quando avaliado individualmente, mas quando

visto de mais distante, de fora, como que olhando do espaço para a Terra, não vemos as pessoas e suas conquistas, tudo então parece insignificante.

De tudo o que nós fazemos e vivemos, parece que não há um valor real. Tudo é em vão. Tudo de certa forma se perde no tempo. Os casamentos, os beijos, as cartas de amor, as indignações populares diante dos desagradados políticos, o carro novo, a casa nova, tudo é irrelevante quando visto com certo distanciamento emocional e racional.

Por que, então, haveríamos de querer viver mais do que cem anos de vida? Por que não haveríamos de querer, ao contrário, apenas uns poucos anos? O que acontece é que somos mimados. Queremos viver mais, não porque nos importamos com algo de relevante, mas simplesmente porque sempre queremos mais, e frequentemente não nos contentamos com o que temos.

Não queremos viver mais porque queremos fazer algo de bom, ou porque queremos descobrir algo importante para a sociedade. A inteligência e o esforço coletivo se encarregarão disso. O que acontece é que nos preocupamos somente conosco mesmos. Queremos viver mais de forma individual. É o eu de cada um que quer viver mais. É o eu individual que quer poder controlar a vida e a morte.

Somos seres com desejos e comportamentos de criança, queremos simplesmente porque queremos até que um adulto nos diga o contrário. E as crianças mimadas são desobedientes, elas vão fazer o que lhes foi dito para não fazer. As crianças mimadas de hoje querem viver mais porque a existência lhes disse que é preciso viver apenas um tempo determinado, que a nós pode parecer curto ou longo, mas nunca suficiente.

Tudo o que existe passa pelo mesmo processo: existe e depois não existe mais. Nada tem a opção de escolher quanto tempo isso durará, e nem parecem se importar, com exceção do ser humano. Isso acontece porque somente ele não se dá conta da sua razão de

existir. É o único ser com capacidade de inteligência consciente de contemplação e admiração, mas ao mesmo tempo é o que menos em harmonia está com a sua existência.

Não importa o quanto vivamos, o que fazemos, o que acreditamos, ou qualquer coisa. Não é para isso que existimos, e nada disso importa. Não temos responsabilidade existencial alguma além daquela que outorgamos a nós mesmos. A não ser por uma, que tem a ver com a nossa habilidade intrínseca: olhar os lírios do campo. Esta é a única coisa que temos o dever de fazer, todo o resto é banal, por mais importância que possamos dar a elas.

Nascemos para nada, a não ser admirar. Nascemos para apreciar tudo o que existe. E isso deveria nos fazer exuberantemente felizes. Nós deveríamos ser capazes de acordar a cada dia maravilhados com tudo o que vemos, pois tudo é inacreditavelmente maravilhoso. Não deveríamos simples e mecanicamente acordar todos os dias; deveríamos saltar para fora da cama de tanta felicidade, ávidos por viver mais um dia.

Quando olho para o sol e percebo o quão esplêndido ele é, já cumpro com meu papel existencial, pois desenvolvi e utilizei a minha consciência. Quando eu vejo e me maravilho com a existência da florzinha que está no jardim de casa, pronto, já alcancei o meu propósito, pois exercitei a minha consciência contemplativa.

Quando olho para as guerras, as aflições, e maldades, e me maravilho com esse poder avassalador da vida, sem julgar, e sem temor, pois essa é a mesma vida que me sustenta, então alcancei a iluminação (a compreensão não julgadora).

Tudo o que fazemos para além disso não passa de mera frivolidade; não passa de uma necessidade de sobrevivência, ou de alimentar nossa ansiedade por reconhecimento; não passa de pura vaidade. Aliás, sempre que fazemos mais do que apenas admirar e nos encantar com o belo e o feio, estamos desperdiçando nosso tempo, pois estamos fazendo algo que não serve para nada de realmente significativo, ou que possa alterar os rumos da existência em si.

Quando agimos para alimentar as nossas vaidades ou necessidades fisiológicas, estamos deixando de exercitar a única coisa que nos diferencia de todos os outros seres, nosso pensamento admirador.

Assim sendo, de tudo o que faço e vivo, só importam aquelas coisas que faço com consciência intelectual, com admiração e amor pelo que faço, com prazer, com deleite. Se não existe essa sensibilidade, então o que faço não serve de nada para ninguém, muito menos para mim, pois provavelmente estarei reclamando do ato de ter de fazê-lo, ou do fato de não ser recompensado como acredito ser digno de mim.

Desse modo, se podemos pensar assim, não há porque viver tantos anos, apenas uns poucos anos nos bastam. O tempo que já nos foi concedido é suficiente para experimentar o que há de mais belo na vida: ser criança; ser adolescente; apaixonar-se irracionalmente; abraçar; beijar; transar; brigar; ter filhos; ter um melhor amigo; sentir a dor de ver quem amamos morrer; discutir por bobagens; ficar doente; ver nossos filhos terem seus filhos; viajar; fofocar; fazer muitas besteiras; fazer coisas incríveis; enfim, tudo o que tem a ver com contemplar a maravilha de estar vivo neste Mundo e neste Universo incríveis. Uma vida basta para experimentar o que realmente importa; depois é hora de partir. Mais do que isso seria pedir demais.

Até porque seria muito chato viver muito mais do que cem anos. Seria insuportável viver eternamente. Depois de viver com simplicidade e maravilhamento, então o que eu quero é morrer. Tenho curiosidade em saber o que é isso. Claro que em nossa sociedade esse é um tema tratado como tabu.

Esse é um tema associado à tristeza e à perda; mas sejamos lúcidos, tudo o que existe passou, passa e passará por esse processo. Assim sendo, esse é só mais um dos mistérios da existência, uma de suas belezas.

Eu sou muito curioso por saber o que acontece nesse momento misterioso. Eu não quero viver mais do que cem anos. Eu não conseguiria, eu iria querer saber o que acontece quando as coisas morrem. Eu iria querer morrer. É claro que eu não quero morrer agora, pois eu ainda tenho planos de vida, como conhecer as pirâmides do Egito; publicar mais algumas obras extraordinárias; apaixonar-me irracionalmente mais uma vez; e compartilhar com mais pessoas as ideias que a vida me presenteia.

Entretanto, eu sei o quão irrelevante tudo isso é para a existência em si, para a Vida daqui a um milhão de anos-luz. Nada disso tem um valor real. A única coisa que tem alguma significância é a minha admiração e contemplação de que o sol existe, é lindo e é poderoso, e de que ele cumpre com o seu papel existencial, que é o de dar vida ao lírio que está plantado no quintal.

Mas até mesmo ele, o sol, um dia deixará de existir; e tudo bem.

## 5. DIANTE DA PERFEIÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO UNIVERSO, DESDE A MENOR FORMA DE VIDA ATÉ A MAIS COMPLEXA, COMO NÃO ACREDITAR QUE EXISTE UMA FORÇA SUPERIOR QUE CRIOU TUDO ISSO?

Esse é o grande ponto, Gerson. Acho que antes de pensar na existência de Deus, ou força superior, é importante começar observando e se dando conta da perfeição do funcionamento do Universo. Exatamente, desde a menor forma de vida e da mais simples, até a maior e mais complexa; tudo funciona de maneira assombrosamente incrível.

Eu até não usaria a palavra perfeição, pois isso pode dar a entender uma noção de moralização da vida, pois em minha

perspectiva, até mesmo as guerras, violências, tragédias, morte, fazem parte dessa matemática da existência; conquanto, são temas que se gosta de deixar de fora da observação quando se fala em “perfeição” da vida ou em Deus, justamente porque para nós, seres humanos, essas são coisas ruins, mas para a Vida, elas são tão naturais quanto o voo de um passarinho.

Agora, quanto a essas maravilhas levarem à conclusão de que existe um criador por trás de tudo, depois de assistir muitos debates entre crentes e ateus sobre o tema, e depois de ler uma quantidade significativa de livros e artigos, cheguei à construção de um ponto de vista de que ninguém pode ter certeza absoluta, nem pode dar prova cabal de qualquer coisa que se relacione a Deus, ou à inteligência superior que tenha supostamente criado todas as coisas.

Em minha opinião, isso é assim justamente porque nós, seres humanos, provavelmente, não somos equipados com a capacidade intelectual suficiente para entender esse tópico, pois, por sermos parte da criação e, portanto, uma parte do todo, não temos condições de entender este ser que tudo criou, sendo que ele deve ser ainda “maior que o todo”, ou o todo-em-si.

Além do mais, sempre em nossas divagações humanas a respeito de Deus (e não gosto nem de usar o termo Deus, pois com certeza esse não é o nome do ser, se é que nome ele tem) criamos conceitos e padrões baseados em nossas experiências humanas.

Vemos Deus como um ser com os mesmos sentimentos que nós temos; o imaginamos como um pai, como alguém com noção do certo e errado, como alguém que cria. Enfim, o representamos como um ser humano perfeito, parecido com a nossa própria idealização de ser humano perfeito. Algumas pessoas afirmam ainda já ter falado com Deus. Eu simplesmente duvido de tais pessoas.

Se esse tal Deus, do qual tentamos nos referir, realmente existe, é muito provável que ele esteja além de nossa capacidade humana de compreensão. Mas na pergunta, a palavra Deus não é utilizada,

é apenas utilizada e expressão força superior. Poderia ser utilizada a expressão inteligência superior, ou energia, e por aí afora.

E assim caímos na armadilha humana da capacidade limitada de entendimento que temos a respeito desse tema. As palavras (conceitos) que usamos são um sistema lógico inventado por nós para dar nomes às coisas e emoções. Praticamente tudo o que conhecemos com nossos sentidos têm um nome.

Entretanto, a força superior não pode ser por nós sintetizada em um conceito de compreensão, e isso nos frustra. O máximo que conseguimos fazer é pensar em Deus, um conceito sem conteúdo que o comprove, para dar um salto de solução do problema, afinal de contas, nossa mente odeia ficar sem respostas.

Então, a noção de força superior que temos acontece por comparação e suposição. Comparamos a força superior com nós mesmos, pois nós temos uma força capaz de criar e, portanto, supomos que deve haver uma força com a capacidade de criar coisas como um Universo, uma vez que sabemos que nós não temos capacidade para tal, então, portanto, essa força é superior a nós. Chegando a essa conclusão, nos vem o impulso inevitável de querer comunicar-se com tal força, mas não sabemos como ela é, onde está, que linguagem usa, então entramos em conflito. Sim, eu concordo que tudo indica que a força existe, mas nada prova que ela exista.

A lógica que eu também sigo é a de imaginar uma pintura ou escultura extraordinária e de não acreditar na possibilidade de elas terem surgido diante de mim por acaso. Da mesma forma, ao olhar para um beija-flor planando no ar; uma abelhinha fazendo mel com maestria; uma árvore imponente brotando do solo a partir de uma sementinha; testemunhar que uma vida se forma na barriga de uma mulher; ao ver tudo isso, é difícil não pensar que um uma força muito inteligente atua para que tudo isso aconteça; e é ainda mais difícil convencer-se de que o puro acaso gerou tudo isso.

Religiosos diriam que existem provas em livros sagrados de relatos de pessoas que falaram com o criador. Tais pessoas, por estarem presas aos dogmas e ao medo, não admitirão jamais que tais livros possam não ser uma prova de fato da existência de tal ser. Esses livros, em minha opinião, não têm a força necessária para provar a existência do ser supremo.

Eu gostaria muito que eles fossem verídicos, assim minha angústia por saber a verdade estaria saciada. Mas preciso ser sincero comigo mesmo e avaliar os fatos, apesar do meu medo de ser condenado por crer erroneamente.

Todavia, eu não seria capaz de me iludir e afirmar que tais livros sagrados falam a verdade. Não. Eu preciso ser honesto comigo mesmo; esses livros não me convencem. Entretanto, nem por isso provam que o ser superior não exista. Veja como é simples, apenas não há argumento suficiente para provar qualquer coisa. O medo não pode ser uma das forças motrizes em nossa busca por respostas.

A pergunta lançada chama a atenção para a perfeição das coisas criadas, desde as maiores, até às menores. Nesse ponto, sou obrigado a concordar. Maravilho-me de ver as coisas que existem. Fico feliz de ter desenvolvido minha capacidade de apreciar a criação, de apreciar as coisas que existem, pois elas de fato são mágicas.

Diria até mais, tudo o que existe é milagroso. Pois para mim, saber que o sol está parado no espaço, gerando reações nucleares, que por sua vez são fonte fundamental de energia para a vida na Terra, é algo miraculoso, impossível de acreditar. Mas ele está lá, e não posso fazer nada a esse respeito, a não ser me perguntar, quem colocou o sol lá?

A pergunta é essa, se não fomos nós quem criamos tudo isso, então quem foi? A lógica é tão simples e, portanto, a pergunta é tão simples, mas nossa mente infelizmente não consegue encontrar uma resposta para o fato.

Se eu tivesse me dado conta dessa situação há pouco, sem que ninguém a tivesse proposto, eu me aventuraria a tentar encontrar uma resposta. Mas como sei que muitos antes de mim já o fizeram e ainda o fazem, sem encontrar uma resposta definitiva que sele a questão, então não vejo porque eu o conseguiria.

Claro que muito alcançaram respostas que confortaram suas almas, mas a meu ver essas são respostas que confortam a mente inquieta de algumas pessoas. E isso se prova pelo simples fato de pessoas diferentes chegarem a respostas diferentes a respeito do tema. Não temos um consenso lógico. Portanto, não temos uma resposta.

O que temos é a tendência humana de querer estar certos e seguros quanto ao que sabemos, então, por exemplo, se eu acredito na existência do ser superior, vou buscar e encontrar argumentos que defendam minha posição, e dessa forma me sentirei confortado em minha mente que sempre anseia por respostas, mas o fato de eu ter encontrado respostas lógicas que se encaixam em minhas suposições não provam que de fato estou certo.

Não nos damos conta de que neste universo perfeito do qual fazemos parte, não está escrito em parte alguma que temos que ter certeza a respeito de qualquer coisa.

Aliás, se o tal criador existe de alguma forma da qual não somos capazes de verificar, ele por sua parte, parece pouco preocupados em nos dar de forma definitiva uma resposta a respeito de sua existência. Ele parece pouco preocupado em criar provas que se conformem com nossa maneira de entender as coisas, a fim de que nós possamos de fato entendê-lo.

Então, caro Gerson, por mais que eu tentasse, e me estendessem em meu argumento, receio que seria apenas para expor o quão profundas minhas dúvidas são a respeito desse assunto, e para evitar me confrontar com a realidade como ela é: eu compartilho da sua forma de pensar de que acredito haver uma força superior

criadora, mas jamais poderei afirmar que minha lógica esteja certa enquanto não dispor de provas concretas da existência de tal ser.

Ou, eu poderia dar um passo além, ao dizer que esse ser superior é tudo o que nos envolve, o Universo inteiro. Mas, como nosso cérebro não consegue captar o todo de uma só vez e, portanto, compreender o grande criador, conseguimos apenas observar os pequenos detalhes maravilhosos que fazem parte do todo, como, por exemplo, os “pequenos” milagres do dia a dia: a chuva; o sol; nosso próprio corpo; os animais; etc.

Este é o ponto de crítica que eu faço tanto a religiosos e cientistas: ambos menosprezam as maravilhas em si, em busca de algo além. Os religiosos ignoram as belezas como provas de menos importância, partindo logo para o salto de fé na existência de Deus, e reverenciando essa autoridade, sem reverenciar as criações e as obras de arte deixadas como pistas pela força criadora.

Já os cientistas se apoiam nas evidências apresentadas pelas coisas presentes no universo na sua busca por encontrar o início de tudo, ou seja, as belezas da vida são apenas um meio para chegar a um fim improvável.

Talvez mais importante do que compreender e se deparar com o criador, ou a força criadora, seja saber apreciar as obras deixadas por “Ele”. Eu percebo em mim mesmo frequentemente uma anestesia existencial perante tantas belezas e milagres que me cercam, me tornando inclusive, cético, cínico, desdenhoso de tudo o que me cerca; inclusive para as coisas ruins que acontecem, pois eu deveria saber valorizar mais essas coisas também como obras pertencentes ao todo do milagre da vida.

E para jogar um pouco mais de mistério em nossa investigação, eu concluo essa análise com mais uma interrogação: você já parou para pensar em como, apesar de o Universo ser algo indescritível e belo, existe tanta variedade de formas de vida e de coisas aqui no Planeta Terra? Quando olhamos para fora do Planeta, apesar de

haver elementos assombrosos, ao mesmo tempo nos damos conta da infinidade de milagres que se materializam aqui no Planeta Terra.

Por que há tanta coisa acontecendo aqui no Globo, ao passo que no resto do Universo as coisas são mais homogêneas? O nosso Mundo parece ser um lugar mais do que especial. Parece que “alguém” tinha planos mais ousados para este cantinho do Cosmo.

## 6. PARAR, SENTIR A PRÓPRIA RESPIRAÇÃO, NÃO PENSAR EM NADA, E ESCUTAR O SILÊNCIO, É UMA MANEIRA DE PERCEBERMOS O SER QUE SOMOS; POR QUE É IMPORTANTE FAZER ISSO?

Eu não gostaria de afirmar qualquer coisa da qual não sou capaz de justificar. O tema ao qual essa pergunta aborda envolve anos de uma busca que possa talvez não ser alcançada em uma vida terrena. O momento em que me encontro em minha existência sinto que é apenas uma parte do trajeto do qual ainda terei que percorrer.

Das coisas que vivi e aprendi, muitas serviram para mostrar que muitas das certezas que eu tinha estavam erradas, e que muitas de minhas dúvidas só se fizeram aumentar à medida que buscava entendê-las. Então, antes de qualquer coisa, por ser esse um tema complexo, confesso que das coisas que direi, as falo com a convicção das experiências que até aqui vivi, mas que podem mudar, ou evoluir, à medida que mais experiência eu for adquirindo.

E aqui já começo a minha resposta, falando de algo no qual eu acredito. Primeiro, que na vida temos que trilhar um caminho muito pessoal de aprendizado, pois as lições que eu tive e tenho que aprender, podem ser diferentes das que você porventura tenha que passar.

Em segundo lugar, me parece muito importante estar receptivo ao aprendizado, e conseqüentemente, às mudanças. Respeitar um conjunto de valores e crenças pessoais (não me refiro às leis e normas sociais de um país), ao passo que possa ser importante em determinado momento, também deve ser passível de mudança sempre que o ensinamento adquirido sugerir necessário fazer.

Então, à medida que decidimos entrar nesse caminho de aprendizado existencial, seremos apresentados a diversos exercícios que prometem ser importantes para nos ajudar a entender e evoluir nossa existência. O primeiro que Gerson sugere é parar. Em minha opinião, este é o mais importante dentre todos os outros exercícios. Parar.

Em minha jornada existencial, aprendi que o caminho do autoconhecimento, ou do perceber quem somos, é muito particular. As pessoas e os livros podem nos ajudar nessa busca, mas em última instância ela é uma responsabilidade pessoal. E parar para tentar se autoconhecer é o “primeiro passo”.

Já é de algum tempo que percebi que vivemos em uma sociedade que parece sentir a necessidade de sempre estar fazendo algo, inclusive eu sou vítima dessa forma de viver. Somos prisioneiros da necessidade constante de trabalhar, produzir e consumir. Percebo que temos trabalhado exageradamente tanto em quantidade de horas, quanto em intensidade de preocupação e urgência.

De forma geral, temos trabalhado mais de doze horas por dia. Uma pessoa que acorda às 06h30min da manhã para ir trabalhar e só chega em casa às 18h30min, passou metade do seu dia dedicada ao trabalho. Eu tenho certeza de que muitos trabalham mais do que isso. Mas não conheço ninguém que trabalhe menos horas do que essa quantidade.

Além disso, são horas de trabalho intensas e frenéticas, altamente estressantes e doentias. Tudo o que fazemos nas empresas, nas escolas, no governo, e até mesmo em casa, é urgente. Vivemos a era do trabalhar muito e fazer rápido, sem apreciar e sem respirar.

Como diz a autora Lya Luft, em um mundo assim: “parar para pensar; nem pensar”.

Eu sei que muitas vezes precisamos nos sujeitar a tudo isso, pois temos contas a pagar e uma família para sustentar. Esse argumento é válido e precisa ser respeitado. E, por isso mesmo, o ato de parar é tão necessário para que possamos recarregar as nossas energias, a fim de enfrentar esse enorme desafio.

O primeiro ato de parar que eu pratico e sugiro é dormir, no mínimo, sete horas por noite, e se possível, oito horas. O sono é um dos elementos fundamentais para uma vida saudável e feliz, e um dos pontos mais negligenciados pela sociedade da conexão constante. Muitos dizem que deixarão para dormir quando morrerem, pois associam o prazer de dormir com perda de tempo precioso de vida.

Uma coisa eu posso garantir a todos nós: não é o período dormindo, mas o tempo exagerado e estressante que passamos trabalhando nas empresas, nas universidades, e no governo que está roubando nossa oportunidade de viver.

Dormir bem e com tempo suficiente é uma necessidade e um prazer fisiológico que deve ser respeitado para o nosso próprio bem. Fazer e respeitar isso nos ajuda a pensar com mais clareza ao longo do dia. Falaremos mais sobre o sono em um capítulo dedicado só para ele, dada a sua importância.

O segundo ato de parar é o de meditar em silêncio por alguns minutos em alguns dias da semana. Isso nos auxilia a ter um instante sozinhos para refletir sobre nossos problemas de maneira mais calma e focada. Mas esse também é um momento para não pensarmos em problemas, se quisermos. Acima de tudo, esse é um intervalo particular e nosso dedicado para nós, ao contrário de tantas outras ocasiões que dedicamos para os outros.

Todavia, como já mencionado, dentro do contexto social em que vivemos, a palavra parar, e as ações que eu sugeri, parecem não se encaixar. Em uma sociedade que valoriza tanto o trabalho, o

dinheiro e os resultados, parar (dormir e meditar), parece andar na contramão da lógica aceita; uma lógica que prega falsamente: quem para, está perdendo algo; está deixando de aproveitar.

Somos uma sociedade que vive em atividade constante e sempre querendo mais. Esta é a regra do sucesso: queira sempre mais do que tem e não pare até ter alcançado; conseqüentemente você nunca parará.

Para conhecer a mim mesmo é necessário analisar. É quase um trabalho científico. E se estou em movimento, andando de um lado para o outro e tentando conseguir algo a qualquer custo, não conseguirei descobrir quem eu sou. Para descobrir quem eu sou é preciso parar. Parar para analisar.

Só que isso é muito difícil, pois fomos educados desde a infância a ter nossa mente programada para a ação, para a produção e para o consumismo irracional. Não vivemos em uma sociedade que nos incentiva a buscar os momentos de pausa: de sono e de meditação. De certa forma, você e eu, somos rebeldes por estarmos lendo um livro que trata da intuição e da importância do parar para dormir e meditar. O “mundo” nos tacharia de malucos se soubesse que estamos cogitando essas ideias.

Se fizermos o exercício mental de observar a nossa vida como que de fora do plano existencial da nossa rotina acelerada, essa crítica a um estilo de vida alucinante ganha nova perspectiva e se torna mais compreensível.

Ao nos perguntarmos pelo propósito de nossa vida aqui na Terra, provavelmente começaremos a interpretar e valorizar diferentemente alguns aspectos do que fazemos. Claro que para isso será necessário parar um pouco. Então começam a surgir dúvidas quanto às ações que faço em meu dia a dia.

Será que a minha busca é por bens materiais, que se pensarmos bem não nos pertencem de fato, ou minha existência se refere a uma busca mais intrínseca, que se refere a compreender quem eu sou e meu papel dentro da existência?

Acho que a resposta não é nem um extremo, nem outro. Pois precisamos de uma qualidade material e financeira presente e futura, e eu incentivo que todos nós busquemos essa segurança com inteligência e sabedoria; e também precisamos de uma vida saudável, feliz, e com tempo suficiente para usufruir o que valorizamos, e para recarregar as energias diárias. Precisamos parar para refletir se esses dois pontos estão em equilíbrio.

Creio que, de fato, para começarmos a entender questões como essas, que são muito complexas, é imperativo que paremos e pensemos a respeito. Quando falamos em parar, queremos dar a entender que temos que refletir sobre a nossa existência. E somente quando paramos de fazer o que normalmente fazemos é que teremos condição de pensar claramente.

Entretanto, não é só o trabalho exagerado que rouba tempo precioso de nossa rotina. Existem outras coisas que podemos parar de fazer. Mas parar de fazer o que mais? Ora! Parar de assistir televisão, essa caixa irracional de negatividade, ódio, fofoca e excesso de desinformação.

Parar de sair com pessoas que não nos interessam para conversas fúteis, e focar mais tempo nas pessoas que amamos e nos agregam energia boa. Parar de beber e usar drogas, pois tudo isso, não só atrapalha, bem como prejudica a habilidade de pensar.

Enfim, a lista do que precisamos parar de fazer de vez em quando é longa: parar de trabalhar tanto; parar de se exercitar tanto; parar de ler tanto; parar de escutar tanta música; parar de ler tanto jornal; parar de falar tanto; ou seja, parar sempre que possível de fazer tudo o que fazemos, e dedicar tempo a pensar e dialogar com as pessoas que amamos.

Aqui chegamos à terceira forma de parar, qual seja, reservar tempo de qualidade para estar e conversar com as pessoas que amamos e que acrescentam valor às nossas vidas. Já falamos de dormir com qualidade; de tirar um tempinho para meditar; e agora sugerimos priorizar o diálogo construtivo com pessoas relevantes para nós.

Escolher ter um tempinho de qualidade na agenda para conversar com os nossos melhores amigos (ou qualquer pessoa que amamos) também é uma maneira sábia de frear um pouco a rotina alucinada. Aqui eu falo daqueles momentos mais intimistas; aqueles momentos de bate-papo a dois em que conseguimos ir mais a fundo nas ideias e nas histórias de cada um.

Entretanto, tudo o que existe ao nosso redor parece nos empurrar para o caminho oposto. Tudo sugere que devemos nos manter em atividade irracional. É difícil parar para pensar. É importante observar que pensar aqui é algo muito particular que estou sugerindo. Estou falando de pensar e construir seus próprios pensamentos.

Temos este problema intrínseco em nossa sociedade, onde nos habituamos a consumir o pensamento dos outros e achar que isso é bom e certo. Não. Isso é fácil, burro, e repetitivo.

Mesmo a ideia mais bela, se não tiver sido construída ou filtrada por minha própria capacidade de refletir, tem pouca valia. Ela é útil, mas não é valiosa, pois não partiu de mim, portanto, não representa quem eu sou. Parar e pensar, pensamentos construídos por mim mesmo, me ajudarão a conhecer quem que eu sou de verdade e o propósito que cada pessoa e ação minha desempenha na minha vida.

Ao contrário do que pode parecer, este tipo de atividade não garante trazer nenhum tipo de paz. Essa busca intrapessoal é uma busca por vezes inquietante, conflitante, angustiante. Ela é por vezes solitária, pois quando buscamos a nós mesmos, buscamos alguém que ninguém conhece, então vamos sozinhos no desconhecido. Mesmo quando conversamos com o nosso psicólogo, nosso melhor amigo, ou nosso cônjuge, a jornada da construção da narrativa interior acontece em nossos momentos de ponderação silenciosa e solitária.

Então essa não é uma tarefa muito confortável. E isso justamente explica o fato de muitas pessoas evitarem esse encontro íntimo.

Pois elas têm medo do que não conhecem, e por não conhecerem a si mesmas, têm medo de se autoconhecer e de se autoconstruir. Conhecer a si mesmo nem sempre é uma aventura agradável. Provavelmente muito mais agradável seria sair com os amigos para beber e jogar conversa fora, ou quem sabe assistir episódios de uma série de TV.

Parar, a meu ver, é o exercício de autoconhecimento mais complexo e mais difícil de se realizar, na mesma proporção em que é o mais útil e verdadeiro. Parar significa dormir, meditar, conversar com qualidade com pessoas de valor; e tudo isso é nadar contra a maré da sociedade. Essas são atitudes de pessoas positivamente rebeldes.

O próximo exercício mencionado pelo Gerson, o segundo, é prestar a atenção a sua própria respiração. Esse exercício remete a uma observação filosófica muito importante e da qual muitas vezes não nos damos conta, em virtude, mais uma vez, de nossa vida tão acelerada.

Por vivermos constantemente atarefados, acabamos descuidando de algumas coisas fundamentais, como, por exemplo, a nossa saúde. Sem ela, todas as nossas intenções serão prejudicadas, mas tendemos a valorizar a saúde somente quando ela está debilitada. E isso não é culpa nossa.

Não temos culpa de não sabermos o que valorizar de fato nesta vida, pois não fomos educados a fazê-lo. Então o exercício de prestar a atenção a nossa respiração nos ajudará a nos interiorizarmos.

Respirar é um requisito indispensável para a vida humana. Sem respirar; não vivemos. Mas nunca nos damos conta disso, pois o fazemos automaticamente. A vida é preciosa e incrível, e a respiração que nos dá o fôlego para viver é uma prova disso; além do mais, esse é um ato do qual nós não controlamos. Esse é um paradigma da vida. Não somos donos da nossa própria existência.

Mas podemos aprender e treinar a respirar com mais intenção e qualidade. Afinal de contas, respirar corretamente nos ajuda a

viver e a pensar melhor. Quem pratica esporte vive melhor, pois utiliza de forma mais adequada e excelente seu sistema respiratório.

O cérebro precisa de oxigênio para pensar apropriadamente. Portanto, quando tiramos tempo para pensar e analisar nossa respiração, estamos com isso, antes de mais nada, valorizando nossa vivência. Sem isso, não poderemos mais nada, nem mesmo pensar.

Então, parar para observar a respiração é importante. Sem que percebamos, quando paramos para analisar a respiração, automaticamente, em um segundo momento, nos perceberemos pensando sobre coisas interessantes, que não teríamos pensado se não tivéssemos parado para analisar nossa respiração, como, por exemplo, dar-se conta do quão incrível é o ato de inspirar e expirar; e de como o nosso corpo trabalha de maneira complexa e, aparentemente, simples.

A terceira parte da pergunta do Gerson se refere a não pensar em nada quando estamos em estado de meditação (que de certa forma é o que temos falado o tempo todo nessa pergunta). Dentre as muitas teorias de meditação, disseminaram-se alguns entendimentos que me incomodam um pouco, e um deles é a ideia de não pensar em nada enquanto se medita.

Acho que isso pode confundir muitos iniciantes dessa prática tão benéfica. O cérebro é uma “máquina” produtora de pensamentos imparável, portanto, simplesmente dizer que devemos não pensar em nada é propor uma ação impossível. E o que era para ser uma atividade prazerosa e relaxante, pode se tornar desestimulante.

Geralmente, quando se fala em não pensar em nada na meditação, o propósito é o de incentivar o praticante a se colocar em um momento de relaxamento e tranquilidade, em contraste com os outros momentos de agitação e perturbação que levamos.

Então, uma boa maneira de conseguir isso, pode ser apenas sentando em uma cadeira confortável por cinco minutos em um

ambiente silencioso, ou com fones de ouvido que tocam algum som agradável.

Isso não fará com que os pensamentos parem de surgir, mas sim que eles comecem a fluir de maneira mais tranquila e organizada. Ao invés de parar a mente, esse exercício ajuda a ser mais criativo e organizado, e até contemplativo.

Dá até pra refletir sobre os problemas do trabalho nesses momentos, só que agora com a intenção de mergulhar em possibilidade de soluções criativas. Mas também é possível se aprofundar no oceano das memórias longínquas do passado; e, ainda, quiçá, chegar a um estado de distração de qualquer pensamento cotidiano, que é o mais compatível com uma lógica de não pensar em nada.

Aí sim, quando se consegue ignorar os pensamentos preocupantes, chega-se no estado de não olhar para as preocupações que o cérebro está engendrando e, então, tem-se a sensação de que não se está pensando em nada e isso é relaxante.

E, por fim, a quarta parte da pergunta do Gerson, fala da ideia de escutar o silêncio. Eu sempre me entusiasmei por esse tipo de título nas capas dos livros. Entretanto, esse tipo de literatura tem um pequeno problema: eles falam demais e dizem muito pouco.

Qualquer obra sobre esse tema deveria ter no máximo uma página e ser muito direto, dizendo, escutar o silêncio é isto: (nada escrito). E ponto. Mas depois de muito tentar compreender o que significa escutar o silêncio, eu descobri que isso realmente é possível e muito mais óbvio e simples do que poderia parecer em um primeiro momento.

Na verdade, o silêncio absoluto é o que mais preenche o espaço que ocupa todo o universo. Os barulhos e os sons são um percentual muito, mas muito pequeno daquilo que percebemos pela audição. Existe muito mais silêncio no Cosmos do que sons, no entanto, a gente presta mais atenção aos ruídos.

É mais fácil de perceber essa constatação à noite, quando as pessoas e os animais de fato param de fazer tanto barulho (a não ser que se viva em uma metrópole que fica acordada 24 horas). A realidade é que existe muito mais silêncio do que barulho no mundo. Talvez não seja possível perceber o silêncio de fato, pois sempre há algum tipo de sonoridade acontecendo quando tentamos prestar atenção a essa constatação.

Na verdade, portanto, a gente não consegue “ouvir o silêncio”, pois ele é exatamente isso: quieto. Mas é possível compreender que o silêncio existe de fato, e que ele compõe a maior parte do todo. Os barulhos, os sons, o palavreado, a enxurrada de informação, são apenas a primeira camada da nossa realidade. A segunda camada é uma cortina infinita de silêncio e paz.

Quando a gente dá uma pausa na correria da rotina para ler um livro como este e pensar em coisas boas, com tranquilidade e intenção, percebendo o milagre da respiração, de repente nós nos damos conta da paz que também existe no Mundo. Mas não existe só a paz; existe de tudo um pouco, e é preciso que aprendamos a conviver com tudo o que faz parte do viver.

Por isso, é importante também aprendermos a nos interiorizarmos um pouco para perceber que existe o silêncio para além do burburinho; e para nos darmos conta de que na percepção desse silêncio gigantesco, podemos escutar uma voz que fala com suavidade a amor: a intuição.

Então, pensa comigo. Digamos que, para fins de raciocínio, o Universo seja preenchido de 95% de silêncio absoluto e 5% de sons (vozes, músicas, notícias, explosões, turbinas, etc.). Desses 5% de sons, apenas um percentual ainda mais reduzido é representado pelas palavras que são produzidas em forma de fala e escrita (vamos considerar a leitura uma forma de “som” para os fins desse exercício mental).

Isso quer dizer que tentar falar com Deus pode ser um equívoco da nossa parte. Afinal de contas, se, de acordo com a nossa lógica

ao longo deste livro, Deus é a mesma coisa que a infinidade do Universo, isso quer dizer que é muito mais provável que a linguagem Dele seja o próprio silêncio, e não algum tipo de idioma.

Até porque, tentar “pegar” toda a sabedoria contida nos 95% de silêncio, e tentar traduzir isso para que coubesse nos outros 5% de sons seria uma tarefa impossível até mesmo para Deus, pois ela é irracional. Além do mais, ao ser sintetizada de maneira tão radical, essa mensagem se tornaria incompreensível para nós.

Por isso, a melhor coisa a se fazer é desfocar a atenção dos ruídos do dia a dia e tentar observar, ou somente compreender, que o silêncio está presente, e que ele é muito maior do que a cacofonia que escutamos.

E para conseguirmos fazer isso, precisamos parar, respirar, nos distrair momentaneamente dos pensamentos, e nos darmos conta de que o silêncio existe e está presente o tempo todo. Ao fazermos isso, quando ficamos em silêncio, nós nos damos conta de que fazemos parte do infinito.

E nada pode destruir, nem aumentar, o infinito. Cada um de nós é uma parte do infinito. Cada um de nós é o próprio infinito. Deus é o infinito. Logo, [...].

## 7. NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, O “TER” ESTÁ SEMPRE À FRENTE DO “SER”. O QUE FAZER PARA QUE O “SER” POSSA SER PRIORIZADO EM RELAÇÃO AO “TER”?

A resposta é muito simples, mas a solução é muito difícil. O caminho do “TER” é largo, fácil e prazeroso. O caminho do “SER” é difícil, com resultados apenas de longo prazo e pouco, ou nenhum, reconhecimento. Em uma sociedade acostumada a exaltar

a aparência, optar pela essência a troco de nenhuma aclamação, é simplesmente loucura.

Optar por valorizar o “SER” é contraintuitivo ao senso comum. As pessoas têm dificuldade em perceber o valor da essência das atitudes. Ninguém lhe dará os parabéns por ter optado em evoluir a pessoa que é, ou por investir em sua própria construção existencial.

Entretanto, se você tiver condições de possuir um belo carro ou uma bela casa, as pessoas lhe dirão que isso é bom, e você se sentirá bem. Então, basicamente, optar pelo “SER” ao invés do “TER” é ilógico, e é difícil justificar você optar por uma coisa que é ilógica e que não lhe traga glória e reconhecimento.

A sociedade, de uma forma geral, realmente parece optar muito mais pelo possuir do que pelo autodesenvolvimento. Eu, de minha parte, na verdade, não vejo problema nenhum nisso. Acho que a pergunta apresenta um erro comum que nós seres humanos insistimos em cometer: o de achar que o que é bom para mim também é bom para o outro.

As opções que fazemos na vida são, em primeira e última instância, um problema que diz respeito individual a cada um de nós. Não é minha responsabilidade, nem a de ninguém, querer que outros optem pelo que eu gostaria que elas escolhessem.

Penso que se a questão do ser é importante para mim, então eu tenho que fazer o melhor que puder com relação a mim mesmo. Se outros querem algo diferente, tudo bem, desde que isso não prejudique o bem comum e a busca individual de cada um.

Os caminhos que levam ao aprendizado são diferentes para cada um, então não cabe a nós julgar qual o melhor processo individual. Uma pessoa rica com uma Ferrari e mansões na praia pode ser mais evoluída e feliz do que um pobre que não tem nada, e que não se importa de fato em aprender algo na vida. O problema do ter versus o ser num caso assim está muito mais no valor

que damos às coisas e às experiências que vivemos, do que nas coisas em si.

Às vezes a problemática da crítica ao ter é apenas uma forma de menosprezar o sucesso de pessoas que alcançam elevado padrão de vida. Por isso, a nossa busca pelo desenvolvimento pessoal não pode se resumir a um processo de inveja e de crítica àqueles que optam por um caminho diferente.

Cada um deve reconhecer em si a história de vida que mais lhe compete atuar e escolher esse papel com convicção. Algumas pessoas têm a habilidade natural e espontânea em adquirir bens materiais e enriquecer. Mas isso não quer dizer que elas valorizam mais o ter do que o ser. Isso quer apenas dizer que elas estão vivendo a sua essência intrínseca em seu mais alto potencial.

O problema, como nós dizíamos, é a que a sociedade está mais acostumada a compreender e admirar melhor os bens materiais e as conquistas financeiras do que as conquistas emocionais, espirituais e intelectuais.

Portanto, isso significa que nós devemos nos desprender do louvor que esperamos receber dos outros sempre que decidirmos seguir a nossa intuição com relação aos projetos e planos que temos para a nossa decisão de agir.

O que acontece com algumas pessoas, e acontece comigo, e que vai na contramão da regra do ter acima do ser, é que elas têm uma tendência natural a optar por uma forma de viver que as força a buscar a vida focada no “SER” muito mais do que focada no “TER”. Só que isso parece acontecer de maneira natural e pouco planejada, ou consciente.

Então, essas pessoas naturalmente buscarão basear sua vida em atividades que priorizem evoluir e compreender a pessoa que são e sua parcela de contribuição social. Portanto, vejo que esse caminho é muito espontâneo, e as pessoas que o descobrem devem buscar esse caminho com muito afinco.

O que acontece algumas vezes é o fato de que alguém que descobriu algo de bom e essencial para a sua própria vida, acaba querendo impor essa forma de compreender o mundo como sendo o único correto. Esse tipo de comportamento acaba ganhando ares de superioridade e presunção. E isso é reprovável.

Exemplos disso são pessoas que se convertem para alguma religião, e que passam a achar que são as únicas pessoas boas do mundo. Ou aqueles que optam pelo veganismo, e passam a condenar o comportamento onívoro (aqueles que comem vegetais e carnes) nos outros. E ainda, aqueles que se decidem por algum partido político e passam a difamar quem pensa diferente.

Não há crítica alguma às escolhas dos exemplos anteriores, somente reprovação ao comportamento que surge dessas escolhas. A nossa busca pelo ser deve representar uma postura genuína de autoconhecimento e de evolução pessoal, e não uma maneira supérflua e aparente de apenas nos fazer sentir superiores aos outros.

Em casos assim, a regra se inverte e “TER” boas maneiras se torna mais importante do que “SER” um chato.

Sabe quando dizem que um gesto vale mais do que mil palavras? Existe um caso interessante que joga muita luz nesse debate. Existe na internet um vídeo muito poderoso por sua mensagem visual, mais do que por sua mensagem verbal.

No dia em que o time de futebol Manchester City venceu a Supercopa e os jogadores estavam alinhados para receber a medalha de campeão, quase ninguém percebeu que uma menina cega estava posicionada ao lado de uma autoridade que entregava as medalhas.

Isso até que o jogador campeão Jack Grealish percebeu a menina e fez questão de bloquear a fila por alguns segundos para dar a merecida atenção que ela precisava (é possível perceber que ela estava angustiada com toda aquela situação, até o momento em que Jack interagiu com ela).

Não só isso, mas Jack foi gigante em seu gesto de também ignorar a perturbação do dirigente engravatado que tentava interromper a bela atitude de Jack. Jack não se intimidou, ele continuou interrompendo o andar da fila de jogadores e continuou ignorando as tentativas esnobes do arrogante que tentava lhe impedir de fazer o correto.

Naquele momento, a merecida medalha de campeão se tornou uma quinquilharia perto do gesto enorme de gentileza e coragem de abordar e conversar com a menina cega. A medalha de campeão ganhou muito mais significado no peito de Jack do que de qualquer outro jogador naquele momento.

Todos os jogadores do Manchester City tinham uma medalha de ouro no peito, merecidamente, mas apenas Jack Grealish teve a atitude gigante de demonstrar carinho e atenção a alguém que estava deslocado.

Que essa imagem de Jack Grealish possa ficar marcada em nossa memória como uma atitude emblemática do poder de ser um humano legal.

# CAPÍTULO VI – O QUE É A INTUIÇÃO?

O nome Ismael significa: Deus ouviu. Na bíblia, em Gênesis, Deus ouviu a voz do menino Ismael que estava à beira da morte e chorava no deserto (Gênesis 21:8-21). Biblicamente falando, a interpretação do nome Ismael significa que Deus ouviu as nossas preces e as nossas angústias.

Entretanto, com a intuição é o contrário, pois somos nós quem ouvimos uma voz desconhecida que nos fala para agir de determinada maneira, mesmo que não saibamos de onde a voz vem. Alguns a chamam de Deus, outros de vida, eu simplesmente a chamo de intuição.

A intuição é uma forma de comunicação com a lógica da existência que beira o incompreensível. Para entender isso melhor, pense na analogia com um produto eletrônico que dizemos ser de uso intuitivo. Dizemos que um dispositivo é intuitivo quando aprender o seu uso é tão óbvio que dispensa explicação.

Quando usamos a expressão “intuitivo” nesse caso, estamos falando de algo que conseguimos utilizar sem que alguém precise nos dizer como fazer. Isso porque o aparelho ou o aplicativo foi desenvolvido por alguém que tinha em mente facilitar o uso para o usuário final.

A intuição é quase a mesma coisa, só que com relação à vida; com relação à existência. A vida pode ser complexa demais para a compreendermos em suas engrenagens de funcionamento; todavia, em alguns momentos miraculosos, as situações se apresentam a nós sem que as precisemos compreender em sua totalidade, mas apenas com alguma noção suficiente do que precisamos fazer e de por onde devemos ir. Nesses momentos, é como se a própria vida

falasse conosco e é aqui que entra a intuição, pois ela é o canal de recepção dessa informação.

Isso é como dizer que a vida foi planejada por “alguém” e que nós somos os usuários desse grande equipamento orgânico. Nós não sabemos exatamente como abrir e mexer nesse grande aparato, para compreender o que tem dentro, mas muitas vezes sabemos como manuseá-lo.

Esta é outra forma de pensar a intuição: nós somos os receptáculos de mensagens que a vida quer manifestar através daqueles que estão dispostos a ouvir a voz da Vida, acreditar em sua mensagem, e agir com base em suas instruções.

Portanto, a intuição tem esse lado mágico, de quase contato com o divino, pois temos a sensação de estar recebendo uma mensagem especial de ações que devemos tomar em situações específicas. Muitos de nós já vivemos esse tipo de intuição, que é aquela voz sutil que nos diz para fazermos algo, mesmo sem termos muitas evidências que justifiquem essa escolha.

Só que essa forma de intuição é muitas vezes falha, e frequentemente ela apenas se mostra aparente quando algo já aconteceu e olhamos para trás com a sensação de que a voz da intuição nos disse para irmos por tal caminho.

Ou seja, depois do fato ter se concretizado é mais fácil dizer que foi a intuição nos guiando, mas não é tão evidente assim afirmar que essa intuição está nos guiando antes de termos a prova concreta de que o evento esperado irá se materializar.

Assim sendo, essa forma de intuição é mais subjetiva e abstrata e não há o que possamos fazer para provocá-la a se manifestar. Na verdade, não podemos sequer provar que essa forma de intuição realmente existe. Todavia, é fato que muitos de nós algumas vezes recebemos algumas mensagens intuitivas para tomarmos alguma atitude em momentos específicos.

No entanto, o que pouca gente sabe é que a intuição também tem outro lado muito prático, e é justamente esse lado prático que

permite que a intuição se manifeste. Nesse lado prático, a ação precede a intuição.

Isso quer dizer que a ação vem antes da intuição, quando queremos provocar a intuição, quando queremos ter algum controle sobre ela. A intuição continua sendo como se fosse uma voz que nos falasse com uma voz muito suave, nos indicando algum caminho a seguir, ou alguma decisão a tomar. Só que nesse segundo caso, essa voz fala com aqueles que já estão em atitude de movimento ou de pensamento com relação a algo específico.

Um exemplo que ajuda a ilustrar essa explicação é o pintor Pablo Picasso. Foi a intuição que o ajudou a desenvolver a técnica do cubismo, que é uma maneira diferente de pintar, em que as imagens têm formas quadriculadas e angulares, ao invés de serem formas exatas e curvilíneas. Picasso teve essa ideia, ou essa intuição, somente depois de muito esforço e trabalho repetitivo.

Pablo Picasso era um pintor prolífico, tendo criado mais de oitocentas obras, sendo que a maioria de seus trabalhos nunca chegaram a conhecer qualquer audiência, tendo sido meramente ignorados pelo artista como parte de um processo de aperfeiçoamento. E isso nos dá mais uma pista do processo que leva à intuição. Ela se apresenta àqueles que não se conformam com as coisas como elas são, mas que buscam aprimorar aquilo que fazem com atenção e esmero, especialmente com muita atenção.

Ou seja, seria um equívoco pensar que a intuição se apresenta invariavelmente para aqueles que trabalham arduamente. Talvez esse elemento nem seja assim tão importante quando comparado com a concentração extrema em busca do melhoramento constante.

Essa concentração significa a atenção que se deve dedicar àquilo ao qual se faz com capricho e amor. Outras pessoas com alta capacidade de intuição são os mestres enxadristas (jogadores de xadrez). Isso acontece pois, eles dedicam muito tempo de suas vidas aprendendo sobre algo específico, e fazem isso com elevada atenção, concentração e consciência do que fazem.

Os jogadores de xadrez não estão apenas repetindo exaustivamente e mecanicamente uma infinidade de opções de jogada; eles estão fazendo isso acompanhado de um alto nível de concentração e intenso fluxo de consciência.

A mesma lógica se aplica para outra atividade que pareceria estar muito mais associada a movimentos exaustivos, como o jogo de tênis. Entretanto, são apenas aqueles atletas que praticam incansavelmente movimentos repetitivos, acompanhados de atenção profunda ao que estão fazendo, que aos poucos desenvolverão a capacidade de serem intuitivos nos movimentos e técnicas em momentos de grande adrenalina e competitividades, como em algum tipo de jogo valendo um título mundial.

A boa notícia é que a intuição pode ser desenvolvida por qualquer pessoa em qualquer tipo de atividade. Isso quer dizer que alguém que trabalha em uma empresa, em uma função até mesmo pouco admirada ou reconhecida, poderá desenvolver a intuição e elevar o seu nível de desempenho e reconhecimento, desde que dedique um considerável número de horas de experiência na atividade, acompanhado de um expressivo nível de atenção e intenção consciente.

É por isso que a intuição muitas vezes é associada a pessoas excêntricas ou a situações menos mundanas. Isso acontece, pois as pessoas que são presenteadas com o sussurro da intuição já extrapolaram e esgotaram as opções da vivência cotidiana, de um existir meramente automatizado, e passaram para uma maneira de se comportar de forma insistente e intencional em busca de aperfeiçoamento em alguma área específica de suas vidas pessoais ou profissionais.

Outro exemplo que me ocorre de pessoas iluminadas pela intuição são as mães. Além do dom natural que possuem do amor incondicional, sua obsessão pelos filhos faz com que elas pensem e se preocupem o tempo inteiro com seus filhos. Não só com eles, mas com tudo o que pode de alguma forma interferir na vida deles.

É por isso que as mães dizem para os filhos levarem guarda-chuva antes de sair de casa, mesmo que o céu esteja ensolarado. De tanto amor, empenho e atenção que dedicam aos seus filhos, a intuição treinada e atenta delas aprendeu a reconhecer o comportamento da natureza, ao ponto de elas saberem que irá chover, mesmo sem conseguirem explicar porque saber, apesar da certeza que carregam dentro de si.

Isso explica o fato de pessoas intuitivas não serem capazes de explicar como são capazes de saber de coisas que não são sequer capazes de colocar em palavras. Isso é assim porque a intuição cruzou a linha do racionalizável por palavras, para alcançar a ação pura e livre de qualquer necessidade de justificativa, explicação ou dúvida.

Tanto o pintor, como o jogador de tênis e o enxadrista, o profissional dentro da empresa, e também as mães, dedicaram muito tempo em empenho repetitivo e amor em forma de atenção em momentos que aparentemente não valiam nada, para em um momento decisivo serem visitados pela musa mágica e divina da intuição.

Como eu disse na introdução deste capítulo, a intuição é a habilidade de se conectar sutilmente com a lógica que rege o mundo. Pessoas intuitivas colocaram tanto esforço e amor ao que fazem que em alguns momentos são capazes de “ouvir” a voz da Vida que tudo rege.

Todavia, isso só parece mágica aos olhos e ouvidos de quem não é treinado na arte da intuição. Da mesma forma como os ilusionistas sabem que para encantar a plateia com truques de mágicas são necessárias muitas horas de treinamento e concentração, de maneira similar as pessoas intuitivas sabem que conseguiram desenvolver a intuição por causa de seu esmero intencional.

Um livro que ilustra muito bem o processo de envolvimento com a intuição é o Alquimista, do escritor Paulo Coelho. Por meio de uma aventura envolvente, o autor nos transmite de maneira indireta os conceitos e os manceiros da intuição que se apresenta

àqueles que estão dispostos a ouvir, acreditar e agir (e também a ordem contrária: primeiro agir, para só depois ouvir e acreditar) na busca por alcançar sonhos realizáveis.

E, por falar em livro, uma frase que ajuda a jogar ainda mais luz em nosso estudo sobre a intuição é a do escritor Fernando Dolabela, que no livro *O Segredo de Luiza* diz que “*intuição não é um talento misterioso. É o subproduto direto do treinamento e da experiência que foram estocados como conhecimento*”.

Um lado negativo da intuição praticada e intencional (em oposição à intuição misteriosa) é que ela só se apresenta em áreas de atividades muito específicas, justamente essas às quais nós dedicamos muitas horas de exercício intencional e repetição consciente. Dessa forma, essa intuição não irá automaticamente ser traduzida para outras áreas de atividade que não tenham tido o mesmo tempo de empenho e nível de concentração.

Portanto, as duas únicas perguntas que ficam são: qual é a área de atividade, pessoal ou profissional, à qual você tem dedicado horas diárias de esforço repetitivo de aprendizado? Será que você tem lembrado de acrescentar o ingrediente da concentração intencional e amor por essa atividade em que está empenhado a aprimorar?

Talvez você esteja se perguntando se a intuição vale para atividades improváveis como estudar, escrever um livro, ter um relacionamento afetivo, correr e dormir, viver para a religião, etc. A resposta é sim. A intuição é a capacidade de escutar a voz da própria Vida sussurrando para aqueles que se preparam o suficiente.

O que a sua intuição está lhe dizendo para iniciar neste momento? Por mais improvável, divertido ou sério que isso possa parecer, talvez você devesse refletir sobre o que de relevante se esconde por trás desse sussurro.

Por isso, eu repito: o que a sua intuição está lhe dizendo para iniciar neste momento?

# CAPÍTULO VII – GRUPO PENSANTE

Três amigos que se reúnem mensalmente para filosofar a respeito de qualquer coisa. Assim se resume o Grupo Pensante. Essa atividade já vem sendo desenvolvida desde 2009 pelos três mesmos integrantes: Mateus Herrmann, Cassiano Simon e Ismael Specht.

Três pessoas com personalidades e áreas de atuação profissionais diferentes. O que compartilham é a amizade que sempre rompe as barreiras da lógica, o gosto pelo desenvolvimento pessoal, e o diálogo filosófico.

Por muitos anos, o Grupo Pensante foi questionado por pessoas de fora e taxado como algo excêntrico, ilógico e provavelmente temporário. E, sempre que isso aconteceu, foi difícil explicar o que fazíamos, porque até então, ele parecia incompreensível até mesmo para nós.

Nós nunca soubemos ao certo o que tínhamos em mãos ou o que estávamos fazendo, pois isso era algo realmente diferente. O nosso Grupo Pensante nunca teve uma fórmula exata para acontecer e por isso sempre foi difícil explicar o que ele era.

Só com o tempo nós começamos a compreender o que ele significava e o que tornava esse encontro tão importante: se ele é diferente e incompreensível para as outras pessoas, então o que temos em mãos é algo único e especial. De certa forma nós o inventamos sem querer. Ou será que nós o encontramos sem querer? Ou quem sabe, fomos presenteados com ele, por querer?

Não sei como responder a essas perguntas. Talvez dizer que nós o inventamos seja uma forma equivocada de colocar as coisas, pois foi muito mais uma serendipidade, ou seja, um tropeço sobre um presente curioso e interessante.

Mas o que pode haver de tão especial e diferente em três amigos se encontrando para conversar, afinal de contas, não é isso o que fazem todos os bons amigos? Na verdade, não. E propositalmente eu construí a pergunta de forma errada, justamente para poder explicá-la corretamente.

A pergunta se refere ao que qualquer grupo de amigos faz e, inclusive, nós: encontrar-se para conversar. Acontece que no Grupo Pensante nós não nos encontramos para apenas conversar. Nós nos encontramos para filosofar; não no sentido acadêmico do termo, mas num senso mais existencialista.

E quando nos reunimos para filosofar, ao invés de simplesmente conversar, criamos uma energia muito diferente de qualquer outra. Existe uma mágica nos encontros. No Grupo Pensante não apenas falamos sobre o que está acontecendo, mas também construímos ideias; criticamos nossa forma de vida; e repensamos novas possibilidades. Nós exploramos possibilidades e filosofamos sobre a vida. Em outras palavras, nós brincamos de forma abstrata com a realidade.

Em uma conversa de padaria entre amigos, frequentemente se explora a superficialidade de um bate papo; no Grupo Pensante exploramos profundamente ideias que nós mesmos engendramos. Em uma conversa de pub, normalmente se bebe algum tipo de álcool; nós não consumimos álcool e muito menos usamos drogas. É apenas o diálogo filosófico que nos entorpece. Mas um café preto bem forte é sempre bem vindo, assim como alguns petiscos.

A cada encontro, é como se recebêssemos um novo sopro de fôlego de vida. É como se a musculatura da alma recebesse adrenalina. Descobrimos através dessa atividade algo que nos faz bem e que não nos foi empurrado goela abaixo pela mídia, como tantas outras formas de entretenimento que existem.

Esse nosso entretenimento amigável nos faz andar na montanha russa da imaginação. Ele nos faz viajar no alucinógeno da

capacidade intelectual. O único efeito colateral do uso dessa substância amistosa é o de nos sentirmos melhores depois de vivenciá-la e o de desejar repetir a dose no mês seguinte.

O Grupo Pensante é uma rasteira nos padrões sociais. É um passo fora do ritmo do espírito de manada (do qual nós também somos coparticipes). O padrão social estabelecido só quer sugar, distrair e entorpecer. O Grupo Pensante nos preenche, nos faz refletir, e nos desperta para uma nova realidade.

Ele nos preenche com torrentes de pensamentos que sabíamos que existiam dentro de nós e que nos fazem sentir motivados e felizes. Ele nos estimula para a reflexão, pois repensamos nossas vidas e nossas rotas, uma vez que buscamos fazer o melhor de nossas vidas e para a vida das pessoas que estão ao nosso redor. E ele nos faz acordar para uma nova realidade; uma realidade em que nos tornamos responsáveis pelas decisões que tomamos e pela vida que optamos levar.

Não somos mais meramente empurrados como bichos pelos gritos da mídia e caminantes passivos da rotina vivencial. A partir do nascimento do Grupo Pensante passamos a nos comportar de acordo com decisões um pouco mais conscientes e levemente mais críticas.

O Grupo Pensante é uma revolução que não faz barulho; é uma guerra pacífica que jamais pegará em armas. O combate acontece no campo das ideias. Não queremos mudar o mundo, mas queremos mudar a nós mesmos. Queremos matar a angústia da rotina. Queremos aprisionar nossos medos. Queremos libertar nossas ideias de nós mesmos.

O Grupo Pensante desafia o *status quo* quando se propõem a fazer o que a mídia manipuladora e os governos sub-reptícios mais temem na população: pensar. Não existe nada mais perigoso para a ordem mórbida e irracional que está instalada em nossa sociedade do que o ato de reflexionar os pensamentos.

Negamo-nos a sermos controlados no território em que ninguém pode nos acorrentar: dentro de nossas próprias massas cinzentas pensadoras. Respeitamos todas as leis que aprisionam o corpo e que são inofensivas, mas desrespeitamos toda a ordem ignorante que rege as sociedades nos limites da intelectualidade.

Se você quiser fazer parte desse grupo excêntrico, também pode desenvolver seu próprio Grupo Pensante; é bem simples. Não existem regras. Existe apenas o objetivo de dialogar abertamente a respeito de qualquer assunto que surja. A exploração de ideias é um caminho incerto muitas vezes.

Frequentemente nós mesmos nos deparamos falando sobre assuntos absurdos. Falamos muitas vezes sem dominar o tópico abordado, apenas divagando ou elucubrando. Não importa. O que vale é a sensação de ampliar a zona de imaginação.

Um ponto interessante a se observar é a estrutura do Grupo. Em nosso caso, sempre “trabalhamos” com três pessoas. Parece que com três membros as ideias fluem mais naturalmente e há sempre o ponto de desempate e crítica dos argumentos; e por ser um número pequeno, todos têm sempre a chance de falar sem que ninguém fique de fora do debate.

O número três mantém a intimidade de uma conversa entre duas pessoas, mas com a vantagem de a conversa nunca perder a fluidez, pois quando um se cansa, automaticamente ele é substituído por outro; e assim não entramos em uma linha de raciocínio estanque, pois três cabeças pensam mais absurdamente do que duas.

De qualquer forma, esse não é um número místico. Eu mesmo, Ismael, já participei de vários outros grupos pensantes, às vezes com quatro pessoas; às vezes com duas. E não precisa ser um “Clube do Bolinha”, nem da “Luluzinha”; dá para misturar os gêneros. Talvez a única característica indispensável de um Grupo Pensante é o fato de ele sempre escorregar para assuntos filosóficos e vivenciais mais profundos e lúcidos.

Muitas vezes eu nem digo para as pessoas, quando as convido para um café com bate-papo, que o que estamos fazendo é um Grupo Pensante, pois as coisas fluem naturalmente para esse lado. Talvez isso seja assim porque eu tenho em mim mesmo essa essência filosófica e as companhias já esperam por esse tipo de interação quando saem comigo.

Eu lhe incentivo a experimentar e explorar livremente os caminhos da sua mente e da sua imaginação juntamente com os seus amigos e colegas de trabalho. Não deixe que outros pensem por você; não deixe que os repórteres na TV e as celebridades na mídia pensem por você, especialmente quando eles nem sequer fazem parte da sua vida. Junte-se aos seus conhecidos próximos e pensem suas próprias filosofias originais.

Ouse iniciar o seu próprio Grupo Pensante. Aventure-se nessa atividade fora da rotina e esteja pronto para pagar o preço satisfatório que a vida cobra daqueles que ousam não ser apenas mais um. Mas vá sem medo, pois não estará sozinho, afinal de contas, estará com o seu Grupo Pensante.

E aí, quem você convidaria para um Grupo Pensante? Não fique só no pensamento; bora convidar alguém.

# CAPÍTULO VIII – A CAMINHADA ATÉ O CÂNION FORTALEZA

Neste capítulo, eu narrarei as minhas duas caminhadas de 40 quilômetros do centro da cidade de Cambará, no Rio Grande do Sul, até o cânion Fortaleza (também na cidade de Cambará). Foi uma vivência de autoconhecimento, de meditação, de espiritualidade, de inspiração e de superação; muita superação.

A verdade é que eu fiz isso porque eu queria ter um momento a sós para tentar me comunicar com Deus. A cidade de Cambará é uma localidade pequena, do interior, e com bastante natureza, então eu pensei que nesse retiro eu teria mais chances de dar oportunidade para que Deus se apresentasse a mim.

Eu quis fazer isso por calcular que, se Deus de fato existisse, então Ele não teria nenhuma razão para não se apresentar a mim. Eu estava imaginando que eu seria capaz de ouvir a voz Dele. A lógica por trás disso também tinha a ver com o fato de que as provas que as pessoas apresentam para a existência de Deus sempre serem duvidosas. Então, eu queria me certificar por conta própria.

Mas eu não queria fazer isso para sair por aí tentando provar para as pessoas que Ele existe ou não. Eu queria apenas fazer uma tentativa pessoal e intimista. Caso Ele, por acaso, falasse comigo, eu viveria isso para mim e falaria a respeito com naturalidade para quem quisesse ouvir, mas caso nada acontecesse, eu não sairia por aí dizendo que Deus não existe; apenas falaria da minha aventura de forma respeitosa.

Então, a narração que você irá encontrar aqui não é uma tentativa de provar ou refutar a existência de Deus. É apenas o

compartilhamento de uma tentativa sincera de conversar com Deus, ou a própria Vida.

Muitos reclamam da rotina e da prisão existencial em que se encontram, como se vivessem em uma época de escravidão, ou em uma prisão de verdade. Não se dão conta de que a solução para as suas angústias reside em suas próprias atitudes.

Vivemos, a maioria de nós, em sociedades fisicamente livres. Em grande parte das vezes, a única ditadura que vivemos é psicológica. Olhe ao redor e ouça o quanto as pessoas reclamam de suas vidas, o quão insatisfeitas estão com suas rotinas de trabalho, o quão infelizes se sentem com a realidade em que estão, e o mais importante, como consideram isso muitas vezes a culpa de alguém que não seja delas mesmas.

De fato, existem situações que não dependem de nossa vontade e que são indiscutivelmente dramáticas; mas existe também um percentual bem considerável de oportunidades de ação que relegamos para a sorte e da qual nos eximimos da responsabilidade.

É notável que existe um interesse e um estímulo social para que sejamos máquinas de trabalhar passivas e não pensantes, mas o poder dessa estrutura social termina exatamente aqui: em nós. Nada que seja da esfera do cotidiano e natural nos pode ser imposto, apenas sugerido. A decisão reside em nossas mãos. Sair da rotina depende de nós.

Fazer algo de diferente na nossa rotina diária depende de cada um de nós e não precisa necessariamente custar dinheiro ou ser algo excepcional. Saber interpretar as maravilhas da vida é importante para alguém que viaja por belas cidades da Europa assim como para alguém que viaja por simplórias e desconhecidas pequenas cidades do interior do Rio Grande do Sul, por exemplo.

As paisagens naturais são parecidas, o valor que as pessoas dão para a experiência é que é diferente. Ir ao trabalho em uma empresa nos EUA ou no Brasil pode ter o mesmo sabor amargo ou doce, isso depende de como cada um decide interpretar a sua

experiência e o quanto cada pessoa decide colocar de energia para transformar a rotina em que vive.

Na maioria esmagadora das vezes, o que existe são duas opções: as desculpas e a atitude. Nas desculpas, o que encontramos é a passividade e a esperança de que tudo melhore por si só e pelo esforço e boa intenção dos outros. Na atitude, reside a fonte de desafios, dias difíceis, suor, dor, fracasso, e quem sabe, sucesso; e depende exclusivamente da iniciativa de cada um, pois aqui se tem a consciência de que somos capazes de muito mais do que nós mesmos podemos imaginar.

Eu fiz toda essa tergiversação para justificar para mim mesmo o fato de eu ter ido a Cambará, pois para muitos isso era coisa de louco. Para ficar menos incompreensível para mim o que fiz, eu decidi que essa era uma amostra da atitude. Foi munido dessa atitude que eu decidi tentar me encontrar com Deus em Cambará. Por que eu não haveria de tentar encontrar esse tal de Deus, já que ele é tão importante para tantos fiéis ao redor do mundo?

Cambará do Sul é uma pequena e simples cidade na serra gaúcha, no Rio Grande do Sul. Os caminhos que levam até a cidade são fascinantes, repletos de natureza e belas paisagens. O tráfego sempre foi de pouco movimento.

Do centro da cidade de Cambará do Sul até o cânion Fortaleza são aproximadamente 40 quilômetros. Esse percurso, se feito a pé, pode levar em torno de 10 horas. Estamos falando de um percurso que envolve subidas e descidas. Se for um dia ensolarado, o calor do sol pode ser excruciante.

Se for fazê-lo sozinho, sem nenhum entretenimento tecnológico que ajude a distrair os pensamentos, então sua única companhia será você mesmo; e ela pode ser bem entediante, eu admito. Então esse é um trajeto difícil de realizar caminhando para qualquer um que não seja um atleta semiprofissional.

É possível fazê-lo de carro, mas a pé a experiência é muito mais mágica, real, desafiadora e inesquecível. A visão que se tem do

horizonte no cânion Fortaleza é uma experiência indescritível. Vivenciar essa maravilha do ponto de vista das belezas que se vê é um fato praticamente inenarrável; portanto, eu tentarei fazê-lo não tanto com o intuito de descrever as paisagens, mas sim a minha jornada interior, emocional e mental, e também para despertar no leitor o desejo por aventuras inusitadas e intuitivas.

Minha primeira caminhada do centro de Cambará até o cânion aconteceu no ano de 2014. Eu decidi fazê-lo porque meus amigos e eu sempre tivemos o hábito de fazer caminhadas até o topo de um morro que temos próximo da cidade onde eu sempre morei, o Morro Ferrabraz, em Sapiroanga (cidade famosa pela história da Jacobina e dos Muckers).

Como eu disse, eu achei que essa seria uma boa maneira de entrar em contato direto com Deus. Só para ficar bem claro o nível da minha expectativa: eu queria literalmente conversar com Ele. Eu queria ouvir a voz Dele. Eu não me considero religioso fundamentalista, mas sim alguém interessado pela religião; então por isso eu raciocinei que se eu demonstrasse desejo e atitude, Ele me ouviria e viria até mim para me convencer de Sua existência.

Assim sendo, essa era uma caminhada esportiva, espiritual, filosófica, e até criativa, pois por causa dessa aventura, muitas ideias importantes vieram até mim. Eu me lembro de ter acordado cedo na época, tomado o café da manhã no hotel da cidade de Cambara (eu já tinha ido para a cidade no dia anterior, para pousar na cidade), e saído tranquilamente para fazer o percurso.

Eu calculei que seria uma caminhada difícil, mas não impossível. Por me considerar um atleta amador, eu não criei nenhuma estratégia e não me preparei de forma especial para alcançar o objetivo: ir e voltar caminhando, do centro da cidade até o cânion. Eu não tinha antecipado que o percurso fosse de quase 40 quilômetros e que pudesse levar até dez horas. Isso eu foi descobrir só no dia. Ou seja, minha missão estava fadada ao fracasso, e de fato falhou.

Ir do centro da cidade de Cambará até o cânion até que não foi difícil. O único problema foi um leve inconveniente (não chegava a ser dor) que comecei a sentir no joelho já na ida. Isso aconteceu porque, como eu percebi que estava demorando um pouco para chegar ao cânion, decidi trotar de leve, a fim de aumentar um pouco a minha velocidade.

Entretanto, como eu estava carregando uma mochila, que apesar de não estar cheia, ainda assim tinha algum peso, isso deve ter causado alguma fricção no joelho. Mas tudo fluiu bem e eu finalmente consegui chegar ao portão do parque dos cânions, onde fui recepcionado pelo guarda do local com saudações calorosas.

O guarda achou muito curioso o fato de eu ter ido até ali a pé. Ele disse que nunca tinha visto alguém fazer aquilo sozinho. O mais comum era o pessoal fazer o percurso de carro, de moto, ou de bicicleta. Ele pareceu bastante feliz e entusiasmado com a minha aventura e me desejou boa sorte. Agora faltava pouco para chegar à reta final.

O dia estava limpo e ensolarado, então a visão ao longe era simplesmente perfeita, o que às vezes não acontece, por causa da neblina. A sensação de chegar ao ponto de destino foi reconfortante. E o visual do lugar teve um impacto poderoso em mim. Valeu a pena o esforço para ver o mundo de tão alto e tão longe.

Como já era perto do meio dia, e o sol já estava quase a pino, eu decidi tirar as próximas três horas para descansar, evitando assim o calor daquele período. A soneca estava boa e as baterias estavam recarregadas e por volta das três da tarde eu comecei a me preparar para o retorno ao centro de cambará, para o meu hotel. Todavia, quando eu fiz o movimento para me levantar, eu senti uma dor um pouco mais desconfortável no joelho.

Em um primeiro momento, eu imaginei que a sensação passaria assim que eu comesse a caminhar e o meu corpo esquentasse novamente, então eu não me preocupei muito com aquilo, mesmo que os primeiros passos se mostrassem incômodos.

Depois de mais de uma hora de caminho de retorno, ao invés de a dor reduzir, ela começou a piorar. Ficou tão desconfortável de caminhar que eu comecei a me preocupar quanto à possibilidade de retornar o percurso inteiro a pé. Até porque, de tempos em tempos, eu era forçado a parar para esperar aliviar a dor do joelho.

Mas mesmo com a dor, eu recusava a oferta de carona de alguns carros que passavam por mim. O incômodo chegou a tal ponto que agora eu conseguia caminhar por no máximo 10 minutos e era obrigado a parar por mais dez minutos.

Eu não sei se eu posso chamar isso de determinação ou de teimosia de alemão, mas eu estava convicto a não desistir. Eu queria vencer esse desafio e a dor era um motivo a mais para lutar com ainda mais garra. Só que cada vez que eu levantava para continuar, a dor era pior.

A realidade da situação bateu na minha porta quando, em mais uma pausa para descansar e esperar a dor passar, eu fiz o movimento para me sentar no barranco de grama do acostamento e coloquei a minha mão no chão para me apoiar e senti a dor instantânea do contato com rosetas (espinhos) na grama.

Aquela foi a gota d'água da situação. A minha alma desanimou completamente naquele instante e eu senti vontade de chorar. Eu não ia conseguir continuar daquele jeito.

Neste mesmo instante, como que por providência divina, o carro do patrulheiro do parque, o mesmo guarda que havia me recebido na guarita do portão, quando eu estava entrando no parque, ofereceu carona no seu Chevrolet Corsa cinza e não muito bem cuidado. Eu sabia que não tinha outra opção a não ser aceitar a gentileza e admitir a aparente derrota.

Eu devo ter completado no máximo 30 quilômetros do total de 40 quilômetros. Quando finalmente eu desisti, a única coisa que eu pensei foi: ano que vem eu volto preparado para terminar a caminhada que eu comecei.

Quando cheguei ao quarto do hotel, no centro da cidade, eu mal conseguia caminhar; dobrar as pernas era impossível. Peguei meu carro e fui até um bar perto do hotel onde comprei seis pastéis, pois era o que eles tinham pronto para levar e eu não queria esperar; além de um suco e um refrigerante.

No hotel, eu tive que tomar um banho gelado porque, por algum motivo, o aquecimento da água não estava funcionando, mas eu não estava nem um pouco preocupado, eu só queria tomar aquele banho, comer e dormir.

Meus movimentos eram muito lentos, pois tudo doía (não só o joelho). Meu corpo gritava para que eu parasse, para que eu descansasse. Depois que comi, eu fui dormir. Contudo, o cansaço era tanto, que nem mesmo dormir era possível. Eu acordava de hora em hora ou para comer alguma coisa ou para beber, pois a fome e a sede pareciam insaciáveis.

Dessa minha primeira e frustrante tentativa, o resultado foi que eu não consegui concluir o percurso e não falei com Deus. Ou, melhor dizendo, eu falei com Ele, mas Ele não disse nada de volta. Pelo menos tive boas ideias filosóficas, inclusive para este livro e uma história interessante para contar. Lembrando que essa primeira experiência aconteceu em dezembro de 2014.

Durante o ano de 2015, eu treinei pelo menos três vezes por semana. Desde corridas, caminhadas, até exercícios de fortalecimento muscular na academia. Eu sabia que eu ia voltar para finalizar a minha missão, que agora não era só falar com Deus, mas também completar o percurso do cânion em Cambará.

Durante esse ano de preparação eu não tive nenhum problema com os meus joelhos. Não senti dor nenhuma vez. As dores que senti durante a caminhada em Cambará foram puramente falta de preparo para uma caminhada tão longa que eu não estava em condições de realizar.

Treinar nem sempre é algo que temos vontade de fazer. Às vezes sentimos preguiça e temos vontade de simplesmente ir para casa

fazer qualquer outra coisa. Principalmente quando se trabalha de nove a dez horas por dia, o que era o meu caso na época.

O corpo sente os efeitos do muito trabalho e das poucas horas de sono. Nesse meio tempo, eu consegui dois empregos a mais, além do meu emprego principal, ou seja, eu estava com três trabalhos, então minhas horas disponíveis para treinar e descansar eram limitadas. De qualquer forma, eu fiz o possível.

Eu lutei contra o cansaço, o estresse e a preguiça, e fui treinar “religiosamente” três vezes por semana, no mínimo. Coincidiu que, no mesmo ano, meus amigos também estavam focados em treinar pesado para alcançar alguns objetivos pessoais.

Por isso, nesse ano de 2015, além dos meus treinos pessoais, também consegui encaixar na agenda sete subidas ao morro Ferrabrás em nossa cidade. Esse é um exercício difícil, apesar de mais curto. Ele tem 24 quilômetros de estrada aproximadamente, e subidas e descidas mais íngremes do que aquelas do percurso de Cambará. Na sétima vez em que subimos, senti-me perfeitamente preparado. Pude ir e voltar facilmente.

Enfim, o final do ano de 2015 chegou e com ele o momento de enfrentar o meu desafio pessoal novamente. Para realizar a segunda expedição, eu havia convidado meus amigos de caminhada, mas por duas vezes não conseguimos realizar o planejado por questões climáticas ou de horário.

Em minha mente, parecia que eu tinha que enfrentar aquele desafio sozinho, como da primeira vez. Dentro de mim eu queria voltar para lá sozinho, pois é mais difícil de lidar com os pensamentos quando se caminha por muito tempo sem qualquer companhia. Não é apenas a atividade física que tem que ser superada, mas a atividade mental. Eu queria me desafiar ao máximo e vencer em ambos os territórios, pois assim a vitória seria mais plena.

Além do mais, é muito mais estranho e improvável fazer uma atividade desse tipo sozinho, e por isso mesmo eu preferia que

assim fosse; como algo peculiar. Portanto, eu decidi que no dia 27 de dezembro de 2015 eu enfrentaria o meu desafio pessoal.

Eu tinha colocado o relógio para despertar às 05h30min da manhã, mas às 05h08min eu já estava de pé, pois não tinha conseguido dormir direito a noite inteira, ansioso pelo grande momento. Eu não estava ansioso como ficam as crianças quando não conseguem dormir, porque no dia seguinte irão ao Beto Carrero pela primeira vez.

A verdade é que eu estava ansioso e nervoso, com medo até, e quase incerto de se realmente iria. Desta vez eu não dormi na cidade de Cambará; não fiquei hospedado no dia anterior e nem ficaria para descansar após a aventura. Eu iria fazer tudo em apenas um dia, sair da minha cidade e voltar dentro do mesmo dia.

Enfim, eu acordei, tentei fazer as necessidades fisiológicas e não consegui. Comi e bebi coisas leves e às seis horas da manhã eu já estava na estrada, saindo de Sapiranga. Calculei que em no máximo duas horas eu estaria lá. Fui devagar, sem pressa de chegar. O dia estava com nuvens carregadas, ameaçando chover o caminho inteiro.

Em alguns pontos, pude ver o sol, como se o dia fosse limpar, mas logo em seguida as nuvens voltavam e a cara do tempo era de que iria mesmo chover. O dia estava como um dia típico de verão: quente, mas não exagerado.

Durante o percurso de carro, fui escutando as músicas de uma banda que gosto muito e que me ajuda a meditar: Sigur Rós. Quase chegando à cidade, apaguei o rádio. Só apreciava a paisagem e a estrada a minha frente. Agora eu já estava agitado para iniciar logo a minha caminhada.

Quando cheguei ao destino, eu deixei o carro na Pousada Bela Cambará. A proprietária do estabelecimento, a Dona Ilda, me permitiu deixar o carro durante o dia sem custo nenhum. Cambará é uma cidade tão tranquila que se tivesse deixado na rua não haveria problema.

Iniciei a caminhada exatamente às 08h03min da manhã. Alonguei o corpo um pouco nos primeiros minutos de caminhada. E já na arrancada os problemas me assaltaram. No dia anterior, eu havia comido um xis gorduroso que não tinha me sentado bem. Logo percebi que precisaria fazer minhas necessidades mais uma vez, pois estava me sentindo desconfortável.

Em uma cidade pequena, é difícil encontrar banheiro público em qualquer lugar. Finalmente encontrei um banheiro em um posto de gasolina. Feito o “trabalho”, agora sim eu poderia começar a caminhada apropriadamente. Passei protetor solar no rosto e nos braços e então percebi que havia esquecido o boné em casa. Improvisei um boné com uma camiseta mesmo.

O que há de especial em se fazer passeios a pé, independentemente de para onde se viaja, é o fato de que se vê tudo; cada folha; cada flor; o perfume da natureza; o que está escrito nas letras pequenas das placas na beira da estrada; uma casinha que se esconde ao longe, no meio do mato, e de onde sai uma fina fumaça da chaminé. Tudo isso é mágico.

Enquanto caminho, por mim passa um grupo de ciclistas que, para a minha surpresa, só vejo ir, mas não vejo voltar. O primeiro dos ciclistas me cumprimenta e assim será durante todo o percurso, todos que passam por mim, seja em quatro rodas, seja em duas, me cumprimentam, e isso é muito legal, é como se fôssemos amigos sem nunca termos nos conhecido. Carros passam por mim, indo na mesma direção que eu, só que muito mais rápido do que eu, e eles buzina e cumprimentam. Estou me sentindo muito feliz.

A primeira parte do percurso não é difícil, pois o dia está agradável. Como iniciei a jornada cedo, ainda não está quente. O sol acabou de aparecer, então seus raios ainda são fracos e algumas nuvens cobrem o céu. Há uma brisa suave.

Enquanto caminho, converso comigo mesmo. Parte do propósito desta caminhada é justamente ter uma conversa comigo.

E outra parte do objetivo, você já sabe, é tentar não só falar com Deus, como eu já fiz da outra vez, mas ouvir a voz de Deus.

Enquanto caminho, também tenho algumas inspirações, partes delas compõem este livro e outras se tornaram músicas ou apenas ideias que talvez algum dia ganhem vida. Como não tem nenhum outro humano junto comigo, eu me arrisco a cantar em voz alta algumas músicas que eu compus, para ver como é cantar a plenos pulmões sem plateia e sem timidez. A música que eu escolhi para essa apresentação solitária é a Vitória (que aparece no capítulo de composições e poesias).

Esta primeira parte da caminhada é asfaltada e há muito verde ao redor; com muitas árvores lindas. É possível ver as montanhas ao redor. É possível ouvir os pássaros. Existem placas informando que esta é uma área de proteção ambiental que nunca poderá ser tocada. Espero que isso de fato seja respeitado.

Algumas partes da estrada têm cercas de ambos os lados para impedir que animais cruzem a estrada justamente naquele trecho, pois é uma parte em que os veículos provavelmente andam mais rápidos e não haveria tempo de evitar algum acidente. Nós seres humanos dificilmente nos encaixamos no meio natural, somos uma ameaça à paz e harmonia da natureza.

Em algum momento do percurso, sou quase atacado por abelhas. Não sei de onde elas vieram, mas passaram a me rodear e pousar no meu corpo. Receio que me piquem, comprometendo minha atividade. Tento sutilmente espantá-las. Uma delas insiste em não me abandonar. Vai comigo por mais de metros, até que desiste.

No meio desta natureza existem algumas pousadas e algumas poucas moradias. Uma das pousadas é elegante e romântica, e a outra simples e humilde; ambas belas. É possível ver algumas entradas para carros, provavelmente de chácaras, mas não é possível ver as casas. Chego a uma parte em que estão cortando algumas árvores e essa imagem agride a paisagem. Logo depois, existe uma ponte.

Quando se faz este percurso de carro, bicicleta ou moto, as pessoas não param para apreciar a ponte. Eu sim. Embaixo desta ponte é possível descansar ao som de um riacho que corre. Aqui embaixo é muito fresquinho. Agora já completo exatamente três horas de caminhada. Agora são onze horas da manhã. Minhas pernas já estão cansadas. Aproveito para comer algo. De repente, me vem uma vontade de cochilar. Eu me deito e durmo, no chão duro mesmo, embaixo da ponte. Escuto os carros passando sobre a ponte. Quase uma hora se passa.

Neste ano, eu trouxe junto comigo o livro que o Gerson Serini me emprestou, o Poder do Agora, do Eckhart Tolle. Já é a terceira vez que leio o livro. Desta vez aproveito para ler alguns trechos debaixo da ponte, para ver se alguma inspiração diferente surge nesse ambiente propício para pensar com calma.

Não me detenho muito no livro, afinal de contas, o objetivo principal é ouvir ao próprio Deus e ficar atento a cada tentativa que Ele possa fazer. Além do mais, não tem porque deitar os olhos no livro quando estou diante de tanta beleza natural.

Então, retomo a minha caminhada. A partir daqui, o caminho já não é mais asfaltado, ele é de terra. Estou ainda mais em contato com a natureza agora. Neste momento, já tem carros voltando do cânion. Um deles para com uma família dentro. O motorista me pergunta se vou até o final do cânion caminhando. Respondo que sim e que pelos meus cálculos ainda tenho duas horas de caminhada, e complemento dizendo que estou me sentindo bem e que essa caminhada não será difícil. Eles se mostram impressionados com o que estou fazendo. Desejam-me sorte e me parabenizam; ambos continuamos nossa jornada para caminhos opostos.

Agora o sol já começa a castigar. O dia esquentou. A brisa se foi. Depois do meu descanso, me sinto mais motivado e percebo que caminho mais rápido do que antes da parada. Em alguns pontos da caminhada, agora já é possível ver o cânion ao longe. Os carros

que passam no sentido oposto me cumprimentam; escuto em um deles alguém dizer: “Hei! Aqui está o cara que vimos antes”

Em outro carro que passa, o motorista me diz: “Tu é o cara!”. Provavelmente diz isso pelo fato de eu estar fazendo essa loucura a pé. Começo a me aproximar do meu destino. E neste momento uma cerração muito forte desce sobre a montanha. O calor desaparece. Há agora uma leve brisa. A cerração é espessa e molha como se estivesse chovendo.

Neste momento, não passa nenhum carro e há um silêncio total. Não consigo enxergar mais do que poucos metros a minha frente e me sinto completamente solitário. É uma solidão externa e interna. Só escuto meus próprios passos. Pronto, agora cheguei ao meu destino.

Preciso subir a última parte da montanha para chegar ao topo que me dará a visibilidade do cânion. Como a neblina está espessa, as pessoas estão abandonando o cânion. Então uma constatação me surpreende: estou sozinho no topo do cânion. Quando chego ao cume, não há ninguém além de mim.

Eu estou em contato com uma das maiores demonstrações de beleza da natureza e posso observá-la cautelosamente e sem interrupções, pois estou sozinho, e não serei cobrado um centavo por isso. É como se a natureza estivesse me presenteando por meu esforço.

Como não posso enxergar ao longe, me sento para apenas sentir a beleza que me cerca. Nesse instante, eu reflito sobre a minha vida. Junto a mim estão pequenos passarinhos que procuram por comida. Alguns voam ao redor do cânion. A beleza reside também na capacidade de apreciar as maravilhas que nos cercam.

Agora o calor é abafado, pois acredito que a cerração densa criou como que um efeito estufa. Aproveito para repassar o meu protetor solar e percebo que minhas pernas estão queimadas do sol, pois não havia passado protetor solar para protegê-las. Passo um

pouco agora, mas acho que isso não vai adiantar muito e já imagino como isso vai incomodar no dia seguinte. Neste momento, são quase duas da tarde. Descanso por mais alguns minutos e então inicio o meu caminho de volta.

Em minha primeira caminhada, no ano anterior, já no início da caminhada de volta eu sentia bastante cansaço nas pernas e uma dor intensa no joelho. Neste ano, não sinto a dor no joelho, nem o cansaço, então acredito que o retorno não será tão difícil. Mas sei que, pelos meus cálculos, se levei cinco horas para chegar até o meu destino (descontando a uma hora de descanso), então terei pelo menos as mesmas cinco horas para retornar, e tenho noção de que isso não será assim tão fácil.

O calor do sol é o que mais dificulta a caminhada, pois ataca o corpo e a mente. No princípio da descida, avisto um pequeno riacho que corre. Aproveito para me lavar e refrescar um pouco. A sensação é maravilhosa. Quem faz o caminho de carro ou moto dificilmente terá a oportunidade de se deleitar neste riacho. Depois de alguns minutos, retomo a caminhada. Os tênis, agora molhados, me presentearão com algumas bolhas mais adiante, o que dificultará a minha caminhada.

Eu tenho que confessar que as duas horas de caminhada de volta até a ponte não foram tão fáceis quanto calculei que seriam. Para não perder o embalo, quase que decido por não parar na ponte, mas então me lembro do riacho gelado que corre por baixo dela e decido por uma parada rápida, apenas para molhar os pés.

Quando eu estava indo para o cânion, eu deixei um pedaço de pau embaixo da ponte para pegar na volta, a fim de usar como muleta caso estivesse muito cansado na volta. Decido por não usar a muleta, minhas pernas estão confiantes.

Logo após a ponte, ao finalizar uma subida, existe uma pousada simples com um bar. Por causa do calor, tudo o que quero é tomar uma cerveja gelada. No bar da pousada, peço duas latas de cerveja,

uma eu tomo imediatamente, como se fosse água, e como se fosse apenas um gole.

Um motorista, que também está no bar conversando, me pergunta se estou indo para a cidade e me oferece carona. Recuso dizendo que a minha intenção é justamente finalizar a minha caminhada por completo.

Guardo a outra lata de cerveja e continuo a minha caminhada. Pelos meus cálculos, depois da próxima curva está uma subida muito íngreme que me dará muito trabalho para subir e logo após ela está o local onde tive que desistir no ano anterior. Sinto certo nervosismo quando me lembro daquele lugar.

A subida que eu havia estimado que seria difícil de fato foi. É uma subida longa, não muito íngreme, mas insistente, como se nunca quisesse terminar. A melhor opção é não parar para descansar; mas, por causa disso, e do movimento repetitivo e extenuante, eu sinto muito cansaço nas pernas.

A recompensa que encontro ao final da minha subida é estar diante do ponto onde eu havia desistido um ano antes. Há uma certa emoção em apreciar aquele lugar. Em comparação com a outra vez, me sinto muito bem para continuar caminhando, algo que anteriormente foi impossível. Pelos meus cálculos ainda tenho mais três horas de caminhada.

Após caminhar mais alguns quilômetros e passar uma das pousadas mais elegantes e caras da região, me sento para descansar e tomar minha outra lata de cerveja. Agora meu corpo já começa a dar sinais de cansaço mais preocupantes.

Enquanto degusto minha cerveja gelada, que apesar de não ser de uma boa marca, tem um sabor especial, em virtude do cansaço, um carro reduz a velocidade para pedir informação. Dou-lhe o auxílio requisitado e retorno ao meu movimento. Em virtude da atividade física, percebo que o álcool da segunda cerveja foi assimilado de forma rápida e eficiente, pois o cansaço desaparece

momentaneamente e dá espaço a uma conversa comigo mesmo que beira o ridículo e alucinógeno.

Mas esse é um dos momentos mais divertidos e espontâneos da caminhada. Converso e conto piadas para mim mesmo. Minha imaginação ganha uma liberdade especial que me faz rir da minha própria esquisitice.

Pelas minhas estimativas, agora tenho apenas mais duas horas de caminhada. Mas essas duas horas têm um peso muito mais perceptível, pois agora estou consideravelmente cansado e cada passo parece que martela em minha consciência.

O efeito da cerveja já passou. O que antes eram belas e poéticas paisagens, agora se tornam repetitivas e sem graça. Os carros não passam mais, pois agora já é o final do dia e não tem porque os turistas usarem aquela rua. Meus passos são mais rápidos, apesar de fatigados, pois agora tudo o que eu quero é chegar logo na cidade. Minhas pernas não doem, mas estão acabadas; bem acabadas.

Meu corpo está aquecido, então apesar de perceber que meus pés estão cheio de bolhas, elas ainda não doem (pelo menos isso de bom!). Minha cabeça lateja de dor. Meu humor não está muito agradável, estou um pouco estressado. Só quero chegar.

Repasso meus números e imagino que ainda tenho uma hora de caminhada, no mínimo. Infelizmente, sei que estou certo e meu corpo inteiro me amaldiçoa por ter razão, pois ele sabe que esta uma hora vai lhe custar muito mais do que as nove horas anteriores. Esta será uma hora de caminhada que valerá por todas as horas que já passaram.

Agora, já estou quase no final do percurso. Meu corpo e minha mente estão em frangalhos. As bolhas dos pés estão incomodando. Tenho consciência de que meu corpo está em suas últimas gotas de energia. Estou andando com o poder da minha vontade, que está quase completamente esvaída, e não com a minha real capacidade física. Eu só quero chegar.

É então que avisto a cidade. É uma visão tão simples, mas tão especial. Fico muito feliz. É como preencher a solidão com uma companhia agradável. Não conheço nenhuma das pessoas daquela cidade, mas agora sei que não estou sozinho.

Por dentro eu celebro, pois agora de fato cumpri com minha meta. Superei meu limite. Caminho alguns passos dentro da cidade. Avisto algumas pessoas. E então meu corpo pede falência. Eu não aguento mais caminhar e eu estou completamente sedento, já faz mais de uma hora que não tomo um gole de água. Quando avisto um banco em frente a uma loja, me dirijo até ele e sento.

Até a pousada da Dona Ilda, onde deixei o carro, ainda tenho mais vinte minutos de pernada, que na verdade é mais um rastejar do que um andar. Eu me pergunto por que fui deixar o carro tão longe (como se vinte minutos fizesse tanta diferença assim).

Passo em um mercado e compro um refrigerante. Antes de chegar até a pousada, ainda tenho que vencer uma subida acentuada que castiga minhas pernas, minhas costas e meus pés cheios de bolha, ao limite.

Finalmente, chego à pousada. Finalmente, entro em meu carro. Finalmente, inicio o trajeto de volta para casa. Finalmente, venci o meu desafio. Finalmente, a vitória.

Agora são sete horas e trinta minutos da noite. Ao total foram onze horas e trinta minutos de trajeto, do centro da cidade até o cânion Fortaleza, e do cânion de volta ao centro de Cambará, dos quais dez horas foram de caminhada. Calculo que para chegar a minha casa e finalizar o dia, terei mais duas horas dirigindo. Segundo minha análise cronológica, às nove e meia devo estar em casa tomando um banho e comendo algo.

Meus cálculos não se concluíram, pois peguei o caminho errado de retorno e dirigi por mais de uma hora na rua errada. Acabo chegando em casa às 11h10min da noite. Estou tão cansado que mal posso me mover. Após o banho, tenho a leve impressão de

que meu corpo vai entrar em colapso. Eu não estou sendo metafórico, eu realmente acredito que meu corpo vai começar a tremer, pois estou exausto como nunca estive antes.

Estou tão cansado que não consigo comer nada. Pego uma garrafa de água e uma de iogurte na geladeira e vou para a cama. Dói tudo e tenho medo de como vou me sentir no dia seguinte. Não consigo nem raciocinar e me dar conta de que realizei meu sonho.

Apenas no decorrer da semana vou me dar conta da minha grande conquista pessoal e assimilar tudo o que aconteceu. Venci um grande desafio; venci a mim mesmo. Fui muito além do que imaginei possível. Sei que sou capaz de coisas além das quais eu mesmo posso imaginar.

Foi bom sair da rotina, mas infelizmente eu não ouvi a voz de Deus. Ou talvez tudo o que eu vivi tenha sido a voz de Deus? Quem sabe a voz de Deus não seja mensurável por palavras como as que a gente usa para se comunicar?

Quem sabe a linguagem de Deus é justamente a brisa de um dia que amanhece nas montanhas, a dor de um joelho castigado pelo esforço físico, ou a sede pedindo por água? É bem plausível supor que não seja Deus quem tenha que falar com a gente, pois já se comunica de algum modo que não conseguimos assimilar, mas nós é que precisamos mudar a forma que queremos ouvir e compreender.

Talvez tudo o que eu vivi, no fim das contas, seja a voz de Deus, ou da intuição, ou da Vida.

E você, quando foi a última vez que fez algo diferente do convencional? Você já conhece Cambará do Sul? Você já tentou, de verdade, conversar com Deus, de um jeito só seu?

# CAPÍTULO IX – A MEDITAÇÃO DE EMANUEL

Poucos negariam que vivemos em uma sociedade agitada, estressada, consumista e em busca desesperada por prazer, aprovação e felicidade. Entretanto, esse é um problema recorrente e não resolvido.

A solução que nos é frequentemente oferecida é cara e insatisfatória. Então o que nos resta é encontrar por nós mesmos uma forma de relaxar e que não nos custe mais do que pouco tempo.

A prática da meditação sem rituais e sem toleimas é uma das melhores formas de acalmar a mente e relaxar, além de desenvolver uma respiração mais saudável e uma consciência mais expandida do valor da existência.

Meditar não significa apenas sentar em posição de lótus fazendo sons de “om” com a boca. A verdadeira meditação é a ação de ir ao jardim de casa e pisar na grama com pés descalços e sentir o prazer de estar em contato com a natureza.

A prática meditativa também significa chegar ao escritório do trabalho ou na sala de aula da escola e tirar um breve minuto para apreciar e agradecer pela oportunidade de viver esse desafio que se chama vida.

Sair para tomar um café com o melhor amigo também é uma prática meditativa tão eficiente quanto sentar com os monges budistas no Tibete. O que vale de verdade é a intenção e a consciência de compreender que estamos vivendo um milagre onde quer que estejamos; de compreender de que nós somos o próprio milagre.

A Meditação de Emanuel é uma prática meditativa muito simples, que pode ser realizada de algumas maneiras acessíveis para

qualquer um que deseja ter momentos de reflexão, sem nenhum tipo de prerrogativa religiosa ou ritualística.

Essa meditação se chama Emanuel, pois foi com esse meu melhor amigo que eu aprendi a realizá-la. A formação acadêmica do Manu é Educação Física com especialização em ajudar atletas a chegar ao seu máximo potencial por meio da alimentação apropriada e treinos intensos. Graças ao Manu eu desenvolvi o apreço por corridas e meditação.

A meditação que agora vamos conhecer é dividida em três opções de realização: sentar e refletir; praticar algum esporte que permita a reflexão; e conversar com um melhor amigo para reflexionar. Começamos pela dica sobre sentar e refletir.

Em 2014, quando eu estava tentando desenvolver uma prática de meditação menos esquisita e ritualista, e mais focada na essência da meditação, que deveria ser simplesmente tirar um tempo para estar consigo mesmo e pensar, eu concluí que o incenso era um elemento importante a se manter nessa prática.

A intenção dessa meditação é eliminar tudo o que é dispensável e que não faz sentido no processo de meditação, e para isso, o máximo de que se faz uso da meditação convencional é o incenso. Isso porque ele serve de marcador temporal para nos indicar que o que estamos fazendo é diferente de todo o resto que fazemos em nossa rotina agitada.

De certa forma, o incenso serve para avisar ao nosso cérebro de que chegou o momento de relaxar e de deixar os problemas um pouco de lado. Só que os incensos que eu estava usando para a minha meditação me causavam dificuldade para respirar, e eram mais incômodos do que agradáveis. Foi aí que o Manu entrou na história para me ajudar.

Segundo o meu amigo, as suas alunas da academia gostavam muito do aroma de um incenso específico, que se chama Alfazema. Além disso, ele me sugeriu que usasse o mesmo incenso que a sua mãe costuma usar para meditar, um tipo de incenso feito de

Massala, que é um incenso com aroma mais perfumado, ao passo que é mais suave em sua composição, não agredindo assim a respiração.

Portanto, quando for comprar o seu incenso para a sua meditação, procure pelo incenso de aroma alfazema e composição de Massala. Esse é o incenso característico da meditação do Emanuel.

Outro elemento da meditação do Emanuel tem a ver com a forma do Manu treinar, que é focado em práticas simples, mas eficazes, como fazer treinos corretos, com foco e respeito pelos movimentos apropriados, respiração controlada, e também cuidado com a alimentação para alcançar os melhores e mais saudáveis resultados.

Portanto, a meditação de Emanuel deve seguir os mesmos princípios: simplicidade e nada de *bullshit* (baboseira). A única recomendação dessa meditação é sentar em uma posição confortável e tirar alguns minutos para refletir.

Uma das maiores *bullshit* que a gente ouve quando se fala em meditação, e que mais assusta as pessoas, é o fato de que nessa prática deveríamos tentar pensar em nada. Isso é tão absurdo quanto tentar parar os batimentos cardíacos pela força mental com o objetivo de reduzir o estresse.

A recomendação da prática do Manu é que tiremos um momento para estarmos conosco mesmos justamente para pensar com mais tranquilidade e atenção. Nada de tentar parar de pensar. Pelo contrário, devemos deixar os pensamentos livres para flutuar e viajar por onde quiserem e até mesmo usar esse tempo para pensar em soluções criativas para os nossos problemas pessoais ou profissionais.

Assim como nos treinos de musculação e corrida, em que precisamos prestar atenção à respiração, da mesma forma em nossa meditação, devemos exercitar a arte de respirar com mais calma e encher os pulmões com mais ar do que fazemos no dia a dia.

E pronto, é só isso. Essa é a primeira meditação de Emanuel. Ela é simples. Na verdade, é assim que a verdadeira meditação deveria ser. Como a meditação é um momento de interiorização pessoal e autodescoberta, faz mais sentido que ela seja o mais simples possível, com plenitude de espaço para que o praticante crie seus próprios “rituais” e estilos de meditação.

A segunda técnica de meditação tem a ver com o fato de o Manu ser um profissional do esporte. Mas ela mantém a característica de ser muito simples e acessível para qualquer um. A segunda prática é a corrida ou caminhada meditativa e ela também não tem qualquer ritual, nem qualquer tipo de *bullshit* (besteira).

Ao contrário do que muita gente pensa, o nosso corpo está muito mais equipado para o movimento do que para o pensamento. Praticamente 70% do nosso cérebro é projetado para ser capaz de coordenar movimentos complexos e precisos, enquanto os outros em torno de 30% dele são dedicados para pensamentos abstratos (Amthor, 2017; Tieppo, 2019). Portanto, a meditação esportiva tira vantagem dessa engenharia biológica.

A recomendação para essa meditação é colocar tênis confortáveis e apropriados para a corrida ou caminhada, bem como roupas com as mesmas características e você está pronto para meditar enquanto corre ou caminha. É só isso.

O que diferencia essa meditação de outras formas de práticas esportivas é o fato de que a recomendação neste caso é a de que a caminhada ou corrida não seja intensa, mas sim leve e agradável, mais para relaxar o corpo do que para tensioná-lo, dando prioridade para a atenção à respiração controlada e aos pensamentos criativos.

Esse tipo de meditação atlética é ideal para pessoas com trabalhos estressantes em que a busca por resolução de “pepinos” e a necessidade de ideias criativas é constante, pois não há nada melhor para uma mente produtiva do que um corpo saudável e ativo.

Aliás, esse é o slogan da marca de tênis esportivos ASICS, *anima sana in corpore sano*, que traduzido significa “uma alma sã em um corpo são”. Essa sempre foi, por sinal, a marca de tênis favorito do Manu para a prática esportiva.

Já que o objetivo da meditação por meio da corrida ou caminhada é refrescar os pensamentos por meio da saúde corporal, ela pode tanto ser realizada individualmente, para dar mais profundidade aos pensamentos, como na companhia de um amigo, para que ambos possam aprofundar a amizade. Não é recomendado mais do que duas pessoas, pois o objetivo dessa prática meditativa é o enriquecimento dos pensamentos, enquanto que a companhia de mais pessoas tende a levar a comunicação para um nível mais superficial.

E a terceira, e última, meditação de Emanuel também tem a ver com a companhia de um melhor amigo. E assim como nas outras duas proposições, aqui o objetivo também é manter a simplicidade e o foco na essência do que realmente importa. E o que pode ser mais essencial e importante na vida do que poder desfrutar da companhia das pessoas que amamos?

Por isso, na meditação amigável o foco é despertar a nossa consciência para o fato de que estamos diante de uma pessoa muito especial para nós durante um bate-papo em um café ou almoço com o nosso melhor amigo.

Você não precisa agir de maneira estranha ou excêntrica ao fazer essa meditação, nem precisa dizer para o seu amigo que está praticando uma meditação. Essa meditação se diferencia do Grupo Pensante, de que falamos antes, pois ela é mais voltada para o despertar da consciência de que compartilhamos de um momento especial com alguém que amamos.

A única coisa que você faz nessa meditação é tomar consciência do momento especial e da pessoa valiosa que está diante de você. Só isso. Meditação de verdade é isso: consciência dos momentos importantes do cotidiano e qualidade dos pensamentos.

O seu melhor amigo pode ser o seu cônjuge ou o seu filho. A definição de melhor amigo a ser usada nessa meditação é a daquela pessoa com quem mais nos sentimos à vontade para sermos nós mesmos e para falarmos de qualquer coisa.

Enfim, essa é a Meditação de Emanuel em suas três diferentes maneiras de ser praticada. Lembrando que uma não exclui a outra, e nós podemos até fazer uso das três práticas ao longo de nossas semanas.

Em cada uma dessas três sugestões de meditação, tudo deve ser muito natural. Você não precisa meditar todos os dias, nem se sentir culpado se não conseguir meditar nenhuma vez na semana. Tudo deve acontecer de maneira oportuna.

Como eu disse desde o princípio, essa não é uma prática meditativa ritualística, ou espiritual, nem mesmo mística. Portanto, não espere nada dela em termos de ganhos de poder ou de resultados surpreendentes.

Tudo o que eu posso prometer desses exercícios meditativos é que você passará a priorizar a você mesmo, dentro de sua rotina de vida, em alguns momentos, e também os seus melhores amigos, em que a maneira utilizada para fazer isso é o exercício do pensar com intenção consciente e tranquilidade.

E sabe por que eu não faço promessas absurdas? Porque eu sei que nós já desfrutamos de muitas benesses, mas muitas vezes só não tiramos um tempinho para apreciá-las ou celebrá-las.

Então, quando você vai colocar em prática uma das sugestões do Emanuel?

# CAPÍTULO X – QUEM JÁ QUIS MORRER SABE QUE ESCOLHEU VIVER

*“Tente perceber e sentir, no lugar de pensar. O sentido profundo da vida encontra-se além do pensamento.”*

– Enrique Barrios (Ami, o amigo das estrelas, 2007, p. 41).

Quem já ponderou sobre a possibilidade de tirar a própria vida sabe que decidiu conscientemente pela vida. Aquele que já pensou que existe a liberdade de interromper a vida, mas que decidiu continuar vivendo, pode dizer que optou por viver.

Todos nascem sem terem feito a opção por estar aqui. Muitos nunca pensarão sobre isso e jamais poderão dizer que fizeram a escolha por nascer. Alguns poucos iluminados compreendem o valor e poder da vida sem nunca terem precisado se defrontar com a incerteza de viver.

Este não é um capítulo sobre o desejo de morrer. Este é um capítulo sobre o desejo de viver. Todavia, este é um capítulo com coragem suficiente para encarar a vida pelos olhos daquelas pessoas que algum dia duvidaram da beleza de estar vivo.

Portanto, este é um momento de celebração da vida, de coragem, e de empatia, porque a intuição é um ato de ousadia e de amor para consigo mesmo a para com os outros. Acima de tudo, este é um instante de intrepidez para encarar a existência em sua face de dor.

Por que algumas pessoas tiram a própria vida? O quão oprimido alguém precisa se sentir para chegar ao ponto de atentar contra a própria existência? Viver às vezes pode ser pesado demais e é natural que algumas pessoas desejem morrer. E justamente essas são algumas das pessoas que são capazes de compreender a existência em sua plenitude e complexidade.

Não falo apenas de pensar em não viver mais. Um pensamento que cruza a nossa mente é descompromissado. Eu falo daqueles que já sentiram angústia atormentadora pelo fato de existirem e não sentiram mais forças para continuar e, por causa disso, tiveram o desejo de partir “daqui”.

Ao falar sobre isso, corre-se o risco de ser meramente superficial em um tema que é profundo. Só quem já sentiu na pele essa dor compreende o que esses pensamentos querem dizer. A gente está muito acostumado com a lógica das palavras e quase esquece que grande parte da comunicação se dá pelas emoções. São as emoções que dão o verdadeiro teor interpretativo de qualquer raciocínio lógico. As palavras são a receita do bolo; as emoções são o próprio bolo, com o seu sabor, a sua textura, a sua cobertura, e o seu cheiro.

Pessoas que chegaram neste ponto, de quase quebrar, mas que, por algum milagre, continuaram a acordar todos os dias conseguem se dar conta de que a vida é muito mais do que aparenta ser. Quem nunca teve vontade de morrer corre o risco de viver na ilusão de que está no controle de tudo o que acontece. Aquele que não chega ao ponto de quase desistir, pode viver na inconsciência de que tudo pode se desfazer a qualquer momento.

A constatação a que se depara quem descobre que não tem mais forças para viver é a de que a gente não está no controle da vida. A gente se dá conta disso porque a vida é complexa demais e qualquer forma de vida é logicamente improvável e, portanto, não deveria ter acontecido. Entretanto, por algum motivo miraculoso, aconteceu.

Quem deseja morrer é apenas uma vítima da percepção de que o existir é complexo demais para fazer sentido. A diferença é que os aparentemente vulneráveis, os que desejam morrer, são os que finalmente chegam próximos o suficiente desse limiar da possibilidade de haver vida e, de repente, se sentem incapazes de continuar.

Algo muda no dia a dia de quem repentinamente decide extinguir o sopro vital. Pode ser um infortúnio financeiro; pode ser a perda de alguém muito importante; pode ser a dificuldade profissional; podem ser os hormônios desregulados no corpo; pode ser uma doença terminal; pode ser qualquer coisa. De um momento para o outro a gente pode se dar conta de que simplesmente não dá mais.

E é quando esse instante “de sentir que não dá mais” chega que a gente percebe que *a falta de autoridade sobre o nosso viver* é que sempre foi a verdade. O tempo inteiro não era a gente no controle da Vida; era Ela quem controlava tudo o tempo inteiro.

A gente é apenas a manifestação da grandeza da existência. Não foi a gente que decidiu nascer. A gente foi “jogado” aqui. Praticamente nenhum segundo da nossa vida aconteceu porque a gente quis; quase tudo é obra da manifestação existencial que acontece por mecanismos de produção de vida frequentemente despercebidos por nós.

Essa cegueira acaba para aqueles que finalmente sentem o peso incomensurável do existir e que, por algum tempo, desejam simplesmente não estar mais aqui. Quando a gente desfalece e cai de joelhos e aos prantos, pedindo desesperadamente por algum tipo de ajuda do além, a gente descobre que é um pedacinho de milagre improvável, que por algum motivo deu certo.

Se pararmos para pensar na complexidade de variáveis que permitem a vida acontecer aqui na Terra, a gente tem que ficar embasbacado. Desde o ar que respiramos; o desenvolvimento e manutenção involuntários no nosso corpo; os ferimentos da pele que

cicatrizam por si sós; as memórias dolorosas que amenizam com o tempo; os embriões que são produzidos pelos corpos. Tudo, provavelmente absolutamente tudo, acontece sem que a gente tenha qualquer gerência sobre isso. É a Vida que acontece. A gente só consegue contemplar essa maravilha.

Mas nem todo mundo contempla, pois muitos nem se dão conta de que não estão no controle de nada. Muitos vivem na ilusão de que estão no controle e de que são invulneráveis. Mas os que já chegaram ao limiar das suas forças descobriram o tamanho do poder que move o mundo e de que confiar nossa vida nas mãos da Grande Vida é um ato de sabedoria.

Pense no seguinte exercício mental. Dizem os cientistas que há 13,8 bilhões de anos o *Big Bang* (a grande explosão) deu origem ao Universo. E que há 4,5 bilhões de anos a Terra foi formada. E que, por fim, humanos similares ao que conhecemos hoje teriam surgido na África em torno de 300 mil anos atrás. Esses números não são necessariamente exatos; servem apenas para fins didáticos. Então a gente pode dizer que nós humanos fazemos parte de aproximadamente 0,0023% da história do Universo.

Durante 99,9977% do tempo, a consciência humana não fez parte da história do “todo”. A gente não teve participação alguma na criação de nada. E, de repente, como que por milagre, a gente passou a existir. E mais incrível ainda, em algum momento muito recente, você e eu passamos a fazer parte desse milagre. Não faz sequer sentido calcular o percentual de tempo que isso representa, pois é um número insignificamente pequeno, e como eu já disse antes, palavras (e números) não traduzem o que só a emoção pode compreender.

Por que haveríamos de pensar que agora estamos no controle de alguma coisa? A gente não chegou até aqui porque a gente quis. O mais provável é que, ou a Vida quis que tudo isso se manifestasse, ou a consequência natural da lógica da engrenagem da existência nos trouxe até aqui.

É apenas natural e compreensível que, em algum momento, algumas pessoas sintam o peso e a impossibilidade de viver e pensem por um instante na plausibilidade de morrer. Afinal de contas, são muitas variáveis trabalhando para que o caos e as tragédias aconteçam.

Seria mais lógico que tudo fosse destruição e acidentes. Não faz sentido que as coisas possam acontecer de forma ordenada. O mais concebível seria viver em meio a guerras, mortes, mentiras, sofrimentos, destruição e violência. No entanto, o improvável se manifesta com muito mais frequência do que se poderia imaginar.

Portanto, faz parte da lógica da Vida que a gente sinta vontade de morrer em algum momento. E por mais ilógico e paradoxal que isto possa parecer, quem continua a viver, mesmo depois de ter desejado morrer, é como se tivesse tomado uma decisão consciente e agido de forma voluntária para continuar a viver.

Esses passam a existir confiando na sabedoria da Vida e entregando-se com fé e humildade, com a sapiência adquirida de que nós não estamos no comando, e de que apenas somos capazes de contemplar a maravilha e o milagre que é estarmos vivos, apesar das dores quase insuportáveis que porventura sentimos.

Quem já sentiu a vida em toda a sua brutalidade, e teve vontade de sair dela, passa a ser capaz de se colocar no lugar de outras pessoas que também viveram (e vivem) a mesma sensação. Ouvir alguém dizer que tem depressão ou ansiedade, ou que passou por algo traumático na vida, sem ter passado pelas mesmas experiências, é apenas uma perspectiva. Outra coisa completamente diferente é ter sentido na própria pele a dor angustiante da existência e ouvir outras pessoas relatarem suas tormentas.

Assim como nós sofremos, outros também sofrem. Além disso, existem dores no mundo muito mais intensas do que as nossas. Existem histórias de sofrimentos indescritíveis em palavras. Muitas pessoas apenas silenciam sobre seus sofrimentos, mas isso não quer dizer que a dor delas não exista. Muitos escondem suas

realidades de tristeza por trás de um sorriso, ou por trás de gestos de amor e bondade.

Uma pessoa que também já sofreu muito é capaz de ouvir os outros com empatia completa. Ter sofrido aumenta a capacidade de compreender não somente a história de outros seres humanos, mas também aumenta a capacidade de imaginar que animais também têm sentimentos, afinal de contas, o sopro de vida está em tudo, até nas plantas e nas pedras.

E, ainda mais, a vida como um todo é provavelmente cheia de emoções complexas que se comunicam conosco; não pelo canal limitado das palavras, mas pelo meio infinito de possibilidades das emoções, das sensações corporais, dos perfumes, etc. Alguém sensibilizado pela dor é capaz de perceber mensagens de profunda sutileza.

Portanto, todos nós que já caímos profundamente no poço na tristeza temos o poder especial de ouvir com empatia e acolhimento a fim de ajudar outros que também precisam. As palavras de conforto de quem já chorou não são vazias quando confortam alguém que chora.

O fato de já termos errado, ao ponto de achar que não seria possível corrigir a rota, nos torna mais cautelosos na hora de julgar e condenar outros que também se desviam e pisam fora do caminho. Ninguém é perfeito e todo mundo erra. Todo mundo em algum momento já errou feio. Alguns apenas são bons em escamotear suas falhas.

Quando a gente chega nesse ponto de quase quebrar; quando a única saída parece ser acabar com a própria vida, nós na verdade chegamos a um momento da vida em que de fato percebemos que precisamos mudar. É uma situação em que, por mais confuso que estejamos, percebemos que se faz imperativo adaptar-se a uma nova situação de vida que provavelmente nos fez chegar onde se está.

Momentos de grande dor são oportunidades de mudar de vida para melhor; são eventos cruciais de aprendizados profundos sobre o que a Vida é. Nesses instantes de profunda angústia, somos desafiados a repensar a nossa própria presença no mundo e o papel que desempenhamos enquanto humanos. Talvez sejam necessários alguns anos para conseguirmos sair da zona de perturbação, mas o autodesenvolvimento será inenarrável.

Essas não são palavras de autoajuda ou de motivação; desculpe-me se passei essa impressão. Se esse fosse um livro inspiracional, eu diria que no fim tudo acabaria bem e que o processo de crescimento e amadurecimento é lindo. Não que as coisas não possam ser muito positivas; também não é isso o que eu estou querendo dizer. Tudo o que compartilho com você nestas páginas são apenas uma visão da vida; apenas um panorama.

Eu não estou fazendo julgamento de valores sobre as vicissitudes (circunstâncias) que se passam na existência. Não há uma interpretação de bom e de ruim; de bem ou de mal. Tudo o que eu transpiro nessas páginas em palavras são apenas intuições e pensamentos. Não há julgamento e não há instrução. Ninguém está tentando passar qualquer lição de moral, nem recomendações do tipo: faça isso, ou faça aquilo.

Quando chegamos nestes momentos em que a existência dá a impressão de ser insuportável, é bem provável que cometamos erros absurdos; é muito possível que tenhamos comportamentos que de forma alguma teríamos em circunstâncias normais. Nessa fase de caos existencial, nós nos tornamos, por um instante de tempo, de alguns meses ou anos, uma pessoa diferente da nossa verdadeira essência.

Não é totalmente culpa nossa o fato de isso acontecer. A Vida está nos empurrando para esse penhasco e nos mostrando a opção de pular e terminar com o sofrimento. Esse é um momento existencial que testa todas as nossas convicções e a força dos laços de amor com os nossos relacionamentos profissionais e pessoais.

Quando estamos cruzando essa etapa dramática da vida, em que pensamos os piores absurdos, acrescido a isso, estamos ao mesmo tempo cometendo erro atrás de erro. Isso acontece, pois estamos confusos e perdidos, sem saber o que fazer e para onde ir.

Não é só a gente que sofre com tudo isso; as pessoas ao nosso redor percebem, nem que minimamente, que as coisas não estão bem. Outras, ainda, são impactadas diretamente pelo nosso comportamento errático.

É no vale das sombras de nossa jornada existencial que descobrimos o nível de intensidade e profundidade de nossos relacionamentos. Nesse obscuro capítulo de nossa história, descobrimos quem são nossos verdadeiros amigos e amores. É nesses tempos difíceis que descobrimos que o mundo está repleto de pessoas cheias de amor. Não me refiro apenas a relacionamentos amorosos. Refiro-me a pessoas que amam. Pessoas que perdoam. Pessoas que ajudam sem esperar nada em troca.

Essas pessoas de fato existem e elas estão espalhadas por aí. Algumas estão muito próximas de nós; outras um pouco mais na periferia. E aquelas que nos abandonam, ou nos ignoram, nesses nossos momentos de incerteza, não são culpadas de nada.

Ninguém tem a obrigação de nos amar quando estamos na lama. Até porque nos tornamos insuportáveis para os outros quando não suportamos nosso próprio viver. Podemos nos tornar seres odiáveis, capazes de fazer coisas detestáveis, quando estamos sofrendo. É possível que cometamos atitudes horrendas enquanto estamos perdidos dentro de nós mesmos.

Todo mundo tem o direito de não nos amar em qualquer momento de nossa jornada. Mas aqueles que nos amam, apesar de tudo, são seres verdadeiramente incríveis. Talvez alguns deles nos compreendam por já terem eles mesmos passado pelo que estamos vivendo. Quem sabe um dia teremos a chance de ser esse alguém que estende uma mão de amor para quem precisa.

Tudo isso e muito mais a gente só descobre e aprende sobre a Vida quando saímos sem querer no nosso eixo de equilíbrio existencial. Quem dera todos nós tivéssemos forças para atravessar sem pular dessa ponte de agonia que surpreende alguns caminhantes nessa nossa jornada terrestre, a fim de que pudéssemos simplesmente aproveitar o enriquecimento de compreensão vivencial que só vem com a dor e com os erros.

Para quem a existência é frequentemente um oceano de sorte e alegrias, a compreensão do que a Vida de fato significa pode estar um pouco limitada. Para aqueles que são obrigados a provar do fel amargo das intempéries do azar, o viver pode ganhar interpretações mais profundas e significativas. Alguns iluminados conseguem valorizar a vida por sua sapiência e amor, sem precisar sentir o frio na espinha da dúvida existencial. Aqui não cabe desejar isso ou aquilo, a sabedoria existencial simplesmente irá proporcionar uma história de vida única para cada um de nós.

Nós não estamos tão no controle de nossas vidas quanto pensávamos. A gente não pediu para nascer e a gente não sabe quando vai morrer. E, nesse meio de tempo em que transcorre isso que chamamos de “minha vida”, também não temos certeza do que vai se passar a cada minuto. Só porque nossa mente cria a ilusão da rotina, isso não quer dizer que nós temos domínio sobre o que está acontecendo. Tudo pode mudar de um segundo para o outro.

Até quem decide ter filhos se engana se pensa que essa é uma decisão sua. É somente a Vida quem gera a vida. Tudo bem que Ela atue por meio de nós, mas é Ela quem faz tudo. A Vida produz o desejo carnal em nós; A Vida produz o esperma; A Vida produz o embrião; A Vida produz cada membro e órgão do bebê; A Vida determina o tempo de gestação; A Vida está no controle de tudo.

A nós nos resta ajoelhar e orar para que a existência faça de nós o melhor que pudermos ser; para que tenhamos a capacidade de apreciar as maravilhas que Ela nos proporciona; e para termos

forças para enfrentar sem nunca desistir aos desafios que Ela engendra para nós. Ficar de joelhos em adoração genuína é um ato de reconhecimento do poder da Vida sobre as nossas histórias individuais e sobre toda e qualquer forma de existência.

Lembremo-nos de Nietzsche e do que ele disse na obra “Crepúsculo dos Ídolos” (2012): “Da escola de guerra da vida: – o que não me mata me torna mais forte” (Ditos e Setas, nº8). Ou seja, a Vida é uma guerra; ela é desafiadora e atormentadora, às vezes. E interprete com cuidado as palavras de Nietzsche, pois elas convergem para o que estivemos pensando até aqui. Não sou eu mesmo quem me torno mais forte por meio de minhas ações e decisões; é a Vida quem me faz mais forte por meio de sua tentativa de me matar.

Nosso bate papo neste capítulo teve muitas incongruências lógicas, que acontecem quando tentamos capturar em palavras o milagre do viver, especialmente quando não conseguimos acrescentar ao texto o tempero das emoções. Este não é um texto para ser compreendido, mas para ser sentido. A intuição não é uma coisa que se assimila pela razão, mas que se manifesta pela emoção.

As dores e os erros ensinam a filosofar com mais Amor e menos razão. Uma forma de escolher viver é perdoar a si mesmo pelos erros cometidos; a outra forma é amar a Vida em toda a sua manifestação.

Esta é a minha intuição: ninguém pediu para nascer, mas alguns decidem viver.

# CAPÍTULO XI – SÓ VIVE QUEM DORME

“A vida é para ser desfrutada de maneira saudável [...]”  
– Enrique Barrios (Ami, o menino das estrelas, 2007, pg.41).

Vivemos em uma sociedade cada vez mais acelerada, atarefada e estressada (Huffington, 2016). Os profissionais nas empresas trabalham horas absurdas, com médias em torno de 12 horas por dia. Eu uso essa média, pois considero como horas de trabalho, por exemplo, o caso de alguém que acorda às 06h00min para ir trabalhar e só retorna para casa às 18h00min. Ou seja, durante 12 horas esse profissional esteve disponível para o trabalho.

Só que, se formos seguir essa lógica, então certamente muitos de nós trabalham ainda mais do que isso. Raramente encontraremos alguém que esteja abaixo dessa média, e isso é assustador. Sem falar no fato de que os trabalhadores são constantemente perturbados no *WhatsApp* por chefes e colegas de trabalho.

Eu não digo isso por ser contra o trabalho. Muito longe disso, eu sou um grande defensor e amante da atividade profissional e, justamente por isso, eu sou um de seus mais ferrenhos críticos. Por isso, a crítica é simples: nós estamos passando de todos os limites na forma como trabalhamos e vivemos.

E quem está pagando o preço por isso são: (1) a nossa saúde mental e física; (2) paradoxalmente, os nossos tão almejados resultados profissionais, que mesmo quando são alcançados, não são celebrados; (3) muito pior do que isso, os nossos relacionamentos afetivos com cônjuges, amigos e filhos (especialmente com os filhos); (4) e também os nossos processos de criação, inovação e

intuição, que justamente precisam de tempo e qualidade de pensamento para florescerem.

A pergunta que eu sempre me faço é: por que não trabalhamos apenas 6 horas por dia? Afinal de contas, nós já conquistamos tudo o que tínhamos para conseguir: temos a internet, os computadores, carros, casas, alimentos, roupas, entretenimento, bancos, hospitais, ou seja, tudo. Agora podíamos tirar o pé do acelerador. Mas não é isso o que fazemos. Então a próxima pergunta que eu sempre me faço é: ok, mas o que eu posso fazer para mudar isso?

A boa notícia é que existe uma resposta simples para começar a mudar esse cenário de irracionalidade coletiva que se instaurou em nossa sociedade e que pode reverter muitos dos problemas citados anteriormente. Eu estou falando da ação de dormir corretamente. Neste capítulo, nós iremos discorrer por quatro práticas do sono que podem ajudar qualquer pessoa a viver melhor, com mais tranquilidade, produtividade e felicidade. As quatro temáticas que serão abordadas são: (1) dormir 8 horas por dia; (2) ter uma rotina do sono; (3) praticar a higiene do sono; (4) e tirar uma soneca poderosa.

## I. DORMIR 8 HORAS POR DIA

Neste estudo sobre o sono, eu serei menos intuitivo e mais científico do que nos outros capítulos, pois não falarei por meio da inspiração, mas sim com base em referências empíricas, dada a responsabilidade que se precisa ter com o tema do sono, uma vez que ele lida com a saúde das pessoas.

Por isso, é importante dizer que nada do que eu disser aqui substitui uma avaliação médica profissional e presencial. A minha formação na linha de estudos sobre o sono é uma pós-graduação em neurociências em que meu trabalho de conclusão foi focado no

sono. Também dedico muito tempo em pesquisas pessoais sobre o tema. Além disso, tudo o que apresentarei neste capítulo de quatro partes estará embasado no trabalho de outros pesquisadores da área, os quais sempre referenciarei em nossa conversa.

E a primeira dessas sugestões para melhorar nossa qualidade de vida é a constatação científica de que nós seres humanos precisamos de em torno de 8 horas de sonos diárias. Algumas pessoas precisam de um pouco mais e outras de um pouco menos, mas a média gira em torno de 8 horas. Raras, muito raras, são as pessoas que precisam de muito menos ou muito mais do que 8 horas de sono (Mello, 2008; Walker, 2018; Culpin, 2020).

Ou seja, o mínimo aceitável de sono por dia, são sete horas. Dormir menos do que isso é cientificamente considerado insuficiente para o ser humano. E nosso corpo precisa dessa quantidade mínima de horas de sono todos os dias, sem exceção. Respeitar essa quantidade durante a semana de trabalho, quando precisamos de nossa melhor disposição, é ainda mais imperativo.

Algumas pessoas argumentam que precisam de apenas seis horas de sono e que se sentem bem assim. E elas não estão mentindo. De fato, nosso corpo é extremamente adaptável e vai se habituar a dormir menos do que o necessário, sem que a pessoa sinta os efeitos daninhos de tal comportamento.

A verdade, no entanto, é que, mesmo sentindo-se aparentemente bem, essa pessoa está prejudicando a si mesmo em algumas áreas de sua vida. Se fizesse o teste de dormir a média recomendada por uma semana ou duas, ela já começaria a perceber a diferença significativa que dormir corretamente representa em nossa disposição física, emocional e intelectual.

Existem muitos livros interessantes sobre o tema do sono e aqui eu indico duas obras excelentes. A primeira delas se chama “Por que nós dormimos”, do pesquisador britânico Matthew Walker, publicada em 2018. Mas esse livro tem um problema, ele é

enfático demais em suas observações e isso pode fazer com que passemos de um extremo, de dormir mal, para o outro extremo, de ficar paranoico com a preocupação em dormir corretamente. Por isso, quando se trata de dormir, precisamos fazer o possível para corrigir nossos erros, mas sem exageros, procurando respeitar nossas realidades e possibilidades.

E para provar que minha preocupação ao tratar do assunto do sono também é voltada para a intenção de melhorar os resultados dos profissionais nas empresas, como segunda sugestão, eu recomendo o trabalho da autora Vicki Culpin, intitulado “O negócio do sono” (Culpin, 2020). Nele o assunto é o poder que o sono exerce em nossos resultados profissionais.

Ou seja, dormir é um assunto muito sério e implica na qualidade da nossa saúde física e mental, e também no tão almejado desempenho profissional. Pessoas que dormem menos do que sua constituição biológica exige produzem menos e pior. Nossos corpos foram projetados para dormir em média de 8 horas e, portanto, precisamos respeitar a nós mesmos e nos dar o direito de descansar o suficiente. Ao fazer isso estaremos vivendo de maneira mais feliz e produtiva.

Eu já ouvi pessoas dizerem que deixarão para dormir no dia em que morrerem. O que elas não se dão conta é que, ao pensarem assim, estarão infelizmente antecipando o momento de suas mortes, pois não só aumentam as chances de desenvolver doenças, ou de se envolverem em acidentes, por causa da falta de sono, bem como vivem como se fossem zumbis, pois a falta de sono faz com que não estejamos 100% acordados e alertas enquanto estamos desper-tos. Para mais informações sobre isso, você pode assistir ao vídeo do doutor Matthew Walker, no *YouTube*, intitulado “*Sleep is your superpower*” (do inglês: o sono é o seu superpoder).

Sem falar daquele que é o tema central deste livro, a intuição. Pessoas que dormem com tempo suficiente e qualidade são justamente aquelas que potencializam suas sensibilidades intuitivas. E

não é só isso, a intuição é um elemento essencial para os processos de criatividade que estão associadas a inovações e descobertas. Muitas das ideias que eu tenho para os livros que eu escrevo surgem de belos sonhos e de boas noites de sono bem dormidas.

Quem dorme bem tem boas intuições.

## 2. ROTINA DO SONO

Mas não basta apenas dormir em média 8 horas todas as noites. Os cientistas concordam que é importante também manter uma rotina do sono em que se vai dormir todas as noites no mesmo horário e em que se acorda todas as manhãs no mesmo momento de levantar. Inclusive nos finais de semana (Walker, 2018).

Portanto, um exemplo para ilustrar isso é o de alguém que vai dormir às 22h00min horas todas as noites procurar acordar em torno das 06h00min da manhã. Tem gente que gosta de ir dormir mais tarde, tipo à meia noite, então, nesse caso, o ideal seria acordar em torno das 08h00min da manhã.

Enfim, essa é a lógica aproximada do que os pesquisadores propõem, mas cada pessoa deve avaliar por si mesma o que melhor condiz com o seu biótipo. Para descobrir a nossa quantidade ideal de sono e qual o nosso melhor horário para dormir e acordar, o autor Matthew Walker (2018) sugere que façamos, por alguns dias, o experimento de ir deitar quando sentirmos que nosso corpo começa a dar sinais de cansaço e de deixar nosso corpo acordar no outro dia naturalmente, sem despertador.

Ao fazer isso, por alguns dias, teremos uma noção aproximada de quantas horas são ideias para o nosso sono reparador e de quais são os períodos de sono que melhor se encaixam com o nosso perfil corporal, pois os estudos mostram que algumas pessoas são naturalmente mais propensas a dormir mais cedo e acordar mais cedo, enquanto outras têm uma constituição biológica natural

que as faz preferir ir dormir mais tarde e acordar mais tarde (Huffington, 2016; Walker, 2018).

É claro que, para a maioria de nós, o ajuste terá que ser feito com base no horário que precisamos acordar no outro dia para ir trabalhar. Nesse caso, a lógica é raciocinar com o cálculo reverso, ou seja, identificar a hora que precisamos acordar, e calcular 8 horas antes disso. Se alguém precisa levantar às 05h30min para se preparar para ir ao trabalho, convém ir deitar às 21h30min.

Mas é importante reforçar que essa rotina do sono deveria ser respeitada todas as noites, inclusive nos finais de semana, por mais difícil e inconveniente que isso possa parecer. Mas a verdade é que não é o nosso corpo que está em descompasso com a realidade dos nossos finais de semana; pelo contrário, é o nosso estilo de vida que está em dissonância com as nossas demandas biológicas.

Os nossos corpos e o universo inteiro trabalham em ritmos repetitivos e o sono é um desses ritmos. E não respeitar os ciclos da natureza pode ser desastroso. Um exemplo prático e simples disso, mas nem um pouco óbvio para muitos de nós, é o ódio que os trabalhadores sentem pela segunda-feira. O primeiro dia de trabalho da semana é horrível para muitos de nós e um dos grandes motivos para isso é o fato de termos desregulado o nosso compasso de sono no final de semana.

Veja se não faz total sentido. Durante a semana temos a tendência a ir dormir e acordar aproximadamente nos mesmos horários. Mas no final de semana, começando na sexta, começamos a mudar esse padrão, indo dormir e acordar mais tarde. Só que no domingo a coisa complica, pois não conseguimos ir dormir cedo, mesmo sabendo que precisamos levantar cedo no outro dia. Essa é a fórmula perfeita para se ter uma segunda-feira cansativa e improdutiva de trabalho.

Esse é talvez o ponto mais difícil de implementar em uma prática de sono saudável. Eu não diria que infelizmente a natureza biológica é assim, baseada em rotinas, mas que, pelo contrário, a

natureza trabalha de maneira perfeita e harmoniosa e respeitá-la é um ato de dignidade para conosco mesmos.

Algumas pessoas consideram o ato de dormir como perda de tempo, mas a verdade é que o sono e os sonhos fazem parte da vida. Eles não são algo à parte da existência. Eles estão no centro de quem nós somos e daquilo que fazemos. Dormir e sonhar são presentes que a vida nos dá todas as noites e respeitar esses momentos significa valorizar e apreciar a vida.

De uma rotina de sono pode surgir uma rotina de intuições e inspirações.

### 3. HIGIENE DO SONO

Todavia, não basta apenas dormir em média 8 horas por dia e ter uma rotina constante de ir deitar e acordar todos os dias nos mesmos horários. Algumas pessoas tentarão fazer isso e mesmo assim terão noites ruins de sono e passarão o dia inteiro bocejando, como se não tivessem dormido as horas suficientes.

Isso acontece porque, provavelmente, essas pessoas não estão respeitando a higiene do sono (Huffington, 2016; Walker, 2018). Seria o mesmo que tomar banho usando água suja, lavar o carro com esponja de aço, ou limpar a casa com pano encardido. O processo pode estar certo, mas alguns elementos estão comprometendo o resultado.

Existem algumas coisas que a gente faz antes de dormir que podem interferir negativamente na qualidade do nosso sono, causando dificuldades de pegar no sono, interrupções noturnas do sono, ou até mesmo insônia. Infelizmente, muito do que eu vou listar agora são ações que todos nós fazemos e nem percebemos, de tão natural que elas se tornaram em nossa rotina.

A primeira delas são as telas de televisão, celular e computador. A luz desses aparelhos confunde o nosso cérebro, criando a

impressão de que ainda é dia, quando na verdade já é noite e deveríamos estar nos preparando para ir deitar. Mas não é só isso, esses aparelhos roubam tempo de qualidade que poderíamos estar conversando ou brincando com as pessoas mais importantes da nossa vida: nossos pais, cônjuges e filhos.

A recomendação nesse caso é desligar os aparelhos eletrônicos uma hora antes de ir deitar e dedicar tempo para conversar ou ler um bom livro. Essas são atividades que nos ajudam a entrar em um estado apropriado de sonolência, em sintonia com a nossa necessidade biológica.

Outros dois vilões quase óbvios são o café e o álcool. Ambos não são recomendados para se beber nas horas antes de ir deitar e ambos terão efeitos deletérios para o sono enquanto estamos dormindo, causando distúrbios como insônia, ronco, interrupções de sono, etc. Portanto, a recomendação é não beber nem café nem qualquer tipo de álcool por pelo menos quatro horas antes de ir deitar.

Muitos seguem a recomendação popular de tomar uma taça de vinho antes de deitar, com a crença de que isso os ajuda a dormir. Isso é na verdade um mito popular e uma campanha de marketing bem sucedida, só isso. Tomar vinho ou qualquer outro tipo de álcool, de fato, nos ajuda a pegar no sono, entretanto, causará diversos distúrbios e interrupções do sono. É falsa a informação de que precisamos de vinho para dormir bem (Walker, 2018).

Outro alerta, ou sugestão, que a literatura faz com relação à higiene do sono diz respeito a não exagerar nos alimentos ingeridos na janta, pois isso sobrecarrega o nosso sistema digestivo, causando prejuízos em nosso processo de descanso. Portanto, recomenda-se comidas leves pelo menos duas horas antes de ir deitar.

Eu vou ficar apenas nestas três dicas, desligar as telas, abdicar do café e álcool antes de dormir, e cuidar da alimentação algumas horas antes de deitar, pois compreendo que são as atividades que

muitos de nós fazemos sem imaginar que possam ter um impacto tão significativo em nossos sonhos. Mas certamente com essas dicas você mesmo terá agora condições de avaliar se alguma prática da sua própria rotina pode estar interferindo em seu descanso e mudar esse padrão.

Ressalto mais uma vez que, caso você perceba que algo não vai muito bem com a sua saúde ou com seu padrão de vida e de sono, então, é importante procurar a ajuda profissional de um médico ou terapeuta para avaliar se há algo em sua rotina que precisa ser ajustado.

Colocar a qualidade de vida e do sono em primeiro lugar é uma intuição a ser ouvida.

## 4. SONECA PODEROSA

Falar da importância de dormir para a qualidade de vida e do trabalho em uma sociedade que idolatra a pressa e a produção desenfreada pode ser até pecado. O que vamos falar neste momento então poderá soar como uma ofensa para algumas pessoas. Isso porque vamos defender o nosso direito a uma soneca gostosa depois do almoço.

Não há nada mais natural do que tirar um cochilo depois do almoço. Os animais tiram soninhos curtos o tempo todo ao longo do dia (Walker, 2018). A lógica é simples: está sonolento? Vai deitar. Mas por algum motivo, para muitos de nós, isso parece absurdo. Não é qualquer empresa que verá com bons olhos o funcionário que quiser dar uma dormidinha depois do almoço.

Mal sabem as empresas que essa prática tão inofensiva, além de completamente natural, também pode ser benéfica para os resultados financeiros e produtivos das empresas. Pois pessoas que estão bem descansadas, produzem mais e melhor. Isso quem diz é

a ciência, e existe um livro inteiro dedicado à soneca, intitulado “Faça a Sesta! Mude a sua vida”, da cientista Sara Mednick (2006). O professor Matt Walker também revela a importância da soneca em seu livro “Por que nós dormimos” (2018).

Todavia, não é só por questões de melhoria de desempenho profissional que eu defendo o descanso depois do almoço. Eu levanto essa bandeira simplesmente porque isso é bom, gostoso e inteligente. Se alguém se sente sonolento depois da refeição, então é mais do que defensável que essa pessoa durma. Essa não é uma prática que deveria demandar qualquer tipo de justificativa para ser defendida; tirar uma soneca é bom em si mesmo, e pronto.

Portanto, seria de muito bom gosto e admiração que empresas disponibilizassem *puffs* para que seus colaboradores pudessem relaxar quando assim sentissem necessidade. E seria muito importante, em contrapartida, que os trabalhadores soubessem respeitar esse espaço com silêncio e uso consciente.

Uma soneca não precisa ser demorada, quinze minutos já operam milagres expressivos. E não é todo mundo que precisa ou se sente bem tendo esse momento de desligamento. Mas, mais importante ainda, é ter em mente que a soneca não é uma substituta para noites mal dormidas ou curtas de descanso.

Dormir a média de oito horas por noite e com rotina frequente de hora para deitar e levantar são a prioridade que qualquer pessoa deveria seguir à risca. A soneca é apenas um momento que o corpo de muitas pessoas precisa para repor as energias e retornar às atividades com força e alegria total. A soneca não consegue repor uma noite mal dormida. Portanto, cuidado com isso.

Essas são, portanto, as quatro dicas para melhorar a nossa qualidade de vida e de criatividade, inovação e intuição: (1) dormir oito horas em média, todas as noites; (2) manter uma rotina de hora para dormir a acordar todos os dias, inclusive finais de semana; (3) fazer a higiene do sono, a fim de garantir a melhor experiência de

adormecimento possível; (4) e ter momentos de sesta depois do almoço, sempre que achar necessário.

Como eu disse, todas essas dicas são poderosas para melhorar nossa experiência existencial, mas recomenda-se também a ajuda e avaliação de um médico quando nossa saúde mental e física estiver em jogo. Apesar disso, eu posso garantir a você que qualquer profissional da saúde irá concordar com essas quatro recomendações.

Lembre-se de que, assim como a natureza é feita de ciclos de dia e noite, o nosso corpo também é regido por ciclos de funcionamento. Essas são leis da natureza e com a natureza não se negocia. Não adianta tentar dormir menos achando que isso não terá efeitos negativos, pois a biologia do nosso corpo não está aberta ao jogo da barganha. Ela vai cobrar o seu preço sem oferecer explicações. Não vale a pena apostar nesse jogo que não oferece probabilidades de vitória.

Até porque a lógica é exatamente o oposto disso. A Vida nos deu esse presente mágico que é dormir e sonhar e, portanto, devemos aproveitar ao máximo essa benesse gratuita. Não só isso, todo esse nosso argumento é ainda mais defensável quando se olha pela perspectiva profissional, pois os ganhos são exponenciais para as empresas e profissionais que priorizam o sono de qualidade. Vale conferir o artigo do pesquisador Chris Barnes sobre esse tema, intitulado “Porque o sono saudável é bom para os negócios” (Barnes & Watson, 2019).

Uma última dica interessante. Os americanos têm um ditado muito interessante. Quando alguém tem um problema para resolver, eles costumam dizer o seguinte: durma sobre esse problema (*Sleep on it*). Em outras palavras, isso quer dizer que depois de uma boa noite de sono a solução para a dificuldade aparecerá em nossa mente como que por mágica. E isso de fato funciona na maioria das vezes, nem que para isso seja necessário mais do que apenas uma noite de sonhos.

Aliás, ir deitar pensando em ideias que eu gostaria de ter ou problemas que eu gostaria de solucionar é uma tática que eu já venho usando desde 2018 para escrever meus livros. Entre 2018 e 2019 eu fui capaz de criar cinco livros. Sem falar de todas as outras ideias criativas que tive para meus projetos pessoais e profissionais.

Eu só espero que essa conversa não tenha lhe deixado sonolento. Mas se tiver, eu ficarei muito feliz, porque sentir sono não é uma sensação a ser criticada.

Só vive de verdade quem dorme pra valer. Desejo a você sonhos inspirados e intuitivos.

## CAPÍTULO XII – EMANUEL

*“[Meu amigo] colocou seu braço sobre o meu ombro e senti nele o irmão que nunca tive. [...] e ele disse: Deus não tem aparência humana, não tem forma alguma, não é uma pessoa como você e eu. É um Espírito, um Ser infinito que penetra tudo, que é pura inteligência criadora e puro amor.”*  
– Enrique Barrios (Ami, o menino das estrelas, 2007, P.39).

O nome Emanuel significa: Deus conosco. Ou, em outras palavras, Deus no meio de nós. Eu, particularmente, não gosto de usar a palavra Deus. Não por ser contra a religião, ou por ser ateu. Eu simplesmente não gosto de usá-la, pois ela está carregada de muita incompreensão e fanatismo. Portanto, ao invés de usar a palavra Deus, eu prefiro usar a palavra Vida.

Não foi uma revolta adolescente que me fez preferir uma palavra pela outra. Muito pelo contrário, foi justamente a minha experiência profunda, genuína, curiosa, e aberta, em aprender que me fez optar por mudar um pouco as coisas.

Eu nasci no berço da religião católica, passei por todos os rituais dessa denominação, inclusive o de não conhecer nada sobre a bíblia, pois a grande maioria dos católicos não estuda as escrituras. Depois eu me afastei da religião, no período da adolescência, e me defini como ateu, sem nem sequer saber o que isso significava.

Mais tarde, eu me converti para uma igreja evangélica, e foi então que tive curiosidade em ler e de fato conhecer a bíblia. E foi a prática da leitura da bíblia que me fez sair dessa congregação evangélica e por fim buscar a minha jornada espiritual de forma aberta e livre, com respeito por todas as identificações religiosas, mas também sempre com boa dose de crítica.

Foi por essa jornada de busca pelo conhecimento que eu resolvi mudar a minha definição de Deus para Vida deste “Ser” desconhecido e misterioso que tanto nos intriga. Digo desconhecido, pois cada pessoa, ou tem uma definição muito própria do que Deus simboliza, ou não tem definição nenhuma. Ninguém sabe o que é Deus. Se perguntar para mil pessoas o que é Deus, as mil pessoas dirão coisas diferentes, ou simplesmente irão recitar algo que decoraram de algum livro ou de alguma pregação.

Ou seja, ao significar coisas diferentes e particulares para diferentes pessoas e religiões, a palavra Deus, enquanto conceito humano, não possui um significado objetivo ou compreensível. É isto que leva a tantas guerras santas: desentendimentos interpretativos.

## I. INFERN0

Os humanos criaram a ideia de Deus; mas a Vida cria tudo o que de fato há. Nós humanos criamos livros e mais livros sobre religião; mas a Vida escreve a existência por meio de tudo o que existe. Eu não sou contra a religião e a ideia de Deus. Pelo contrário; considero uma capacidade cognitiva elevadíssima ser capaz de pensar em um criador que não se pode ver. Todavia, penso ser preguiça não aprofundar e avançar alguns conceitos ultrapassados e não refletidos.

Além do mais, a palavra Deus geralmente está associada com alguém do sexo masculino (frequentemente um senhor idoso de cabelos e barba branca, sentado em um trono no paraíso), que reside fora do plano concreto da experiência de vida, e que tem uma função julgadora dos atos da humanidade.

Dessa função julgadora, surgem ainda as noções de paraíso e inferno, que também estão fora, ou além, do nosso plano existencial de vida. E, por último, dessas interpretações surge a crença de que existe vida após a morte desta identidade terrena de quem somos.

Já que todas essas conceitualizações são confusas e particulares, depois de refletir bastante, eu resolvi raciocinar a minha própria compreensão do mistério e a minha intuição me levou a trocar o nome Deus pelo nome Vida.

Em primeiro lugar, a Vida é uma palavra feminina que contrapõe a palavra Deus, mas que para mim é destituída de qualquer antropomorfismo. Eu não tenho uma cruz com a Vida pendurada na parede. A Vida simplesmente é uma definição feminina que representa um contraste com essa interpretação masculinizada do divino.

A minha definição da Vida representa uma compreensão que foi pensada, contemplada e construída, em oposição a essa definição de Deus engessada ao longo dos anos e maculada por fanatismos religiosos irracionais e preconceituosos.

Essa interpretação da Vida não tem a pretensão de estar correta; apenas de ser um diálogo pensado e aberto ao criticismo respeitoso. Mas acima de tudo, é uma definição preocupada em ampliar e aprofundar a compreensão da nossa própria existência.

Em segundo lugar, essa definição de Vida compreende o “aqui”, em oposição ao transcendental da compreensão de Deus. Eu não acredito no além, nem acredito em uma vida fora desta existência; eu acredito que tudo está presente aqui no todo da manifestação da Vida e que nada sai deste lugar. Ou seja, para a Vida não existe um dentro e um fora; só existe o aqui. Um aqui infinito e inconcebível para a mente humana, mas, mesmo assim, um aqui, sem outros planos, como o paraíso e o inferno.

Isso nos leva ao terceiro ponto. A Vida como eu a concebo não julga ninguém. Para as várias definições que existem de Deus, cada ser humano será julgado pelos seus atos, ou seja, as religiões são moralizadoras. Para a Vida, como eu a observo, não existe qualquer forma de julgamento. A Vida não rotula as ações humanas em boas ou ruins.

Para a Vida não existe sequer a definição de tragédia natural quando um furacão destrói uma cidade. A vida é como a natureza: linda, selvagem, cruel, mortal, criadora e surpreendente; às vezes compreensível; às vezes caótica. Mas, na verdade, todas essas são apenas palavras humanas e a Vida não se importa com nenhuma delas.

Isso não quer dizer que eu chego à conclusão de que não devemos respeitar as leis de nossos países e nações. Pelo contrário, eu sou totalmente a favor de nossas leis sociais. Todavia, eu tenho a convicção de que elas são apenas leis de convívio humano de grande importância para estabelecer uma convivência harmoniosa em sociedade. Quanto mais respeitamos e seguimos as leis sociais, mais organizada uma sociedade é. Entretanto, a Vida não se importa e não impõe esse tipo de lei.

A Vida tem as leis da física. Essas leis são invisíveis e não precisamos sequer conhecê-las para sermos obrigados a respeitá-las. Nós não conseguimos fazer nada que não seja permitido pelas leis da Vida. Mas isso não implica nenhum julgamento.

Se eu pular do décimo andar de um prédio, ou porque eu quero tentar voar, ou porque eu quero me suicidar, a lei da Vida estabelece a probabilidade de que eu irei morrer com a queda. A Vida não faz nenhum julgamento do porquê de eu ter pulado do prédio.

Se eu matar alguém, quer seja por legítima defesa em um assalto, ou porque eu decidi matar alguém que eu não gosto, a Vida não irá me julgar por esse ato. A lei dos humanos sim; essa julgará os meus atos. E, é importante deixar muito claro, essa lei humana não é repudiada por mim pelo fato de eu argumentar que a lei da Vida não faz julgamentos. As leis humanas precisam ser seguidas e são uma grande invenção da humanidade para o nosso bom convívio.

Todavia, a Vida pouco se importa com a gente. Se deixarmos de existir amanhã, ela criará outra coisa qualquer no lugar. Apenas

outra coisa, nem melhor, nem pior. Qualquer coisa desprovida de julgamento.

Se isso parece absurdo, recorde-se do que falamos no capítulo “Quem já quis morrer sabe que escolheu viver”, de que a vida humana representa apenas em torno de 0,0023% da história do universo. Durante 99,9977% da existência do Universo conhecido não havia qualquer vestígio de existência humana. Ou seja, a Vida é muito maior do que a gente imagina e nós representamos uma fração irrisória do todo.

Essa própria definição que eu estou propondo da Vida é uma atitude desprezível para a Vida. Ela não se importa com o que eu penso a respeito Dela. Deus, ou a Vida, não deixam de existir, nem passam a existir, quer acreditemos ou não em qualquer um deles.

Logo, este é o quarto ponto, se a vida não faz qualquer tipo de julgamento, isso leva a crer que não existe nem paraíso, nem inferno, como forma de premiação ou punição por nossas ações aqui na Terra. Nunca houve lógica racional comprovável que corroborasse o argumento de julgamento após a nossa passagem aqui pela Terra.

Como eu disse, a lógica da repreensão e punição de atos considerados reprováveis pela sociedade faz todo sentido no convívio social, mas isso não leva a concluir que após a morte seremos julgados por nossos atos.

Isso quer dizer que as pessoas mais desprezíveis que passaram aqui pela Terra não serão julgadas e punidas por seus atos? É isso mesmo. Isso quer dizer que as pessoas mais amorosas que passaram por aqui não terão qualquer recompensa por terem sido genuinamente boas? Exatamente. Todos esses parâmetros de bom ou ruim, bem e mal, são métricas humanas apropriadas (ou não) dentro do contexto existencial de cada sociedade.

Quando morremos, não há nada que indique que tal lógica se aplique ao que consideramos atos de pessoas boas ou ruins. A

Vida não faz qualquer tipo de julgamento de nossos atos e não irá nos recompensar ou punir quando morrermos.

Isso nos leva ao quinto, e último, argumento, ou dúvida, com relação à nossa existência, qual seja: mas então, *o que acontece conosco quando morremos?* (Essa pergunta nos guiará pelo restante dos dois próximos subcapítulos). Alguns acreditam no que referimos anteriormente, de que existe uma vida no paraíso para pessoas que foram boas na Terra, e outros em uma existência no inferno para aqueles que foram maus.

Outros ainda acreditam que reencarnamos em outro corpo e sem as memórias acessíveis de nossas vidas passadas, e que a cada reencarnação o ser humano vai evoluindo até se tornar um ser completamente evoluído.

Essas são todas interpretações que cabem bem na visão antropocentrista dos humanos, que se percebem como seres especiais acima de qualquer outra espécie. O que exatamente seria esse evoluir, se a Vida não está fazendo qualquer julgamento de valor de nossas vidas? Novamente, esta interpretação de evolução e boa conduta social se aplica e deve ser defendida e respeitada para a vida aqui na Terra, mas depois que morremos, isso parece absurdo.

Além do mais, dentro dessa visão reencarnacionista, alguns acreditam que aqueles indivíduos que regridem em sua passagem pela Terra, voltam em seres “menos evoluídos”, como animais e plantas, enquanto que aqueles que atingem a perfeição, encerram o ciclo de evolução.

Eu concordo que nós seres humanos somos criações impressionantes da Vida, mas não concordo com uma interpretação que coloca o ser humano como o centro do interesse da Vida. Até porque, se fosse para julgar o comportamento das espécies, então plantas a animais, e principalmente as pedras, estariam muito mais em sintonia com a natureza do que qualquer ser humano. Então, essa visão reencarnacionista é mais uma bela (e realmente interessante) invenção de alguns humanos.

Talvez alguma forma de compreensão ateia ou agnóstica proponha a interpretação de que simplesmente deixamos de existir e que após a vida simplesmente não exista nada. Nessa forma de ver as coisas, a morte seria o nada. Não há muito mais o que supor sobre essa interpretação, pois sobre o nada não há muito que se possa ser dito. Todavia, uma compreensão por essa linha de raciocínio também não condiz com o que vamos interpretar sobre a morte.

Bom, essas são apenas três das visões mais difundidas sobre a vida após a morte: religiões que acreditam em paraíso; religiões reencarnacionistas; e denominações ateias, e apresentadas por mim da forma mais tosca e resumida possível, até porque o que elas têm a dizer não nos interessa para além dessas delimitações gerais, e não interessa de forma alguma para Vida. Além do mais, livros e autoridades não faltam para repetir como papagaios o que elas defendem. Mas então o que será que acontece depois que morremos?

Em minha interpretação intuitiva e refletida, baseada nas minhas observações da natureza e do ambiente, a nossa passagem da existência para a morte segue a mesma lógica e processo de todos os outros organismos presentes aqui no Planeta, ou seja, conosco deve acontecer o mesmo que acontece com os animais e as plantas, e com todos os outros minerais e elementos químicos presentes na Terra e no Universo.

Esta interpretação que eu vou apresentar é muito mais linda e admirável do que qualquer outra interpretação moral apresentada por qualquer religião.

## 2. PURGATÓRIO

Como dissemos em nossa interpretação, não existe um mundo além, depois da vida; não existe vida após a morte em um lugar além da Vida. A Vida é o todo que permeia tudo o tempo todo. A

Vida é a nossa interpretação do Deus de outras religiões, com a diferença de que para nós a Vida é tudo, o tempo todo, em todos os lugares e em todas as coisas e seres vivos, quer sejam humanas, ou não (Eu juro que escrevi esse parágrafo antes de saber da existência do filme “Tudo em todo o lugar ao mesmo tempo”).

Não existe nada fora da Vida. Essa definição de dentro e fora não se aplica à Vida. Não há fora e dentro, só há a Vida, em plenitude e completude, mesmo que essa totalidade seja o infinito.

Caso isso pareça inconcebível e incompreensível, então terei alcançado meu objetivo, pois não creio que sejamos capazes de compreender a Vida em sua plenitude, dada a sua amplitude e complexidade. Por isso, uma compreensão intuitivamente imprecisa e ao mesmo tempo refletida e contemplativa me parece o mais apropriado.

Mas o que acontece aos seres humanos que morrem? Bom, como eu dizia, conosco acontece o mesmo que acontece com qualquer outro mineral, organismo, planta ou animal. Nossas partículas se desintegram e se espalham por aí, por aqui mesmo, pela Vida. Quando enterramos um cadáver, suas partes físicas começam a se decompor e a integrar-se no solo e no ar em seu entorno.

É muito inteligente da parte dos seres humanos que cremam seus falecidos e jogam suas cinzas ao vento. Com isso ajudam a acelerar o processo de reintegração do que antes era indivíduo e identidade ao todo infinito da Vida.

É como se pegassem uma gotinha de água e colocassem no oceano. Essa analogia funciona muito bem para o que estamos tentando compreender. Cada ser humano é como se fosse uma gotinha de água que quando morre é colocada de volta no oceano.

Quando morremos, a nossa essência individualista e a nossa compreensão de quem somos enquanto personalidade se pulveriza no ar, se mistura no oceano, se integra ao solo, e passa a fazer parte do todo. Deixa de existir o indivíduo com personalidade e memória de si para fazer parte indistinguível do todo.

Mas não é só isso. Vamos interpretar isso com mais poesia. Pense em alguém que você ama e que tenha morrido. Para este exemplo, eu estou pensando em meu melhor amigo, o Emanuel. De acordo com a nossa interpretação, essa pessoa deixou de existir enquanto Emanuel. O Emanuel não foi para o paraíso, mas pelo menos também não foi para o inferno. Só que o Emanuel também não deixou de existir, porque o que ele foi não pode simplesmente virar nada. O Emanuel passou a compor o todo.

Se fizermos o exercício mental de imaginar que o Emanuel tenha sido cremado e que suas cinzas tenham sido lançadas do alto de um helicóptero que sobrevoava o oceano, podemos supor que uma parte das cinzas acabaram caindo no oceano, outro pouco em algumas plantas, outro tanto sobre algum animal que passava por perto, e outros tantos por aí, inclusive em algumas pessoas. Uma parte dessas cinzas ainda vai penetrar no solo e se misturar em algum alimento orgânico, que posteriormente será ingerido por algum humano ou animal.

Enfim, o que eu quero dizer é que partículas muito pequenas e imperceptíveis a olho nu da pessoa que amamos vai passar a estar presente em outros animais, plantas, pessoas e ar, sem que saibamos exatamente onde e em que quantidade ela será distribuída. Além do mais, os restos mortais da pessoa que amamos podem se misturar com os restos mortais de outras pessoas que também morreram, ou outros animais, e até mesmo se misturar com outros elementos.

Algumas partículas da pessoa que partiu podem, com o tempo, acabar indo parar até mesmo no Sol ou em algum outro planeta, se por algum motivo conseguirem escapar da atmosfera. Os restos que se dissiparam de quem morreu podem viajar o Universo, pois não são mais dependentes do corpo humano e das necessidades que o corpo exige.

Por isso, eu dizia, é muito inteligente cremar os nossos mortos, bem como seria muito mais lógico enterrar os nossos falecidos

diretamente na terra, sem caixão, sem túmulo, e sem nem mesmo roupas, para que o processo de decomposição e reintegração ao Todo fosse mais natural e rápido, sem qualquer impedimento, assim como acontece com as folhas que caem das árvores, ou com os animais que são dilacerados por predadores na selva.

Mas agora vem o ponto poético de que eu falava. As pessoas que morrem começam um processo de desintegração do corpo físico e reintegração ao Todo. As partículas do corpo do morto começam a se integrar ao ambiente e ao entorno. Partes da pessoa que morre vão parar no chão, outras partes vão ser levadas pelo vento e cair em cima de algumas flores, outras no mar, e algumas até mesmo serão absorvidas pela respiração de alguns animais, e também outras pessoas.

Preste bem atenção ao que isso significa. Isso quer dizer que partículas invisíveis da pessoa que amamos e que morreu podem agora estar espalhadas por aí, estando presente na constituição física de outras pessoas, de outros animais, de outras plantas, do solo, do vento, ou seja, a todo e qualquer momento podemos, sem saber, estar na presença e em contato com alguma partícula da pessoa que amamos, só que nós não temos como saber em quem e onde essas partículas minuscilmente invisíveis estarão.

Uma molécula de carbono ou de oxigênio que um dia compôs a constituição física do nosso querido amigo, filho, parente ou cônjuge, pode agora estar nos pulmões ou na pele de alguém que passa na rua. Ou pode estar em alguma planta no nosso jardim; ou no cachorro do nosso vizinho.

Um pouquinho da pessoa que nos deixou pode agora fazer parte do mendigo que pede esmola no centro da nossa cidade; pode fazer parte daquela pessoa que odiamos no nosso bairro; pode fazer parte de algum criminoso que rouba casas; pode fazer parte de algum político que desvia as verbas da prefeitura; enfim, pode estar em alguém de quem gostamos, de alguém que odiamos, ou de alguém que completamente desconhecemos.

O grande problema é que a gente não tem como saber onde as partículas que um dia compuseram o corpo do nosso morto querido terão ido parar. Certamente algumas moléculas de átomos do falecido foram parar, inclusive, em nós mesmos. Até porque, durante o processo de velório do defunto, nós, como amigos, familiares, ou cônjuges, éramos as pessoas mais próximas nos primeiros momentos logo após a morte, e já começamos a captar alguns resquícios do que já começou a ser disperso no ambiente.

Portanto, se amávamos tanto assim essa pessoa que se foi, é preciso termos um cuidado extra na maneira como tratamos não só as outras pessoas ao nosso redor, mas tudo no Mundo inteiro, pois a pessoa que tanto admirávamos agora pode estar em algumas das pessoas que nos cercam e também nas plantas, nos cachorrinhos, gatinhos, pedras e, inclusive, em nós mesmos.

Ao tratarmos bem um desconhecido na rua, talvez estejamos tratando bem uma parte minúscula desse alguém que faleceu e que nos fez chorar de tristeza e saudade. Quando tratamos mal um desconhecido ou alguém que desprezamos, existe uma minúscula chance de probabilidade de estarmos tratando mal quem um dia tanto amamos.

Isso vale para nós mesmos também. Agora temos a responsabilidade de lidar conosco mesmos não apenas em relação a quem nós mesmos somos em essência, mas também em relação com a probabilidade de que a pessoa que morreu agora está incorporada de forma parcial também em nós. Ao nos alimentarmos, treinarmos e dormirmos bem, estaremos fazendo isso por nós mesmos e pela pessoa que morreu, não só de maneira poética e metafórica, mas também de maneira literal.

Tudo isso que eu estou dizendo não é um artigo de fé ou da voz de Deus que falou no deserto. Essa é uma constatação lógica.

Na natureza, nada se cria e nada se destrói; tudo é transformado e reintegrado, como em um grande jogo de lego. Mas agora você deve estar se perguntando: o que acontece com a essência

da personalidade da pessoa que morreu? Alguns colocariam essa mesma pergunta de outra forma: mas o que acontece com a alma dessa pessoa que morreu?

Os religiosos agora diriam que nós temos uma alma separada do corpo e que essa alma então sim iria para o paraíso ou para o inferno. O problema dessa resposta é que na verdade não existe alma dissociada do corpo. Não existe essência que não seja produzida pelas células em nossa constituição física.

É claro que os religiosos irão bater o pé e não aceitar esse argumento assim tão facilmente, e eles estão certos em serem um tanto céticos nesse ponto. Mas a verdade é que a lógica é bem simples. Os nossos pensamentos, memórias e consciência são produzidos pelas células não só do nosso cérebro, mas pelas células do nosso corpo inteiro. A gente poderia imaginar que nosso corpo inteiro é o nosso cérebro (Tieppo, 2019).

Isso pode ser exemplificado pelo fato de que uma sensação de frio e desconforto físico pode gerar em nosso cérebro o pensamento e sentimento de que estamos tristes e deprimidos. Assim como um banho morno depois de um dia cansativo de trabalho pode gerar o pensamento e a sensação de alegria e paz. Portanto, nossos pensamentos, memórias, emoções e consciência estão inteiramente interligado em nosso corpo, e não acontecem isoladamente no cérebro.

Sim, o cérebro parece ser o centro operacional e organizador de tudo o que acontece em nosso corpo. Mas quem nós somos em essência é uma orquestração que envolve todo o corpo, muitas vezes de maneiras que nem a ciência é capaz de compreender em plenitude. Muito do que acontece parece milagre ou mágica aos olhos até mesmo de cientistas céticos.

Outra forma de compreender isso é pensar em como ver (usando os olhos) a pessoa por quem somos apaixonados nos faz sentir felizes e motivados. tocar (usando as células sensoriais dos dedos)

a pessoa por quem somos apaixonados nos faz muito mais ainda “nos sentirmos nas nuvens”.

Por outro lado, ver (pode meio de células e nervos óticos) ou ouvir (com ajuda de todo o aparato auditivo) que a pessoa por quem temos uma queda está interessada em outra pessoa nos magoa profundamente. Isso serve para mostrar que os pensamentos e emoções podem começar em regiões físicas periféricas e o quanto tudo está interligado. Não é só o cérebro que participa do processo de pensar e sentir, mas sim o corpo em harmonia e sincronia. Ou seja, não existe alma sem corpo.

Fiz essa digressão apenas para explicar que a essência, ou a alma, que costumamos acreditar ser uma parte dissociada da constituição física de um ser humano, na verdade, nada mais é do que uma construção justamente da parte que parece ser física.

Eu não quero dizer com essa explicação simplista que os fenômenos psicológicos e emocionais sejam assim tão simples de compreender e explicar. Muito pelo contrário, tudo isso beira a magia e o milagre.

Para compreender a conexão alma e corpo de maneira mais clara, tente pensar em alguém que você conhece e que desenvolveu Alzheimer, uma doença que afeta as células do cérebro deteriorando e comprometendo progressivamente as funções psicológicas do indivíduo.

Uma pessoa afetada pelo Alzheimer, em estado avançado da doença, não consegue mais reconhecer as pessoas do seu convívio íntimo, nem mesmo cônjuge e filhos, não consegue lembrar do presente nem do passado, e não consegue sequer manter um diálogo que faça sentido.

Se, de fato, houvesse uma alma essencial que depois da morte seria transportada para o inferno ou para o paraíso, então o comprometimento físico das células do cérebro da pessoa com Alzheimer não poderiam comprometer a sua personalidade. Isso é apenas

uma observação lógica que qualquer pessoa não afetada por dogmas religiosos seria capaz de compreender.

O que poderia levar a uma conclusão cruel de nossa parte acabará por ser uma das interpretações mais lindas de todo o nosso estudo. A princípio, uma primeira interpretação, caso de fato não exista uma alma, é a de que tudo acaba para cada ser humano no momento da morte, e que a vida não passa de um materialismo sem sentido e propósito.

Caso isso fosse verdade, eu até compreenderia a necessidade de pessoas religiosas em se aferrar com tanta determinação à ideia de uma vida eterna após a morte da alma de alguém que viveu aqui na Terra. Mas, com base em nossa construção logicamente argumentativa, isso não parece ser assim.

A pergunta final que precisamos responder, então, é: mas o que acontece com a “alma” da pessoa que morre ou da pessoa que desenvolve Alzheimer?

Até aqui a gente vinha defendendo a argumentação de que, quando alguém morre, suas partes constitutivas físicas se dispersam pelo meio físico, indo parar em outras pessoas, animais, plantas, solo, vento e por aí fora. Bem, com a “alma” ou, melhor dizendo, com o que um dia foi a identidade, personalidade e todas as memórias, pensamentos, emoções, da pessoa que morreu, ou que sofre de Alzheimer, acontece a mesma coisa.

Pois veja bem o que acontece e tudo fará muito sentido, e será magicamente lindo e maravilhoso. Cada pensamento, memória, emoção passa por um conjunto de células para que possa acontecer e se manifestar. Cada uma dessas células é na verdade feita (constituída) de minúsculos átomos. Esses átomos, quando a pessoa morre, são dispersos pelo ambiente. Portanto, assim como fragmentos ínfimos e invisíveis da pessoa que morre são dispersos pelo ambiente físico, junto com esses átomos extremamente pequenos vai um pouquinho do que um dia constitui a

personalidade, identidade, alma, ou como queira chamar, dessa pessoa que faleceu.

Todos esses átomos irão influenciar o ambiente em seu entorno. Quando uma pessoa boa morre, por exemplo, todos os seus átomos influenciam um pouquinho, mas muito pouquinho, o pensamento e a vibração energética do ambiente em seu entorno, fazendo do mundo um lugar um pouquinho melhor. Por outro lado, quando uma pessoa malvada expira, acontece a mesma coisa, só que de maneira negativa, e o mundo fica um lugar um pouquinho mais violento e amargo.

No dia em que uma pessoa bondosa se vai, o mundo inteiro, ou o Universo inteiro, se torna um pouquinho desse ser que havia vivido. Quando um humano terrível parte, o todo universal absorve e se torna um pouquinho do que esse ser desumano havia sido. Ou seja, todos nós somos um pouquinho das pessoas que vieram antes de nós e que já morreram, quer nós as tenhamos considerado pessoas boas, quer nós as tenhamos julgado ruins.

Se os exemplos desses dois indivíduos, um bondoso e um malvado, tivessem sido apenas duas gotinhas de água enquanto estavam vivos, depois que morreram, essas duas gotinhas foram jogadas no mar, e ambos passaram a ser incorporados pelo mar, e eles passaram a ser um pouquinho um do outro.

Quer você goste ou não dessa lógica, essa é a lei da Vida e ela não julga ninguém. A Vida aceita e absorve a tudo e a todos sem fazer distinção. Mas não esqueça do que afirmei e reiterarei diversas vezes: uma coisa é a lei da Vida; outra bem diferente são as leis sociais e jurídicas dos humanos. A Lei da Vida não julga; a lei dos humanos julga e precisa ser respeitada por todos.

Deixe-me ver se compreendi bem. Quer dizer que a identidade, a personalidade, a “alma” do que alguém um dia foi deixa de existir na morte? Exatamente. O que alguém foi, ou melhor dizendo, quem alguém foi, só existe em completude enquanto a pessoa está

viva e em pleno funcionamento de suas capacidades cognitivas. Uma vez que essas prerrogativas desaparecem, a pessoa (a identidade individual) também deixa de existir, assim como acontece com a pessoa acometida de Alzheimer.

Mas existe ainda mais um complemento fundamental e poético para essa lógica do que acontece com a “alma” das pessoas que morrem, ou seja, para o que acontece com a identidade do que elas um dia foram.

### 3. PARAÍSO

Parte do que um indivíduo um dia foi em termos de personalidade e identidade, ou “alma”, continua a existir ainda de outra maneira quando essa pessoa morre. E isso acontece na recordação das pessoas que a conheceram e nas obras que essa pessoa deixou para trás.

Um médico que era pai de três filhos e que teve dois casamentos será lembrado por essas pessoas e também será recordado pelos pacientes que foram curados por ele. Uma professora viúva, que cuidava dos pais idosos e que era mãe de duas meninas, quando morrer, será lembrada por essas pessoas e por todos os alunos que ensinou e educou. Um engenheiro, pai de um casal de filhos, quando partir desse mundo, será lembrado por sua família e ficará marcado também pelas obras e prédios que fez em sua cidade.

Quando cada um de nós morre, além de nossos átomos de personalidade serem espalhados pelo ambiente, alterando a composição física e energética desse espaço, nossa essência de personalidade também sobrevive na lembrança das pessoas que nós conhecemos em vida e nas obras que fizemos enquanto estivemos vivos.

Essa é a grande mágica da vida e da morte. Quem nós somos em essência e em identidade, ou em “alma”, não é um fato isolado que acontece somente dentro de nós, ou de nosso cérebro. Quem nós

somos é uma combinação de tudo o que nos cerca e de tudo o que um dia existiu antes de nós. A gente não existe em isolamento. Nós apenas somos alguém porque muita gente um dia foi antes de nós, por causa das pessoas que existem em nosso entorno, e por causa da natureza e do universo que nos cercam.

Portanto, se a pessoa que você conheceu veio, infelizmente, a partir dessa vida, ela deixou de existir para sempre em termos de quem ela era enquanto viva. A individualidade do ser só existe uma vez dentro da eternidade na materialização corpórea de um ser individual. Isso vale para qualquer coisa ou ser. Tanto o seu gatinho de estimação ou o seu cachorrinho só existirão naquela corporificação uma vez na eternidade.

A Vida não repete nada do que ela faz. Ela até pode fazer duas coisas parecidas, mas ela não faz duas coisas idênticas. Mesmo se você selecionar dois gêmeos “iguais”, com o tempo você começa a identificar diferenças inconfundíveis entre eles, e depois de ainda mais um tempo eles passam a nem parecer tão similares assim.

Você percebe a beleza de uma constatação como essa? Ao invés de isto ser algo muito triste, o fato de conhecermos uma pessoa especial, mas veio a falecer, como um amigo de verdade ou um amor insubstituível, passa a ser um fato mágico, pois tivemos a sorte de conhecer alguém único na infinidade da existência do Universo e da Vida.

Depois dessa vida a gente nunca mais irá reencontrar as pessoas que amamos em outro universo transcendental, nem no paraíso, nem em lugar algum. As pessoas também não desaparecerão por completo no “nada”, pois como analisamos, na existência nenhuma coisa simplesmente desaparece no vazio, mas sim se incorpora ao Todo. Todavia, de fato, a individualidade do ser nunca mais poderá ser resgatada. Nem mesmo a memória que conservarmos da pessoa que amamos representará muito bem o que ela foi.

Eis, portanto, a importância absolutamente extrema em aproveitarmos e valorizarmos o máximo a vida de quem amamos

enquanto elas estiverem vivas. Pois essa vida é apenas uma chance dentro do espaço de tempo da eternidade. E quando essa pessoa morrer, não há necessidade para tristeza irreparável. Pelo contrário. É fundamental compreender a sorte que se teve em um dia conhecer alguém tão precioso. Além do mais, é possível viver com a certeza de que outras muitas vidas ainda existem para serem descobertas e valorizadas com a mesma intensidade de amor.

Tudo isso que temos analisado nesses últimos parágrafos contradiz uma das hipóteses mais conhecidas do filósofo Nietzsche. No livro “Assim falou Zaratustra” (2019), Nietzsche desenvolveu o pensamento do Eterno Retorno. De acordo com o autor, em um universo infinito, era, estatisticamente falando, inevitável que tudo, absolutamente tudo, se repetisse como um dia foi, do mesmo jeito, pela eternidade. Esse era o Eterno Retorno de Nietzsche.

Caso isso fosse verdade, em algum momento, dentro da eternidade da existência do Universo, nós existiríamos novamente e viveríamos mais uma vez, e muitas vezes, a mesma história de vida que um dia experimentamos, pois em um tempo infinito, mesmo uma probabilidade irrisória como essa precisa acontecer.

Mas por que será que Nietzsche teria pensado algo tão belo? Na verdade, a história de vida do autor revela indícios que indicam uma plausível explicação. Nietzsche era um homem extremamente inteligente, curiosamente excêntrico, e emocionalmente perturbado por sua criação em uma família religiosa. Tudo isso é a receita perfeita para uma personalidade sensível e poderosa.

Nietzsche, assim como qualquer ser humano, ansiava por ser amado, e ele teve a sorte de conhecer um grande amor. Nietzsche se apaixonou perdidamente por Lou Salomé. Só que esse amor durou muito, muito pouco tempo. Se comparado com o tempo da eternidade, poderíamos dizer que essa história de amor praticamente nem existiu. Mas, para Nietzsche, essa história foi extremamente marcante, e ele queria que ela não tivesse acabado.

Não vendo solução para reaver o seu grande amor, a mente inteligente de Nietzsche só conseguiu conceber uma solução, o Eterno Retorno. Logicamente falando, em uma análise abstrata, a hipótese de Nietzsche é linda e romântica, entretanto, ela não é verdadeira. Nietzsche e sua amada já morreram, e eles nunca mais irão se reencontrar; não como um dia foram; não na individualidade de Nietzsche e Salomé.

O Eterno Retorno não existe, porque, eu reitero, a Vida não produz obras repetidas de nada do que faz. A Vida é a maior criadora, inovadora, “intuidora” e artista que existe. Ela faz tudo e cada coisa de maneira especial e única. Em toda a eternidade, só terá existido um Nietzsche e uma Lou Salomé, e isso é o que torna a vida de cada um de nós tão especial: ela é única. Essa é a Eterna Novidade. A Vida é a mais absoluta e compulsiva criadora.

E para fechar esse argumento número 5, iniciado no final do subcapítulo intitulado “Inferno”, que perguntou “*o que acontece quando morremos?*”, acabamos pela inevitável compreensão do valor de nossa própria vida. Pois como vimos, a morte dispersa a personalidade dentro do oceano infinito. O que nós somos hoje nunca existiu antes e nunca mais irá existir dentro da eternidade.

Destarte, agora chegamos à conclusão do nível de valor da nossa vida. A minha vida e a sua vida são inestimavelmente valiosas. É impossível compreender o tamanho da importância e da sorte de estarmos vivos. Só conseguimos ter uma intuição do quanto isso representa. Quem nós somos, nossa identidade, nossas memórias, falhas e acertos, irão acabar no dia que nós morreremos. Nós não iremos reencontrar as pessoas que já morreram em algum outro plano existencial.

Tudo o que somos hoje e as pessoas que conhecemos só existem aqui e agora. A vida é especial porque ela é uma peça única do tempo infinito da existência. Só existe um Ismael Specht. Minha personalidade não existia antes de eu nascer e desaparecerá

quando eu morrer. Não haverá reencarnação, nem ressurreição, nem paraíso, nem inferno, nem o nada.

Só há a Eterna Novidade. Só existiu um melhor amigo chamado Emanuel. Só existe uma unidade exclusiva de Você. Só existe uma esposa, um pai, uma mãe, um namorado, um irmão, uma irmã. E isso é lindo, poético e real.

Estar vivo é uma história de amor que vai terminar terrivelmente mal para cada um de nós, seres humanos; então precisamos fazer de tudo para que essa seja a melhor história de amor que somos capazes de escrever enquanto estamos vivos.

A Vida é linda; cruel; poética; genial. Essa é a minha intuição. Qual é a sua intuição?

# CAPÍTULO XIII – ORAÇÃO FINAL

Eu não tenho uma religião, mas eu respeito todas, e gosto muito de aprender o máximo sobre elas. Apesar disso, eu acredito em Deus, ou na Vida, como eu disse ao longo do livro. E de vez em quando eu faço orações. Na verdade, eu gostaria de fazer todos os dias, mas eu acabo esquecendo.

Eu oro e rezo principalmente quando eu estou profundamente angustiado, quando eu quero muito alguma coisa, ou quando eu preciso tomar alguma decisão difícil, mas não sei que caminho tomar. Com menos frequência, eu tiro um tempinho para agradecer pelas coisas boas.

Hoje, por exemplo, eu orei pedindo ajuda para tomar uma decisão difícil, uma decisão que pode afetar minha vida para sempre. Eu estava deitado, sem conseguir dormir, e, de repente, lembrei-me que podia pedir ajuda nesse momento de incerteza.

Tem vezes que eu fico de joelhos para fazer a minha prece. Eu não tenho qualquer justificativa racional para explicar esse gesto. Talvez eu faça por hábito, como algo aprendido na infância, mas também por me render ao poder da Vida e para me desfazer de minha arrogância de achar que eu sei alguma coisa.

Quando eu estou de joelhos eu me torno aquilo que de fato sou: um milagre vulnerável. Eis um exemplo de oração:

Vida, obrigado por tudo.

Guia-me pelo caminho que eu devo seguir.

Pois tu sabes o que é o melhor pra mim.

Ajuda-me a ser um pouco melhor a cada dia.

Vida, por favor, ajude-me a tomar uma decisão nesse  
momento de dúvida.

Dai-me uma luz, ou uma intuição do que devo fazer.

Pois sozinho eu não consigo escolher.

Acima de tudo, mostra-me o caminho mais feliz.

Vida, proteja-me, pois sozinho eu não sou nada.

Cuida de mim, pois eu tenho medo.

Dai-me forças, pois eu não consigo.

Vem comigo na minha jornada diária.

Vida, parabéns por tudo o que fizestes.

Tu és uma grande criadora e tudo o que realizas é lindo.

Ajuda-me a compreender e valorizar melhor o que tu faz.

Que eu saiba aproveitar, valorizar e respeitar cada dia.

Vida, ajuda-me a amar mais.

Ajuda-me a ser o melhor que eu puder ser.

Eu amo os meus pais, amigos, colegas de trabalho e  
professores.

Ajuda-me, por favor, a expressar o que há de melhor em mim.

Vida, perdoa-me pelos meus erros.

Eu não consigo ser uma pessoa boa.

Perdoa-me por não admirar o quanto deveria  
as belezas criadas por ti.

Vida, eu te amo e eu amo a minha existência.

Vida, obrigado pela minha existência e por todas as  
minhas intuições.

# REFERENCIAL TEÓRICO

Amthor, F. (2017). **Neurociência para Leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017. ISBN: 978-85-508-0173-5.

Barnes, C., Watson, N. F. (2019). **Why healthy sleep is good for business**. Porque o sono de qualidade é bom para os negócios. Elsevier: Sleep Medicine Reviews. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2019.07.005>.

Barrios, E. (2007) **Ami, o menino das estrelas**. Piracicaba, SP: Angelbook, 2007. ISBN: 978-85-60698-00-4.

Culpin, V. (2020). **O negócio do sono: como dormir melhor pode transformar sua carreira**. Rio de Janeiro: Ubook Editora, 2020. ISBN: 978-85-9556-202-8.

Dolabela, F. (2006). **O segredo de Luíza**. São Paulo: Editora Cultural, 2006. ISBN: 85-293-0102-1.

Hesse, H. (2012). **Demian. Die Geschichte von Emil Sinclair Jungen**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 2012. ISBN: 978-84-206-7436-0.

Huffington, A. (2016). **The sleep Revolution. A revolução do sono**. Harmony Books. ISBN: 978-1-101-90400-8.

Lagercrantz, D., Larsson, S. (2015). **Verschwörung. A garota na teia da aranha.** Heyne Random House. ISBN: 978-3-453-26962-0.

Mednick, S. (2006). **Take a Nap! Change your life. Tire uma Sesta! Mude a sua vida.** Workman Publishing Co., Inc. ISBN: 978-0-7611-4290-4.

Mello, M. T. (2008). **Sono: aspectos profissionais e suas interfaces na saúde.** São Paulo: Atheneu, 2008. ISBN: 978-85-7379-957-6.

Nietzsche, F. (2019). **Assim falou Zaratustra.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2019. ISBN: 978.85.254.3212-4.

Nietzsche, F. (2012). **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2021. ISBN: 978-85-254-1916-3.

Specht, I. (2017). **Vitória.** Ismael Specht Intuition. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qpj4f26bQac>.

Specht, I. (2017). **Intuition.** Ismael Specht Intuition. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9y3aCWGDU-k>.

Specht, I. (2017). **Emanuel.** Ismael Specht Intuition. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzDekcp2jj4>.

Tieppo, C. (2019). **Uma viagem pelo cérebro: a via rápida para entender a neurociência.** São Paulo, SP: Conectomus, 2019. ISBN: 978-65-80549-00-9.

Walker, M. (2020). **Sleep is your superpower**. O sono é o seu superpoder. Vídeo do TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5MuIMqhT8DM>.

Walker, M. (2018). **Por que nós dormimos: a nova ciência do sono e do sonho**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. ISBN: 978-85-510-0365-7.

---

Este livro foi composto em Sabon  
Std pela Editora Autografia e  
impresso em papel offset 75 g/m<sup>2</sup>.

---